

Senilde Alcântara Guanaes



Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Mauro W. Barbosa de Almeida.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela comissão julgadora em 23/05/2001.

BANCA

Prof. Dr. Mauro W. Barbosa de Almeida (orientador)

Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi

Profa. Dra. Lúcia da Costa Ferreira

Maio / 2001

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Guanaes, Senilde Alcântara
Nas Trilhas dos Garimpeiros de Serra: Garimpo e Turismo em
Áreas Naturais na Chapada Diamantina-Ba
Senilde Alcântara Guanaes. Campinas, SP: [s. n.], 2001

Orientador: Mauro William Barbosa de Almeida.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Garimpeiros. 2. Diamante. 3. Ecologia. 4. Turismo. 5. Bahia.
I. Almeida, Mauro William Barbosa. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título

RESUMO

Este trabalho trata do modo como os garimpeiros manuais de diamantes da Chapada Diamantina no estado da Bahia percebem, interagem e se reconhecem diante das transformações que trouxeram novos usos e apropriações do espaço natural, assim como diante do desenvolvimento do turismo ecológico como a atividade econômica emergente. O garimpo de diamantes em sua forma manual ou artesanal - localmente conhecido como *garimpo de serra* - representa aqui não apenas uma porta de entrada para o universo de uma pequena, porém representativa, cidade baiana na região centro-oeste do Estado e seu crescente florescimento turístico mas também e principalmente procura situar os garimpeiros como sujeitos centrais na construção desse universo e de suas transformações. Em outras palavras, os garimpeiros de serra são tratados aqui como guias nas trilhas que nos levam ao Parque Nacional da Chapada Diamantina mas também e principalmente como aqueles que nos possibilitaram hoje estar trilhando esses caminhos.

ABSTRACT

This dissertation is on how the diamond miners or *garimpeiros* of the Chapada Diamantina in the State of Bahia perceive the transformations which have recently brought in new uses and appropriations of the natural space; on how they interact with these transformations and on how they have come to see themselves through these changes which have introduced among other things the ecological tourism as an emerging economic activity. Diamond mining, in its manual or artisanal form - locally known as *garimpo de serra*, or hill mining - is thus not just an entrance door to the world of a small but representative town of the hinterland State of Bahia, and to its burgeoning tourism, but is also the trail which will lead us to depict the hill miners as central subjects in the construction of this world and of its transformations. In other words, the hill miners are the guides who will take us through the trails leading to the Parque Nacional da Chapada Diamantina - the National Park of the Plateau of Diamonds; they are also those who made it possible for us to be following these trails today.



“Existem tantos diamantes na terra quantas estrelas no céu...”

Autor Desconhecido

À minha mãe *Nilde Guanaes*

À memória de *Sebastião Guanaes*, meu pai

À todos aqueles que um dia subiram a serra para *garimpar estrelas ...*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - pelo apoio financeiro e pela contribuição intelectual dada à essa pesquisa, juntamente com o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social desta universidade pela interlocução. Meus agradecimentos especiais às Profas. Dras. Emília Pietrafesa de Godoi e Lúcia Ferreira da Costa pelo profissionalismo e carinho dedicado a este trabalho durante o exame de qualificação.

Em seguida, agradeço e também ofereço esse trabalho ao Seu Anísio como representante da Sociedade União dos Mineiros (SUM) e à todos os garimpeiros de serra da Chapada Diamantina - hoje guias turísticos ou simplesmente “garimpeiros de estrelas” - por terem me iniciado na poesia de um garimpo que se faz diferente. Que esse trabalho possa nos auxiliar a olhar esses trabalhadores do sertão baiano com os olhos de dentro...

Os agradecimentos seguintes são guiados pelos lugares, nós antropólogos dos espaços naturais, das pequenas cidades e vilas, nós imigrantes nordestinos, nortistas, sulistas, enfim: nós passantes... ficamos mesmo é com “os lugares na memória”, cada pessoa é um lugar dentro de nós. Começando por Lençóis, lugar onde nasci: agradeço à todos os meus parentes que estão por lá e que muito auxiliaram nessa pesquisa e aos amigos e colegas pesquisadores que tentam contar um pouco de um sertão das águas onde nascem diamantes.

Especialmente aos amigos Roy Funch, Josemar, Delmar, Jânio e Ronaldo Senna - amigo antropólogo - um mestre no jogo da alteridade tão difícil para nós que estudamos nossos próprios lugares. Aos meus tios João e Alda e primos Nelson, Camila e Marcele, meu núcleo familiar em Lençóis.

À cidade de Salvador, lugar onde cresci e conheci pessoas de tantos outros cantos. Lá estão os ex-professores e colegas da Universidade Federal da Bahia que tanto tenho a agradecer, especialmente ao Professor Gustavo Falcón, sociólogo dos diamantes da Chapada Diamantina.

À minha mãe Nilde Guanaes, doce e querida amiga, que orienta meu caminho seja qual for a direção dos ventos; à toda a família - entre Salvador, Chapada Diamantina, Brasília e São Paulo - principalmente meus irmãos Alberto (Annirhuda Dasa) e Ana Guanaes; meus sobrinhos Tiê e Tainan e o meu querido Salvinho. Todos eles representam o lugar das águas doces, da praia, do cerrado, todos eles guardados na memória de tardes ensolaradas na praia de Itapuã: lugar do ajuntamento familiar...

À Pocinhos do Rio Verde, um lugar de Minas dentro de mim, especialmente ao amigo Fernando Guimarães, pelas violas enluaradas, à Soninha, amiga flor; ao Dércio Marques pelos “acordes”; à Ingrid Weber, parceira desse lugar; à amiga Ritinha de Caldas; à família Caçuta pela doce acolhida e pela realização do sonho de “uma casinha de varanda para ver o sol nascer”...; ao antropólogo e amigo Carlos Rodrigues Brandão, Maria Alice, e seus filhos Luciana e André.

Ao núcleo Rainha das Águas de Pocinhos do Rio Verde, lugar de união e força, principalmente aos queridos amigos Augusto e Iara; Paulo Fernando e a conterrânea Cris; ao Mestre Mário, pelos seus anos de caminhada e sabedoria. Em um plano superior agradeço ao Mestre Gabriel, meu querido mestre no caminho do sentir, com toda minha admiração e respeito pela sua obra.

Ao “Lar Doce Lar” que não carece de paredes e teto comuns para existir e se fazer inteiro: a Mariane Magno, coisa mais querida, ao Marcelo Pinta e Renato Ferracini, eles que mostram todos os dias como antropologia e teatro se comungam tão

bem... À nossa querida amiga Vilma, que nos ensina com poesia e dignidade a arte do bem viver.

Ao Núcleo Lume Teatro e ao querido Divino Barbosa pelo apoio material e logístico durante todo o processo desse trabalho.

Àqueles que são todos os lugares ao mesmo tempo, que cruzam, desviam, interagem e dão sentido à nossa caminhada e ao nosso sentimento de mundo. Aos amigos e amores Juliana Schiel, Isabel Missagia, Mariana Pantoja, Dalila Zanon, Marisa Barbosa, Eliza Costa, Roseli, Carlos e toda a família Afonso, Eliana Kefalás, Gabriela e Ivan Vilela. À querida Hilde pelo acolhedor abrigo... Ao Fernando Vilela, Silvana Jeha e Paulo Lins, à eterna amiga Patrícia Pinho. Ao Gilton, pela lembrança de uma outra chapada, aos queridos Kai Bredholt e Sérgio Carvalho, pela inspiração.

Aos amigos irmãos Augusto Postigo e à minha querida Adelvane Néia, guardo para eles o meu amor e infinitos agradecimentos...

Ao Demian Reis, pelas trilhas compartilhadas e muito bem guardadas na memória... e ao amado Otávio Contatore, pela paciência, pelo acolhimento na reta de chegada e, sobretudo, pela vida semeada ...

Guardo os agradecimentos finais ao querido amigo e orientador Mauro Almeida. Embora essa dissertação seja apenas um exercício intelectual, é fruto do seu carinho e paciência. A ele devo muito pelo apoio material, psicológico e intelectual dado a essa pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Eles, Os Garimpeiros de Serra	15
2. O Lugar Lençóis.....	24
3. Eu, Nativa.....	31

1. ABRINDO AS TRILHAS: A OCUPAÇÃO DA CHAPADA DIAMANTINA

1.1. Trilhando as Lavras Diamantinas	39
Em Busca dos Diamantes	42
Nasce a Chapada Diamantina	49
1.2. Lençóis dos Diamantes	55
Nasce a Vila dos Lençóis	56
A Vida Social na Antiga Chapada.....	58

2. NAS TRILHAS DA SERRA: GARIMPOS E GARIMPEIROS

2.1. Uma Antropologia do Garimpo	67
Os Outros Garimpeiros.....	68
2.2. Os Garimpeiros da Chapada Diamantina	80
Subindo a Serra: O jogo do diabo.....	82
Garimpando Estrelas	97

3. O ENCONTRO DAS TRILHAS: GARIMPO E TURISMO EM ÁREAS NATURAIS DE CONSERVAÇÃO

3.1. Os Garimpeiros em Áreas Naturais de Conservação	109
3.2. Os Caminhos do Diamante: O turismo na natureza	123
3.3. O Parque Nacional da Chapada Diamantina	
A Criação de um Parque Nacional.....	132
Considerações sobre Unidades de Conservação no Brasil.....	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
----------------------------------	-----

ANEXOS: Material Etnográfico.....	155
-----------------------------------	-----

LISTA DE FOTOS

Capa - Mãos de jovem garimpeiro lavando o cascalho	1
Dedicatória - Poço Encantado em Mucugê	7
Capítulo 1	
Foto 1 -Vista da cidade de Lençóis do alto	24
Foto 2 - Morro do Camelo: Ponto turístico	49
Foto 3 - Vale da Chapada Diamantina	51
Foto 4 - Vista da praça Horácio de Matos em Lençóis	58
Capítulo 2	
Foto 5 - Velho Garimpeiro na feira livre em Lençóis	67
Foto 6 - Bateias usadas para "lavar o cascalho"	79
Foto 7 - Velho garimpeiro solitário	80
Foto 8 - Mãos de jovem garimpeiro lavando o cascalho	82
Foto 9 - Poço Mucugezinho: Ponto turístico	96
Foto 10 - Imagem do N. Sr. Bom Jesus dos Passos	106
Foto 11 - Procissão dos garimpeiros: dia 02 de fevereiro	109
Capítulo 3	
Foto 12 - Cachoeira da Fumaça: Ponto turístico	111
Foto 13 - Poço Capivara: Ponto turístico	121
Foto 14 - Turista banhando-se em rio próximo ao garimpo	126
Foto 15- Vista da praça Horácio de Matos em Lençóis	128
Foto 16 - Poço Capivara: Ponto turístico	132
Foto 17 - Velho garimpeiro em casa abandonada na beira da trilha.....	153

INTRODUÇÃO

1. Eles, Os Garimpeiros de Serra

“O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo “coisas teóricas” muito importantes a respeito de objectos ditos “empíricos” muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios.”¹

O garimpo manual de diamantes é a atividade econômica fundante da região centro-oeste da Bahia, onde a Chapada Diamantina está localizada, recebendo o nome de Diamantina em referência à presença das jazidas de diamantes em seu subsolo. O garimpo manual, artesanal ou de serra - nomes usados para designar um único tipo de garimpo - é uma atividade tradicional da região e em especial dos municípios de Lençóis, Andaraí e Mucugê. É um tipo de garimpo que possui uma técnica rudimentar de extração que dispensa máquinas ou produtos químicos, são utilizados apenas instrumentos manuais como picaretas, pás, enxadas, e similares.

O garimpo manual ou artesanal de diamantes da Chapada Diamantina concentra-se quase todo na serra do Sincorá, principal área natural da região, transformada em parque nacional em 1985, há aproximadamente dezesseis anos. A denominação "garimpo de serra" foi adotada pelos próprios garimpeiros e inspirada em seu trabalho na serra. Entretanto, quando existia apenas o garimpo manual praticado quase que exclusivamente na serra, não havia necessidade de acrescentar as palavras "manual", "artesanal" ou de "serra" para a identificação do garimpeiro.

A diferenciação do garimpeiro, assim como o uso de nomes e definições para a afirmação da sua identidade foi realçada pela chegada do garimpo de draga² na região - trataremos do fato mais adiante. A ameaça de uma nova e lucrativa forma

¹Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, p. 20.

² Dragas são máquinas utilizadas na sucção e remoção do solo dos rios. No garimpo, são utilizadas para remover o cascalho do fundo dos rios e trazer à superfície, para em seguida lavá-los através de bombas d'água depositadas em caldeirões afunilados para onde o diamante corre.

de extração de diamantes representava o fim do garimpo tradicional e a substituição dos velhos garimpeiros por homens mais jovens, preparados para manipular as rústicas máquinas que pesam toneladas. Houve então um movimento de reconstrução da identidade dos garimpeiros de serra - auxiliado pelo movimento ambientalista³ regional - contra os garimpeiros de draga ou "novos garimpeiros", como estes passaram a ser chamados.

Nos primórdios do garimpo na região costumava-se dizer que o garimpeiro "enchia o saco para subir a serra e retornava à cidade para encher o saco". Encher o saco para ir à serra significava "fazer a feira" - comprar mantimentos e provisões alimentares para o longo período de estadia na serra - quando os mantimentos acabavam o garimpeiro voltava à cidade para fazer novas compras, vender e/ou lapidar as pedras encontradas e gastar o dinheiro acumulado com o garimpo. O que representa dizer, que no tempo áureo do garimpo a relação do garimpeiro com a cidade era praticamente transitória: a cidade era um lugar de passagem onde os garimpeiros se abasteciam, mantinham suas famílias e, sobretudo, era o lugar onde podiam exibir e comemorar o sucesso obtido na serra.

Com a decadência do garimpo de serra essa relação transformou-se muito ao longo do tempo. A apropriação e uso dos lugares se inverteu, a serra passou a ser um local de passagem e de passeio e a cidade a morada e principal meio de vida dos garimpeiros. Essa transformação será melhor abordada nos capítulos seguintes. O fato é que os garimpeiros enfrentaram muitas dificuldades e desafios ao longo de todo esse tempo: a concorrência das dragas, retiradas apenas em 1996⁴, após 16 anos de exploração do diamante em Lençóis; as políticas e influências dos órgãos ambientais e movimentos ecologistas; e mais recentemente, o chamado turismo "ecológico" praticado em áreas naturais.

³ Falaremos sobre o movimento ambiental na Chapada Diamantina no capítulo 3, onde estará sendo discutido questões mais atuais referentes à apropriação dos recursos naturais na região.

⁴ As dragas foram retiradas de Lençóis em abril de 1996, após uma violenta intervenção da Polícia Federal e do IBAMA.

Isso posto, o objetivo central desse trabalho é acompanhar a sobrevivência e estratégias de permanência dos garimpeiros de serra diante desse cenário de conflitos e transformações. Por outro lado, pretendemos pensar também de que modo essas “estratégias” de sobrevivência e permanência desses sujeitos contribuem para a problemática do uso e apropriação de espaços naturais conservados em âmbito geral. Entre o garimpo de serra destacado como uma atividade pontuada em um tempo passado e o turismo “ecológico”, como um empreendimento que caracteriza o futuro; talvez seja possível contemplar formas muito específicas e antagônicas no modo como essas populações relacionam-se com o espaço natural; o que de certa maneira poderá somar mais questões para a reflexão, que se faz tão presente nos dias atuais, sobre os modos de intervenção e de apropriação da natureza e de seus recursos.

Ao contar a história do garimpo e dos garimpeiros de diamantes da Chapada Diamantina pretende-se alcançar os significados que essa categoria rural confere ao espaço que ocupa e aos grupos humanos com os quais travam relações sociais e de trabalho, como por exemplo os visitantes e ambientalistas da região. O recurso etnográfico, condensado em uma narrativa, ora descritiva, ora analítica, está posto aqui como uma tentativa de conhecer, compreender e identificar aquilo que seria o ethos dos garimpeiros de serra. O resgate da história do garimpo na região e do seu passado é seguido de perto pela história viva e atuante de suas reminiscências, constantemente revitalizadas e atualizadas através do contraditório processo de exclusão e inclusão social e cultural dos garimpeiros de serra.

Os garimpeiros manuais constituem hoje cerca de 70 homens em atividade regular nas áreas de garimpo. Cerca de 150 garimpeiros são associados à SUM – Sociedade União dos Mineiros – entidade fundada em 1920 com o objetivo de legitimar a profissão. Muitos desses garimpeiros associados estão com idade avançada e sem condições físicas de exercer a atividade, mas vivem das lembranças do garimpo e da eminência de voltar à serra. São, ainda assim, reconhecidos como garimpeiros,

participam das atividades celebrativas da categoria, dos seminários e encontros promovidos para discutir a continuidade do garimpo na região e não se consideram afastados da atividade, estão sempre à espera de um bom tempo climático para voltar à serra.

Mesmo os garimpeiros que permanecem ativos no garimpo, não vão mais com tanta frequência à serra. A média de idade dos ativos situa-se na faixa dos 40 aos 60 anos, todos eles são homens casados, uma grande parte de origem negra, e têm portanto uma forte relação com as religiões afro-brasileiras locais. Todos os espaços ocupados pelos garimpeiros de serra, tanto no que diz respeito ao trabalho, ao campo religioso, ou ainda às esferas econômicas e sociais, serão focados nesse trabalho. Entretanto, é a própria fala dos garimpeiros - que retrata sua visão de mundo e suas idéias acerca do futuro - que será privilegiada aqui, e não as relações traçadas com os outros sujeitos envolvidos.

A Chapada Diamantina é bem ampla, compreendendo uma parte considerável da região centro oeste da Bahia - quase toda ela sertão - Entretanto a Chapada garimpeira corresponde a aproximadamente 60% desse território, desses a maior parte corresponde ao garimpo de diamantes e uma pequena fração à extração do ouro, resumindo-se à dois municípios basicamente: Rio de Contas e Jacobina: ambos extremamente importantes para a economia da região e com fortes influências culturais no interior do estado.

Contudo, a Chapada Diamantina como o próprio nome indica, foi quase toda ela estruturada na economia do diamante, mesmo as cidades que não possuíam o mineral dependiam direta e indiretamente dos diamantes extraídos na região. Entre as cidades que centralizaram a extração e comércio do minério, Lençóis sempre ocupou lugar de destaque, ao lado de cidades como Mucugê e Andaraí. Como Lençóis se tornou rapidamente um forte entreposto comercial, concentrando a maioria dos pedristas (compradores de diamantes) e boa parte das casas de lapidação, muitos garimpeiros escolhiam a cidade como morada - lá estabeleciam-

se com suas famílias e pequenos negócios. Lençóis é então o local privilegiado por essa pesquisa, pois é onde estão fixados boa parte dos garimpeiros de serra e suas famílias.

O desenvolvimento do turismo também coloca a cidade de Lençóis em uma posição privilegiada com relação aos outros municípios da região. Sendo assim, encontramos nesse município as condições necessárias para o desenvolvimento da pesquisa: em Lençóis estão os garimpeiros de serra com suas famílias, a Sociedade União dos Mineiros (a entidade dos garimpeiros de serra), os órgãos ambientais, e o maior número de pousadas e hotéis de grande porte da região. Ou seja, o cenário que compõe o universo simbólico e material dos garimpeiros de serra está todo ele concentrado entre as serras que guarda e esconde a cidade de Lençóis.

Lembramos que o presente trabalho abrange apenas a sede do município, excluindo portanto todos os povoados adjacentes. Embora boa parte desses povoados tenham tido um papel relevante na história do garimpo de diamantes na região e recebam frequentemente visitantes interessados em suas belezas naturais, eles não fazem parte do foco da pesquisa. De qualquer modo, constituindo quase que uma extensão política e geográfica de Lençóis nota-se a presença desses povoados, ora pela proximidade, ora pelo intercâmbio e dependência estabelecidos com a sede do município.

O distrito de Tanquinho, por exemplo, devido à sua localização geográfica, tornou-se o portal de Lençóis: é uma passagem obrigatória para quem vai à cidade. O aeroporto de Lençóis, o maior da região, fica situado no distrito de Tanquinho, onde também passam os ônibus interestaduais que não entram em Lençóis. Esses fatores contribuem para que o distrito torne-se uma extensão natural da sede do município, o que muitas vezes o inclui no campo de atuação da pesquisa.

O objetivo aqui é conhecer a região dos diamantes e a sua natureza exuberante através daqueles que o construíram. Os garimpeiros da Chapada Diamantina são vistos, não apenas por essa pesquisa, mas através de um reconhecimento social

significativo, como a ponte que une natureza e cultura, trabalho e meio-ambiente, e que dessa forma pode ajudar a decifrar as questões ligadas à natureza e à cultura local.

Após a paralisação do garimpo mecanizado, que esteve explorando o mineral na região por cerca de quinze anos, os garimpeiros de serra (que não utilizam máquinas) têm sofrido uma acirrada pressão para parar suas atividades de garimpagem na serra do Sincorá - área principal do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Foi elaborada uma “Carta de Intenções” para relatar esse problema e alguns seminários e eventos foram organizados com o intuito de expor a situação dos garimpeiros de serra e mobilizar a população local para a importância de um acordo ou “pacto social” com a categoria garimpeira.

Essa pesquisa insere-se no centro dessas discussões, constituindo-se em mais uma face desse processo, com o propósito de acentuar a relevância do tema e principalmente, de instigar esses garimpeiros quanto à sua condição social e humana. Tentamos ao longo desse estudo não contaminar a pesquisa com posições tendenciosas em defesa do garimpo de serra e/ou de alguns grupos em especial. Por outro lado, creio que não estamos inteiramente comprometidos com a neutralidade, que muitas vezes esteriliza o campo estudado. Em se tratando de uma pesquisa sobre um tema caracteristicamente conflituoso e tenso, e inserindo-me como parte desse processo, torna-se difícil manter uma posição alheia aos diferentes lados.

A problemática recortada por essa pesquisa aborda uma situação extremamente delicada que envolve questões indissolúveis a curto prazo, até porque são questões processuais e tensas, como já foi dito, que passam pela propriedade legal, pela legalização de um parque nacional, pelo direito de uso e propriedade dos garimpeiros e por fim, por interesses políticos do governo do estado, que vem investindo intensamente na indústria turística local.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo conta a história de ocupação da Chapada Diamantina, o surgimento das cidades e povoados, e procura relatar através de uma idealização do presente aquilo que foi a vida social das Lavras Diamantinas em tempos de abundância e riqueza. Não há uma preocupação nessa pesquisa em perceber a verdade dos fatos, aquilo que realmente ocorreu mas, acima de tudo, o modo como esses fatos são lembrados e reconstituídos no presente. Mesmo porque a maior parte desses registros “formais” e jurídicos foram destruídos durante as intermináveis invasões e lutas coronelistas na região e em quase todo o estado da Bahia no início do século XX e fim do século XIX.

No segundo capítulo procuramos fazer uma referência a alguns estudos etnográficos sobre o garimpo, privilegiando aqueles que situa o garimpeiro como sujeitos de uma categoria ligada à terra - investigando sua fluida identidade e a forma peculiar de se relacionarem com o espaço natural - são estudos que buscam uma aproximação da figura humana do garimpeiro e da sua difícil condição de vida. Tanto na referência bibliográfica utilizada quanto na presente etnografia - concentrada nesse segundo capítulo - há o compromisso em retratar os garimpeiros sem classificá-los como bons ou maus sujeitos e sim enquanto trabalhadores rurais que apresentam sérias dificuldades no trato com a natureza e com a sociedade que o cerca.

O estilo etnográfico sugerido aqui tenta escapar da descrição exaustiva sobre as técnicas de trabalho dos garimpeiros de diamantes, sobre a organização social do grupo ou ainda, de relatos detalhados sobre suas manifestações culturais e religiosas. Entretanto, todos esses elementos estão presentes ao longo do texto. A escolha por uma etnografia focalizada na oralidade - nos relatos das experiências vividas, no momento presente, e nas idéias e sentimentos de velhos garimpeiros de serra - deve-se ao fato de que as zonas de garimpo de diamante não têm hoje a concentração social de antigamente. O que significa dizer que há uma

inconsistência na identificação da categoria enquanto grupo social e consequentemente na elaboração de uma etnografia mais clássica.

No capítulo três tratamos de questões mais atuais relacionadas ao garimpeiro de serra e ao espaço natural que constitui seu lugar de vida e trabalho: a serra, mais precisamente a serra do Sincorá - região envolvida pelo parque nacional. Entre essas questões sobressaem duas importantes discussões, necessariamente interligadas, a principal delas é a presença da indústria turística na região, através de um balanço de dez anos de atuação e radicais transformações procuramos retratar o turismo sob a ótica dos garimpeiros de serra. A segunda discussão enfatiza não a atividade econômica do turismo, e sim a questão ambiental refletida pela prática do ecoturismo e pela criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina que envolve áreas tradicionalmente usadas pelos garimpeiros de serra.

Tanto a prática do turismo ecológico quanto a criação de um parque nacional em áreas naturais da Chapada Diamantina são elementos importantes nesse estudo, pois surgem como causa e efeito de um processo econômico que há mais de dez anos tenta substituir a vocação garimpeira da região por uma atividade mais estável e menos prejudicial à sua belezas naturais. Embora o garimpo esteja economicamente extinto, com pouquíssimas extrações e nenhum lucro, o garimpeiro continua ocupando lugar de destaque na configuração atual.

Eles, os garimpeiros de serra, possuem o conhecimento sobre as áreas naturais da Chapada Diamantina, estão portanto qualificados não apenas como os melhores guias turísticos mas como auxiliares e técnicos nas expedições científicas de reconhecimento e mapeamento da fauna e flora da região. Estão também no centro das discussões e embates a respeito do processo de legalização do Parque Nacional da Chapada Diamantina - situado em grande parte na serra do Sincorá - habitat por excelência dos garimpeiros de serra.

Os grupos locais, representados pelas organizações governamentais e não governamentais engajadas em causas ambientalistas, e o grupo "Avante Lençóis" -

que possui uma linha de ação mais ampla e é composto em sua maioria por nativos da região - são citados no terceiro capítulo e nas considerações finais pela estreita relação com a entidade de proteção dos garimpeiros de serra - a SUM. Não é nosso objetivo apresentar esses grupos e a discussão trazida por eles pois seria uma outra problemática que não temos condições de contemplar nesse momento.

Com uma ressalva apenas para o grupo "Avante Lençóis", que será abordado com um certo destaque por possuir uma linha de ação mais acoplada à associação dos garimpeiros de serra, e por frequentemente conjugarem forças com a categoria no que se refere à questões no campo das reivindicações políticas e sociais. O grupo vem desenvolvendo programas de cidadania cultural e ambiental que visam o desenvolvimento social associado à permanência do garimpo de serra.

As considerações finais refletem muito das discussões realizadas no terceiro capítulo, é onde permito-me fazer uma reavaliação da atual relação do garimpeiro de serra com a região da Chapada Diamantina como um todo e com a empresa turística e ambiental mais especificamente. Permito-me também fazer sugestões que não estão sob a minha inteira responsabilidade, mas são frutos de um aparente consenso entre nativos e ecologistas da região. São caminhos apontados pelos garimpeiros e inclusive pelos idealizadores do parque, que visam conjugar as atividades extrativistas e turísticas, embora pareçam inconciliáveis.

Nesse sentido a cidade pode estar trazendo uma inovação quando sugere um pacto entre predadores e conservadores da natureza. Talvez esse seja o ponto conclusivo dessa pesquisa, dado não pelo meu mérito mas pelo interesse dos grupos envolvidos em encontrar uma congruência entre as duas economias aparentemente opostas e contraditórias. Se a congruência sugerida de fato funcionar, Lençóis terá outros predicados para apresentar à outras chapadas, outros recantos naturais e contextos naturais conservacionistas.

2. O Lugar Lençóis



Vista da cidade de Lençóis do alto

Partindo de Salvador, capital baiana, para a Chapada Diamantina percorrem-se 420 km de rodovia intermunicipal totalmente asfaltada, ainda que em condições precárias. É a BR-324 que depois se transforma na BR-242 à medida que entra no interior do Estado fazendo a comunicação entre o litoral e a região centro-oeste da Bahia, quase toda ela sertão. Ao deixar prá trás Feira de Santana, a cerca de 120 km de Salvador, a primeira cidade que se apresenta como Chapada Diamantina é Itaberaba que fica a aproximadamente 200 km de Lençóis e indica que estamos em mais da metade do caminho.

Enfrentando mais duas horas de viagem alcançamos a primeira localidade do município, um pequeno povoado chamado Tanquinho, menos de trinta minutos e chegamos na cidade de Lençóis. Bem antes desse momento, logo ao sair de Itaberaba, a paisagem das serras recortadas e da vegetação exótica já se apresentam ao visitante que pretende conhecer a Chapada. Encravada entre as serras, a cidade de Lençóis parece estar em uma cratera, tudo se eleva diante dos olhos. A cidade cresce para o alto, para as encostas das serras que a cercam.

Ainda no alto da serra que se atravessa para chegar a Lençóis, é possível avistar timidamente entre uma paisagem e outra alguns sinais da cidade que vai se revelando aos poucos aos olhos do visitante. Nesse momento muitos ficam tentados a imaginar a história contada pelos mais antigos para explicar a origem do nome dado à cidade: "... sob os toldos brancos dos acampamentos que, vistos do alto da serra, davam a impressão de lençóis estendidos à margem da caudal."⁵.

Hoje já não avistamos as tendas dos garimpeiros mas certamente desfrutamos do espetáculo das águas brancas e borbulhantes que descem esculpindo as pedras dos rios e que sob um olhar mais atento assemelham-se à lençóis brancos estendidos ao sol. São as primeiras imagens do rio Serrânio (ou Serrano), caldeirões d'água que envolvem a cidade e que têm, quando vistos do alto, o formato do mapa do Brasil.

Ao chegar em Lençóis as águas já se apresentam através do rio Lençóis que separa a cidade ao meio. O rio desce do balneário Serrânio e suas águas nascem no alto da serra, daí o nome Serrânio ou Serrano como também é correto dizer, após a travessia no interior da cidade o mesmo rio recebe o nome de São José e vai desaguar fora da cidade formando a prainha de Zaidan, lugar de areias de tom roseado e águas rasas e tranquilas, local escolhido pelas mães para o passeio com as crianças. Hoje o rio São José está quase todo assoreado, restando às vezes apenas uma areia escura, efeito da erosão causada pelo garimpo mecanizado praticado nos baixios do rio Ribeirão, outro rio próximo à cidade.⁶

Lençóis é uma cidade relativamente antiga, fundada em 1856. Possui 144 anos de existência. O censo de 1994 registrou cerca de 10.000 habitantes em todo o município e 6.000 concentrados na sede, hoje (ano 2000) há uma estimativa de

⁵Moraes Walfrido. *Jaguços e Heróis: A civilização do diamante nas lavras da Bahia*. Salvador-Ba, Edições GRD, 1973, p. 15

⁵ O garimpo de draga ou mecanizado não deve ser confundido com o garimpo artesanal ou de serra, com o qual forma um contraste. O uso de dragas na garimpagem foi interditado no município de Lençóis em abril de 1996.

⁶Os detalhes sobre a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina e seu estado atual vão ser tratados mais à frente.

8.000 habitantes na sede e 12.000 no município. Em 1976, em reconhecimento ao seu conjunto arquitetônico, foi tombada pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN - IPAC) e em 1985 foi criado um Parque Nacional em seus arredores.⁷

A cidade apresenta sempre um clima calmo e pacato, embora receba um número grande de visitantes durante quase todo o ano. A primeira impressão causada ao visitante é de abandono, conciliada a um certo charme das cidades que viveram o século passado com vigor econômico e opulência. Assemelha-se às cidades mineiras de Diamantina, Mariana, Serro e até mesmo Ouro Preto, que também compõem a história da mineração no Brasil. Tais comparações serão feitas vez ou outra até mesmo pela procedência da população lençoense, quase toda ela vinda dos lados de Minas Gerais, principalmente da região norte do estado.

Lençóis não é um município bem assistido em termos de estrutura básica e administrativa em vista da quantidade de visitantes que recebe por ano. A cidade possui apenas um posto de saúde, que sempre existiu de forma precária, com apenas uma enfermeira responsável e acaba de ganhar um hospital inaugurado no ano passado que vai contar com a assistência de pelo menos dois médicos titulares e de duas enfermeiras a mais.

A praça principal, considerada o centro da cidade, abriga uma agência do Banco do Brasil, único do município, o enorme prédio da agência de correios e telégrafos, a farmácia, uma biblioteca municipal, onde também funcionam o Ibama e outros órgãos ambientais do Estado, o prédio do antigo sub-consulado francês - um dos edifícios mais apreciados pelos visitantes pela sua beleza e localização -, e o sobrado onde há projetos de funcionamento dos futuros museus do Garimpo, do Jarê⁸ e do Coronelismo. Por enquanto o único museu da cidade em funcionamento

⁸O Jarê é considerada uma religião de origem africana “produzida” no sertão baiano, principalmente nas zonas de garimpo. Alguns aspectos e elementos dessa religião serão comentados no presente trabalho embora esse não seja nosso tema.

é o que é dedicado ao escritor Afrânio Peixoto, natural de Lençóis. Os demais prédios da praça são ocupados pelo comércio: são bares, restaurantes e lojas de artesanato voltados para o turismo.

A praça central, assim como a única escola primária estadual, recebe o nome de Horácio de Matos, chefe político e *coronel* que liderou a política e economia da cidade no século passado - o *clã* dos Matos, denominação dada pelos historiadores do coronelismo na Bahia, é contemporâneo à história da garimpagem na Chapada Diamantina.

Lençóis possui apenas duas igrejas, situadas em lados opostos da cidade. A igreja mais importante é a do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros manuais, que fica logo à entrada de Lençóis. A outra igreja é dedicada à padroeira da cidade Nossa Senhora da Conceição e é conhecida como igreja do Rosário, esta fica em uma praça sutilmente escondida ao primeiro olhar.

Embora Nossa Senhora da Conceição seja oficialmente a padroeira do lugar, é notória a pouca popularidade da santa entre os lençoenses - a maior parte da população é devota do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros -, ao lado das entidades e santos do Jarê. Alguns consideram o “Senhor dos Passos”, abreviação bastante usada no local, como o verdadeiro padroeiro de Lençóis. São igrejas bem simples apesar da riqueza que ali se instalou, em nada se comparando, por exemplo, às igrejas mineiras de Ouro Preto, sobre as quais escreveu Carlos Rodrigues Brandão: “... o sagrado parece ser ali”.⁹

Após um breve passeio entre as ruas estreitas e inclinadas de Lençóis, calçadas com pedras da própria região, encontram-se as hospedarias próximas ao centro que são normalmente modestas casas de famílias transformadas em hotéis, abrigos e alojamentos. As pousadas maiores e com maior conforto ficam mais afastadas, são construções recentes e algumas alcançam o sopé das serras que circundam

⁹Brandão, Carlos Rodrigues. A Cultura na Rua: Ouro Preto. Campinas, manuscrito, s.d.

Lençóis. O tombamento não permite novas construções no centro da cidade e de todo modo não resta espaço físico para isso, a não ser derrubando os antigos imóveis, o que se constitui em crime inafiançável contra o Patrimônio.

A prefeitura é um dos edifícios arquitetônicos de grande valor histórico e cultural. Em seu interior estão abrigados, além de todo o sistema administrativo municipal - gabinete do prefeito, secretarias e funcionários -, a cadeia pública municipal que fica no subsolo do prédio. Com exceção do fórum e da câmara dos vereadores, todos os órgãos: públicos e administrativos, municipais, estaduais ou federais, ocupam os sobrados e casas antigas, todas elas tombadas pelo Patrimônio Histórico. Ocorre o mesmo com órgãos públicos ambientais como o Ibama - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente -, bem como outras instituições ambientais estaduais e municipais que serão citadas adiante.

As casas possuem todas alguns traços da arquitetura colonial do século passado. São sobrados e casas estreitas em sua maioria, cuja extensão evoluiu para os fundos formando longos corredores que interligam os cômodos do imóvel. No alto da porta, logo na entrada dos sobrados residenciais, e nas esquinas das construções, é comum a presença de lampiões, resgatando um passado de histórias e influências estéticas e culturais de diversas partes do mundo.

Alguns sobrados e casas residenciais se destacam das demais, como os da família do comerciante Sebastião Guanaes ¹⁰, do colecionador e restaurador de objetos antigos, Mestre Osvaldo, o da família Senna, o de Edgar (antigo sub-consulado francês) e o da família Andrade: destacam-se como exemplos de arquitetura colonial e são privilegiados pela localização. Todos eles já foram citados em livros de folcloristas e romances de escritores locais.¹¹

¹⁰ Trata-se de um imóvel pertencente à minha família. Citado aqui por ser um prédio de grande valor histórico e cultural.

¹¹ Ver Gonçalves, M. Salete Petroni de Castro. “-*Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis-BA-*”. São Paulo, Escola de Folclore, 1984, p. 27

Há duas grandes construções que saltam aos olhos dos visitantes. Uma é a ponte que une os dois lados da cidade separados pelo rio Lençóis. A ponte, embora simples em sua arquitetura, tem um enorme valor para os lençoenses pela sua força e importância histórica, tendo resistido a várias enchentes. Os moradores contam que a ponte, de três arcos, foi construída pelo escravos “*toda em pedra, usando, como argamassa, óleo de baleia e gema de ovos*”. A construção datada de 1860 foi rompida ao meio na enchente de 1976, que arrasou com a cidade, deixando vários desabrigados e instaurando estado de calamidade pública em todo o município.

A outra construção importante é o mercado municipal, localizado na praça das Nagôs, onde durante muitos anos acontecia a feira pública, transferida para um outro local pela atual prefeitura com a alegação de uma reforma ainda não concluída. O mercado possui um estilo barroco bastante acentuado, com enormes arcos de pedras, e lá desenrolaram-se importantes acontecimentos locais que vão desde à política à vida cultural. O mercado foi também cenário do filme “*Bugrinha: Diamante Negro*”, produzido pelo cineasta Orlando Senna e baseado no romance de Afrânio Peixoto.

Embora o município de Lençóis seja um local privilegiado pela natureza, destacado pela cultura diamantífera que ali se desenvolveu - gerando riquezas e fama ao lugar -, o que o faz um lugar privilegiado pela presente pesquisa não é especialmente seu passado de diamantes ou sua forte história de guerras e conquistas travadas pelos chefes políticos da região ou ainda a beleza das suas áreas naturais que desperta a atenção de viajantes de todas as procedências.

Acredito que todos esses elementos agrupados transformam Lençóis em um rico e interessante *locus* de pesquisa. Ou seja, o que nos interessa de fato é a representatividade que todas essas coisas têm no cenário dos conflitos e debates sobre as formas de uso e concepção dos espaços naturais. Nesse sentido Lençóis não é apenas um lugar turístico em evidência que recupera-se do anonimato e

esquecimento provocado pelo efeito cíclico de uma economia de subsistência qualquer.

Mais do que isso, a cidade vem de um passado de reconhecimento mundial pela sua economia diamantífera, após a escassez de suas jazidas conhece o abandono e a pobreza, convive com a nostalgia dos tempos da riqueza e do poder político, permanece sobrevivendo de um garimpo incipiente e estatisticamente ignorado pela economia estadual, até ser resgatada pela florescente indústria do lazer que alimenta novas formas de exploração econômica e estabelece um outro nível de relação entre a população e o meio natural do qual é parte.

A história original e até mesmo adversa da região da Chapada Diamantina com sua singularidade de um passado exclusivamente extrativista, que embora perverso com a natureza, se alimenta hoje da sua exuberância e preservação para a sobrevivência econômica da população, nos faz acreditar que na Chapada Diamantina e especialmente na cidade de Lençóis encontramos elementos privilegiados para o exercício de investigação acerca de temas que ganham hoje importância internacional, e nos quais se cruzam a importância do turismo na economia, e a relação entre as populações ambientais e as unidades de conservação.

O desenvolvimento dessa pesquisa na cidade de Lençóis confundiu-se, pelas razões expostas na seção seguinte, com a minha história pessoal. De qualquer modo, gostaria de ressaltar que o meu olhar sobre a cidade, e sobre o tema que esse trabalho repousa, não foi acentuado apenas pela condição de *nativa*, mas principalmente pela longa história de envolvimento político com a questão ambiental através da participação em grupos, partidos e associações ambientais e ecológicas durante muitos anos e até os dias atuais.

3. Eu, Nativa

*“... para se estar em estado de operar uma objectivação que não seja a simples visão redutora e parcial que se pode ter, no interior do jogo, de outro jogador, mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele.”*¹²

Começo com a citação acima porque ela aponta um problema metodológico que se apresentou em diversos momentos desse trabalho. A dificuldade em fazer parte do próprio campo de pesquisa e de estar, ao mesmo tempo, fora e dentro desse campo fizeram-me pensar sobre a minha posição no interior desse jogo e sobre os limites políticos e emocionais das relações constituídas. Decidi então contar a minha própria história numa tentativa de refletir sobre os caminhos que me levaram de volta à Lençóis e sobre as questões focalizadas nessa pesquisa.

As palavras de Bourdieu em epígrafe refletem de modo muito pertinente o modo como me vejo enquanto pesquisadora de um ambiente familiar. Por um lado a pesquisa consiste em uma objetivação - o que significa que fui obrigada a me distanciar do ambiente que faz parte integrante de minha subjetividade, para vê-lo como objeto, com uma “visão global”. Mas por outro lado trata-se de uma apreensão de quem “saiu dele”, como eu.

Construir diálogos que permitam uma compreensão do sentido do jogo do outro, nos aproximar das regras desse jogo ao ponto de conhecê-las e compreendê-las, sem no entanto nos tornarmos aliados de uma ou outra parte é sem dúvida uma tarefa difícil. Entretanto construir a estranheza também representa um exercício árduo. Diríamos que a questão metodológica pertinente ao processo de construção do campo empírico dessa pesquisa foi a de construir o distanciamento necessário para não apenas enxergar o outro como também para me enxergar em relação a esse outro.

¹²Bourdieu, Pierre. “O Poder Simbólico”: Cap. II - Introdução a uma sociologia reflexiva, pág. 58.

Nasci e passei meus primeiros nove anos de vida em Lençóis, na Chapada Diamantina. Sou pois filha de família tipicamente sertaneja, embora Lençóis seja considerado o sertão das águas: a proximidade com o velho rio São Francisco, com as cidades de Irecê, grande produtora de feijão, e com Xique-Xique, quase símbolos do sertão baiano, reafirma o meu pertencimento às terras áridas do sertão.

Minha família é composta de dois casamentos por parte do meu pai. Tenho sete irmãos do primeiro casamento - chamamos: "parte de pai" - e apenas um irmão do segundo casamento do qual também sou fruto. Minha família nuclear era então pequena, composta por mim, meu pai, minha mãe e meu único irmão pelos dois lados: pai e mãe.

O meu pai, Sebastião Guanaes, esteve por pouco tempo quando ainda era jovem no "ofício da garimpagem", como os garimpeiros mais antigos gostam de dizer. Segundo alguns deles, "Seu Sebastião" saiu do garimpo porque bamburrou ¹³, entretanto não sabemos ao certo se essa informação é verdadeira. O fato é que a maior parte dos homens de Lençóis já estiveram de alguma forma envolvidos com a atividade mineira. Seja como comerciante de diamantes, como dono de garimpo ou simplesmente como garimpeiro.

De qualquer modo, meu pai sempre foi reconhecido na cidade de Lençóis e imediações como comerciante por ter estabelecido um pequeno comércio de tecidos e medicamentos (loja de tecidos, bazar e farmácia ao mesmo tempo) entre as cidades de Lençóis, o povoado de Estiva e o povoado da Parnaíba, no município de Iraquara. Durante toda a minha infância estive viajando entre essas pequenas localidades em companhia dos meus pais, e o Capão, vale pertencente ao município de Palmeiras, onde moravam meus avós maternos.

Morei em Lençóis durante toda minha infância. Lembro-me do meu pai bastante envolvido com a política da região, tinha muitos amigos prefeitos, deputados e

¹³ "Encontro de diamantes grossos e de valor ponderável. Enriquecimento súbito no garimpo." Moraes, Walfrido. *Jagunços e Heróis*. Edições GRD, Salvador, 1973.

estava sempre engajado em campanhas entre os povoados onde tinha comércio. Ser dono de farmácia, lugar onde tinha muitos remédios e portanto a cura das doenças, fazia do meu pai um homem muito conhecido e respeitado na Chapada Diamantina.

Meu pai era filiado ao PMDB, na época oposição partidária ao antigo PDS, em Lençóis esses partidos eram apelidados respectivamente de Pavão e Jacú. Lembro-me de momentos tensos em época de eleição, para uma cidade com forte passado coronelista a política era uma questão de vida ou morte e sempre envolvia toda a família. Houve episódios trágicos que envolveram roubos, sequestros e trotes violentos entre os candidatos e seus aliados. Em época de eleições muitas famílias tiravam seus filhos da cidade ou simplesmente não deixavam sair de casa sem estar devidamente acompanhados.

Recordo também que os homens considerados figuras importantes na região eram normalmente comerciantes de diamantes ou donos de garimpo. A política era, portanto, muito marcada e até decidida pela opinião dos garimpeiros e pela dinâmica da mineração. Muitas vezes o momento de comercialização das pedras - realizado em bares, dentro de casa ou nos estabelecimentos comerciais - era também o momento de discussão a respeito dos chefes políticos e de seus últimos atos ou palavras.

Na loja de tecidos do meu pai tinha sempre algum garimpeiro descendo a serra (voltando do garimpo) com uma *gema*¹⁴ em mãos, oferecendo ao meu pai e seus amigos. Principalmente padrinho Zé Senna, grande amigo do meu pai. Zé Senna, que já foi prefeito da cidade, sempre comprava diamantes ou discutia sobre política lá na loja, onde também contava as novidades do Rio de Janeiro, cidade onde morava. Por ser meu padrinho estava sempre a me presentear com pequenas

¹⁴Como também é chamada a pedra de diamante.

pedras de diamantes que quase sempre transformavam-se em anéis nas mãos dos lapidadores.¹⁵

Em Lençóis normalmente as pessoas eram presenteadas com pedras de diamantes ou jóias com diamantes, quando casavam, completavam quinze anos, quando eram batizadas, quando formavam-se, ou em qualquer outra data especial. Não eram diamantes muito valiosos embora fossem muito estimados por aqueles que os possuíam. Era uma ofensa por exemplo, vender o diamante ganhado ou simplesmente não usá-lo nas ocasiões especiais.

E assim, entre diamantes, brincadeiras, políticos e política, muitos banhos na prainha de Zaidan e poucos banhos de cachoeira - os balneários da Chapada eram considerados muito perigosos para as crianças - eu vivi minha infância em Lençóis. Em 1979 minha família mudou-se para Salvador em busca de uma melhor formação escolar para os filhos. Tal deslocamento sempre foi muito comum entre as famílias do lugar e ainda hoje prima-se pela formação escolar e acadêmica. Antigamente o Rio de Janeiro era o local escolhido para a morada dos lençoenses, só mais tarde passou-se a valorizar a capital baiana e desde então o fluxo migratório vêm se intensificando.

Por volta de 1985, então com quinze anos, comecei a atentar para a movimentação turística e ecológica que estava acontecendo na Chapada Diamantina. Tomei conhecimento então do movimento ecológico *SOS Chapada*¹⁶, tive a oportunidade de participar de diversas reuniões do grupo, mas não me identificava com o caráter discursivo e teórico do grupo. Eu tinha em mente uma ecologia voltada

¹⁵Pessoas que trabalhavam nas casas de lapidação: lugar onde os diamantes eram trabalhados até chegar à luz e cor adequadas e em seguida eram transformados em jóias pelos artesãos. Lençóis já possuiu várias casas de lapidação.

¹⁶O grupo visava chamar a atenção para a proteção do ecossistema da Chapada Diamantina, baseados na idéia de que estava na Chapada a nascente do rio responsável pelo abastecimento de água da cidade de Salvador. O Grupo tinha a participação de militantes ecológicos de Salvador.

para a prática, nos moldes do Greenpeace¹⁷, com bastante ação e intervenções radicais, embora procurasse acompanhar todos os eventos, reuniões e discussões dos grupos ambientalistas que conhecia – todos eles já atentos e sensibilizados com a importância e fragilidade do ecossistema da Chapada Diamantina.

Desde então participei de muitos movimentos ou ações que envolviam a Chapada Diamantina: movimentos culturais e ecológicos, feiras e eventos, cursos e palestras, promoções turísticas, entre outros. O destaque maior fica com a militância e filiação ao PV - Partido Verde de Salvador (dos 17 aos 20 anos) para em seguida aderir ao PT - Partido dos Trabalhadores. Ambos os partidos, PV e PT, possuem comitês e uma participação popular ampla em Lençóis.

Creio que a cidadania ecológica, evidenciada quando os incêndios ameaçam destruir a serra ou quando as queimadas ou assoreamento causado pelo garimpo mecanizado danificava a paisagem natural, foi uma das grandes responsáveis pelo processo de transformação da consciência política local, hoje contagiada por associações, Ong's e movimentos sociais (pequena escala) de todas as espécies.

O destaque fica para o trabalho de guia turístico, experiência curta (1 ano aproximadamente) no entanto bastante proveitosa e instigante. Muitas das impressões, das vivências e das relações apreendidas durante o trabalho de guia estarão colocadas ao longo dessa pesquisa. Creio inclusive que a experiência de guia turístico foi o ponto inicial de reflexão para esse trabalho, desde quando os temas básicos que compõem a dissertação - o turismo, a ecologia e o garimpo - relacionam-se e reconhecem-se no ofício do guia.

Já morava em Salvador quando, por acaso, fiz a minha primeira trilha como guia turístico. Estava em Lençóis quando encontrei um grupo excursionado por um amigo de Salvador que estava fundando uma agência de viagens. Como a maior

¹⁷Greenpeace “é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada há 28 anos com o objetivo de lutar pela defesa do meio ambiente”. Atualmente possui escritórios em 30 países, inclusive no Brasil, e sobrevive com a contribuição financeira dos seus sócios.

parte das agências, o grupo vinha de Salvador acompanhado por um guia responsável pela excursão, quase que um agente de viagens, chegando na cidade procuravam um guia local e faziam seus passeios. Meu amigo não havia reservado o guia local com antecedência (que deveria ser credenciado) e convidou-me para guiar o grupo dele.

Pedi autorização à Secretaria de Turismo - órgão responsável pela formação e organização dos guias naquela época - e segui viagem. Fiz todos os passeios previstos para um fim de semana e logo em seguida estava contratada para trabalhar na agência. Minha função seria a de agenciar a viagem desde o momento de saída de Salvador, o que compreendia: checar passagens, números de passageiros, se a bagagem estava adequada ao passeio, tempo e local das paradas no trajeto até Lençóis, a organização no interior do ônibus, checar as acomodações no hotel, entre outras coisas.

Ao chegar em Lençóis eu própria guiava o grupo em todos os lugares, apenas nas grutas era exigido um guia especial (guia especialista em cavernas), que era treinado e autorizado pela Secretaria de Turismo do município em comum acordo com os donos das fazendas onde ficam as grutas em visitação. Fiz algumas viagens com essa agência. As excursões sempre saiam de Salvador, embora as pessoas fossem de diferentes partes do mundo: Japão, Europa, Estados Unidos da América, e o Brasil inteiro, principalmente São Paulo. Normalmente o grupos estrangeiros já possuíam seus tradutores, que os acompanhavam desde a chegada ao Brasil.

Ao longo desse trabalho permito-me acrescentar várias das impressões e sentimentos que fui adquirindo ou simplesmente elaborando durante a prática de guia turístico em áreas naturais, embora não seja esse o tema proposto aqui. Entretanto, é útil lembrar que naquela época eu era apenas uma jovem secundarista e não uma estudante de Antropologia - minha condição atual. Desse modo, todos os comentários, dados e informações referentes à esse período, além de representarem uma visão do senso comum, precisam ser remetidas ao contexto

em questão: ou seja, o olhar subjetivado de uma adolescente nativa, hoje contrastado com o olhar antropológico de uma mulher adulta.

1. ABRINDO AS TRILHAS: A Ocupação da Chapada Diamantina

1.1. Trilhando as Lavras Diamantinas

" 'Contar é muito dificultoso, afirma, num relance, Riobaldo ao interlocutor na sua longa travessia narrativa. O esforço está justamente na percepção de que 'Tudo é, e não é', de que a existência de tudo se produz por ambigüidades. Daí a importância e precisão do narrador de se mover num campo minado de possibilidades, do que se escolher e privilegiar no ato de contar" ¹⁸

O exercício de contar a história passada é muitas vezes árduo e difícil, principalmente quando o que se tem é um passado economicamente mais favorável que o presente. A história de Lençóis e de várias outras cidades da Chapada Diamantina histórica¹⁹ está marcada por um saudosismo, característico de cidades que viveram os surtos de riqueza e a opulência social das zonas de mineração, quando das primeiras descobertas do minério explorado.

A noção de “trilhas” foi a solução encontrada ao longo dessa pesquisa para lidar com a historicidade presente sem precisar ser fiel aos fatos mas ao que as pessoas pensam, vivem e sentem sobre esses fatos. As trilhas foram incorporadas também porque sugerem não apenas algo que está se encaminhando, percorrendo e possivelmente se encontrando, como também pelo seu significado literal. A Chapada Diamantina foi “inventada” – em seu sentido cultural e imaginário – pelos garimpeiros em busca de ouro e diamantes; estes foram responsáveis pelo “verdadeiro desbravamento e colonização da Chapada Diamantina e seus arredores”²⁰ e pelas primeiras trilhas que cruzaram a região.

¹⁸ Pena, Eduardo Spiller. *A Narrativa, a História e o “Miúdo Recruzado”*. Manuscrito, cerca de 1996.

¹⁹ Denominação dada oficialmente ao conjunto de cidades descobertas através da mineração de ouro e diamante.

²⁰ Bandeira, Renato L. Sapucaia. *Chapada Diamantina: História, riquezas e encantos*. Onavlis Editora, Salvador, 1997.

As expedições dos bandeirantes baianos e paulistas à região central do Estado da Bahia representam a primeira etapa de dois momentos distintos do desbravamento da Chapada. A segunda etapa, que realmente veio consolidar o desbravamento e a colonização da região, é representada pelos garimpeiros que abriram as trilhas e apresentaram o norte da cordilheira do Espinhaço ao mundo²¹. As mesmas trilhas são usadas mais de um século depois pelos "turistas trilheiros" - amantes da natureza, "caminheiros" ou simplesmente, turistas, que percorrem as antigas trilhas e abrem novos caminhos, recompondo a história da Chapada Diamantina.

Há muitas histórias e registros documentais sobre a descoberta e exploração dos veios de diamantes na Bahia, encontramos ainda numerosos registros sobre a passagem de viajantes e naturalistas pelo Estado. Em quase todos os registros há relatos sobre a existência de pedras preciosas na região centro-oeste do Estado (Chapada Diamantina) que datam do início do século XVIII. Não nos concentramos nessa documentação pois não é nossa intenção contar a história da mineração na região centro-oeste e no resto do Brasil, mesmo porque trata-se de uma história por vezes conturbada, onde a ausência de regras claras e a falta de controle político permitiam interpretações e registros muitas vezes alheios à verdade.

Não é espantoso então que a mineração nessa área tenha sido legalizada e reconhecida um século depois quando teve um breve, porém forte, impacto na economia baiana. Nos tópicos abaixo relatamos algumas ocorrências sobre a descoberta dos veios diamantíferos da Bahia e mais na frente, a dimensão que tal descoberta alcançou na vida social das cidades da Chapada Diamantina e na economia do Estado.

Por Chapada Diamantina compreende-se uma área extensa. Situada na região central do Estado da Bahia, a Chapada Diamantina compõe parte da serra da

²¹ Chama-se de "Espinhaço" um conjunto de montanhas que prolonga-se ao norte e que, chegando na região centro oeste da Bahia, durante o ciclo da mineração, recebe o nome de Chapada Diamantina.

Mantiqueira, que ao chegar na Bahia desdobra-se em duas outras formações: a serra do Espinhaço e a serra da Mangabeira. As duas fundem-se na direção sudeste do Estado baiano; no sul ela faz fronteira com Minas Gerais e cruza com as zonas agrícolas e pastoris do cacau e do gado. Ao norte, aproxima-se cerca de cem quilômetros ao sul do rio São Francisco, na direção oeste-leste do seu percurso.²²

O bloco geográfico conhecido como Chapada Diamantina divide-se então em duas regiões econômica e fisicamente distintas: a região agropastoril que engloba cidades como Seabra, Iraquara, Livramento do Brumado, entre outras; e a região histórica ou lavrista, representada por cidades como Andaraí, Mucugê, Rio de Contas, Palmeiras e Lençóis. Na Chapada *Histórica* encontramos outra subdivisão que diferencia a Chapada do *Ouro* da Chapada do *Diamante*. Sugerimos Rio de Contas como a cidade representante da Chapada do Ouro e Lençóis como a principal referência para a Chapada do Diamante.

A região "lavrista", composta pelo garimpo de diamantes, é o entorno que nos interessa neste trabalho. Os termos sociedade *lavrista*, cidade lavrista ou *Lavras Diamantinas* são usados por estudiosos para designar "o encontro de correntes migratórias e do processo de relações sociais envolvidos com a economia do diamante", ou lavra.

Faremos uso corrente destes termos de sabor histórico por se tratar de uma linguagem comum entre os autores da região e entre grupos específicos locais como biólogos, cientistas sociais, poetas, escritores, professores e políticos. Em alguns momentos do texto, para efeito de abreviação, chamaremos a Chapada Diamantina simplesmente de Chapada: a inicial maiúscula é o diferencial escolhido para lembrar que estamos nos referindo à região e não à classificação geográfica.

²²Senna, Ronaldo de Salles. *Jarê - Uma face do candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. UEFS Editora, Feira de Santana, 1998.

Este capítulo tem como objetivo contar um pouco da história de ocupação da Chapada Diamantina. O capítulo divide-se em dois tópicos: no primeiro contamos a história da descoberta dos primeiros diamantes na região da serra do *Espinhaço*, no Estado da Bahia. Introduzimos alguns registros históricos importantes que ajudam a explicar a procura por pedras preciosas no território baiano, início do século XVIII, e o deslocamento da mineração de diamantes do Estado de Minas Gerais para Bahia.

No segundo tópico concentramos na história de fundação e povoamento do município de Lençóis, uma das principais cidades surgidas durante o garimpo de diamante na Chapada Diamantina. A história de Lençóis confunde-se com a história de toda a região diamantífera. Portanto, em vários momentos do texto permito-me falar da região tomando como referência a cidade, na tentativa de esboçar uma etnografia do passado local, compreendendo como local apenas o entorno da sede do município de Lençóis. Excluindo portanto seus povoados, distritos e vilarejos.

Em Busca dos Diamantes

*"Encontram-se diamantes, na província de Minas Gerais, ao longo da serra do Espinhaço, ao norte desta até os limites setentrionais da mesma província, e nas montanhas, que ficam ao sudoeste do rio São Francisco, e na Bahia, (...) e serras meridionais mais próximas ao vale desse rio, e também no Sincorá (serra situada no atual município de Lençóis) e Chapada (Chapada Velha)".*²³

Em decorrência da proibição - decretada pelo Conde das Galvêa - da atividade de mineração no Estado de Minas Gerais²⁴, vários outros pontos e localidades do

²³ "Império do Brazil na Exposição Universal de 1876 em Philadélphia". Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1875.

²⁴Sales, Herberto. Garimpos da Bahia. Ministério da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola - Documentário da Vida Rural, Rio de Janeiro, 1955, n. 8.

Brasil passaram a ser explorados, gerando novas descobertas. Embora seja impreciso localizar datas, os garimpeiros oriundos principalmente de Grão Mogol e Tejuco (região de Diamantina no norte de Minas Gerais), começaram a chegar em aproximadamente 1818 e 1819: datas mais antigas encontradas em arquivos e registros sobre a descoberta do diamante na Bahia.

Os garimpeiros, tropeiros e aventureiros, vindos do norte de Minas Gerais e os comerciantes, investidores e seu séquito de escravos e empregados, vindos do Recôncavo baiano - principalmente das cidades de Cachoeira, Santo Amaro e São Félix - são as duas correntes migratórias predominantes na ocupação da Chapada Diamantina. Embora sejam incertas as datas que remetem à descoberta dos primeiros diamantes na Chapada Diamantina, há uma reincidência no fato de que a descoberta tenha se dado no ano de 1841. Também não se sabe ao certo o local onde foi encontrado o primeiro diamante. Provavelmente na região aurífera de Rio de Contas (Chapada do Ouro).

Normalmente a formação de garimpos, principalmente os informais, é um processo acelerado e desordenado. Ainda que um indivíduo ou um pequeno grupo organize-se prioritariamente na exploração de uma determinada área, assim que se alcançam os primeiros resultados positivos - o que significa encontrar o mineral procurado ou outros minerais que normalmente o acompanham - em pouco tempo avançam para o local um enorme contingente de pessoas que se deslocam em busca do "achado" ou da "nova área". São centenas de garimpeiros explorando desenfreadamente as riquezas minerais em áreas comuns e diversas, o que dificulta o reconhecimento da autoria e do local da descoberta.

A atividade extrativa de diamantes no Brasil colonial sempre teve uma relação dúbia e complicada com o governo da metrópole. Administradores nomeados tinham o poder de determinar a quantidade a ser extraída em cada lavra, de conceder ou não matrícula aos escravos empregados, de autorizar a residência das pessoas recém-chegadas ao distrito, de regulamentar o comércio e de gerir outros

aspectos da vida dos garimpos²⁵. No início da mineração no Brasil o governo permitia a livre extração com o pagamento do quinto, até 1739, para em seguida estabelecer o arrendamento por contrato que durou 32 anos, até 1771 e, por fim, ao monopólio direto da extração.²⁶

Apesar do acirrado controle e da severidade com o sistema de extração os garimpeiros encontravam meios de driblar o sistema, mantendo os resultados da garimpagem e a comercialização das pedras longe do controle da metrópole, o que, de certo modo, dificultou o registro de algumas descobertas importantes realizadas na Bahia. O ciclo diamantífero da Chapada Diamantina nasceu sob esse clima tenso e em consequência da proibição do garimpo no norte do Estado de Minas Gerais, o que explica em parte, a curta trajetória.

O autor Othon Leonardos - citado por Guimarães em *História da Mineração* - conta que as minas de Rio de Contas na Bahia foram descobertas por paulistas, entre 1718 e 1719. Já um outro autor transfere o evento para 1731. Contudo, Orville A. Derby -- geólogo norte americano -- desloca o acontecimento do achado de aluviões produtivos de diamantes no território baiano para o século XIX, mais de cem anos depois.

“Nos primeiros vinte meses ali passaram duas mil almas, das quais quinhentas eram garimpeiros. A produção de diamante, além do ouro, nesses meses foi calculada em dez mil quilates, tendo a maior pedra encontrada o peso de dois quilates. Logo a seguir foram descobertas as aluviões: do Morro do Chapéu, aproximadamente em 1841; da Chapada Grande, mais tarde chamada de Serra das Aroeiras, pelo padre Queiróz, em 1842; do rio Mucugê, em 1843; de Xique-Xique, Andaraí, Lençóis e serra do Sincorá, nos anos seguintes; em localidades dispostas em forma circular, cuja região interior tomou o nome de Chapada Diamantina.”²⁷

²⁵Guimarães, J. E. Passos. Epítome da História da Mineração. Art Editora - Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, 1981.

²⁶Bandeira, 1997. Op Cit.

²⁷Derby, Orville A. em Guimarães, 1981. Op Cit.

Embora Derby afirme que os achados ocorridos antes do século XIX tenham *sabor de lenda*, resta uma pergunta: como explicar a proibição da exploração de diamantes na Bahia, por ato do vice-rei, datado de outubro de 1732 ?

De qualquer modo, é ponto consensual afirmar que a mineração baiana só tomou vulto após 1844, período em que a economia do Estado se reorganizou em torno da acelerada produção diamantífera. A descoberta dos veios de diamantes era quando possível silenciada: primeiro, pelo motivo óbvio de manter uma exploração exclusiva da área descoberta; segundo, pelos conflitos trazidos por pactos e negociações feitos anteriormente, muito comuns em atividades garimpeiras; terceiro, pelo acirrado controle do governo que cobrava altas taxas tributárias à comercialização das pedras.

Ou seja, o silêncio de alguns garimpeiros, como também o "alarme falso" dado por outros, são causas preponderantes das dúvidas, incertezas e mistérios acerca dos primeiros surtos de diamante na Chapada Diamantina.

É provável que a proibição vinda da metrópole, com a ordem de interditar o garimpo de diamantes em Minas Gerais, tenha sido o motivo principal que levou os garimpeiros experientes da região de Grão Mogol e imediações a seguirem a serra do Espinhaço e adentrarem no território baiano em busca de veios de diamantes. O mesmo ato proibitivo também é responsável pela produção e comércio clandestino dos diamantes.

Durante muito tempo os diamantes produzidos na Bahia não foram contabilizados na economia do Estado (Falcón 1985), o que impossibilitou o reconhecimento e a quantificação de uma parte significativa da produção mineral local. Em seguida, a ausência de registros e de controle sobre o comércio das pedras preciosas na Chapada foi provocada pela escassez dessas pedras. Ainda há uma falta de interesse do governo em observar a produção mineral da região por considerarem pouco vultuosa.

A decadência da mineração de diamantes na Chapada Diamantina foi tão rápida quanto a sua ascensão. Contudo, devemos considerar que o ciclo diamantífero registrado e contabilizado pelos órgãos oficiais; de acordo com os relatos, descrições e documentos; parece ter sido menor do que realmente foi. Alguns registros descrevem garimpos de ouro e diamantes naquela região da Bahia, em meados do século XVIII. No entanto, nos registros oficiais do Estado encontramos referências ao garimpo a partir do século XIX, em 1844 aproximadamente.

Quando os diamantes ameaçavam acabar e as cidades em volta começavam a conhecer o processo de decadência e deterioração, surgiu o carbonato (ou carbonato, como é chamado na Bahia), diamante de cor escura e com maior durabilidade do que o outro. Conhecido na região como "diamante negro" ou "diamante bruto" o carbonato -- pouco conhecido no Brasil -- foi amplamente usado na indústria para perfuração de rochas e, chapas de aço, entre outras coisas. Lençóis foi um dos maiores no mercado mundial de produção de carbonato e o único no Brasil a produzir em larga escala e exportar o mineral. Afrânio Peixoto (escritor lençoense), orgulhoso do carbonato de Lençóis, cita em seu texto *Breviário da Bahia*:

"Esse Lençóis não tem apenas esses diamantes, com que se lembra, ao lado de Diamantina, Tejuco, Salobro, Garças ... e Índia, e Cabo de Boa Esperança ... concorrentes a essa dádiva de gemas ao mundo. Não, Lençóis é a única, mas a produzir diamante negro, amorfo, mais duro e inquebrantável do que o outro. Que é apenas jóia ..."

O maior diamante carbonato encontrado nas Lavras Diamantinas pesava 3.167,5 quilates e foi descoberto pelo garimpeiro Sérgio Borges de Carvalho em 1895, no garimpo Brejo da Lama²⁸. Existem três tipos de diamantes no mundo: o diamante propriamente dito (facetado e com brilho), o bort (também chamado de "bala" e encontrado na África) e o carbonato encontrado nas Lavras Diamantinas.

²⁸Bandeira, Renato L. Sapucaia. 1997. Op Cit.

O diamante é um carbono puro, sob forma cristalizada²⁹. O nome diamante vem do grego "adamantos", que significa "o ferro mais duro" ou ainda, quando usado como adjetivo, "indomável".³⁰ O mineral recebeu esse nome, ainda na antigüidade, devido à sua resistência evidente ao fogo e à sua dureza. Os diamantes nascem do processo de cristalização dos gases de carbono no subsolo. Quando não existem as condições necessárias para a transformação dos gases de carbono e para a cristalização perfeita, produzem-se diamantes amorfos ou de cristalização imperfeita; é o que ocorre com o bort e o carbonato da Bahia.

Para alguns mineralogistas, o carbonato é diferente do diamante negro -- acreditam que este último é uma variedade do primeiro. Para os garimpeiros das Lavras Diamantinas, no entanto, o carbonato e o diamante negro referem-se ao mesmo mineral em processos de formação diferentes.

"Porque o diamante negro, ou o 'carbonato', é mais do que jóia, é utilidade. Onde há pedra a romper, montanha a atravessar por um túnel, entre Suíça e Itália, entre França e Espanha, por toda parte onde o trânsito humano encontra um obstáculo, uma máquina de ar comprimido levando na ponta do braço de ferro, um fragmento de diamante negro, e a passagem está feita, a pedra rasgada, o caminho férreo, os carros e trens passando, a intercomunicação humana (o outro nome da civilização)... se fazendo, graças a Lençóis." ³¹

Desse modo, a economia diamantífera lençoense que parecia dar seus últimos suspiros, permanece por mais alguns anos através da descoberta dos carbonatos. Embora os tais diamantes não tenham causado tanto alvoroço e nem sequer equiparavam-se ao valor econômico do diamante puro, rendeu a Lençóis romances e filmes que de algum modo vieram contribuir para que a cidade fosse redescoberta, muitos anos depois, pela indústria turística.

²⁹Sales, Herberto. 1995. Op Cit.

³⁰Bailly, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris, Hachette, 1950.

³¹Peixoto, Afrânio. Breviário da Bahia. Manuscrito, s.d.

O romance “Bugrinha” de Afrânio Peixoto é uma das obras que retrata Lençóis durante o final do século XIX e início do século XX, quando se deu a exploração sistematizada do diamante carbonato. O romance escrito em 1922 inspirou mais tarde o filme “Diamante Bruto”, do cineasta Orlando Senna, filmado em 1977. O cineasta e jornalista Orlando Senna, assim como o escritor Afrânio Peixoto, nasceu em Lençóis e viveu entre Salvador e o Rio de Janeiro, retornando à cidade muitos anos depois. Embora pertençam a gerações diferentes, havia uma preocupação comum que era contar a história de vida e morte dos garimpeiros tradicionais da Chapada Diamantina.

O cineasta Orlando Senna define a Lençóis de 1977, quando filmou “Diamante Bruto”, como uma “cidade encastelada, separada do resto do mundo, tanto no tempo do fausto, quando na decadência. No auge de sua riqueza, se recusava a obedecer ao Rio de Janeiro e Salvador. Quando o diamante acabou, ficou cada vez mais afastada...”³². Os atores do filme e o cineasta mudou-se para Lençóis antes das filmagens e lá ficaram - entre pesquisas, filmagens e exibição do filme - durante aproximadamente um ano. O filme contou com uma participação intensiva dos moradores da cidade, revitalizando a dinâmica local e resgatando importantes elementos da cultura garimpeira.

A exibição do filme “Diamante Bruto” foi um acontecimento para a cidade, que pode assistir em primeira mão as imagens representativas de uma terra que começa a reconhecer suas tradições garimpeiras tanto pelos de fora quanto pela sua população local. No ano de 1977, quando foi realizada as filmagens, as dragas - máquinas usadas na extração de diamantes em solo

³² Anexo 3.2: jornal de circulação no estado da Bahia, tópico VII – “Diamante Bruto, uma história de amor e morte passada entre garimpeiros”.

profundo – estavam chegando em Lençóis e havia um forte investimento na indústria agropecuária local.

Ainda assim os garimpo manual sobrevivia de uma forma quase mágica, com suas histórias místicas e religiosas. O filme tenta abordar esse universo mágico e poético dos garimpeiros; homens que acreditam que o diamante tem três “D” - dono, dia e diamante - em outras palavras o diamante tem o dia e o dono certo para ser encontrado. Os garimpeiros de serra acreditam nesse triângulo mágico que os colocam em contato com a energia encantada da pedra preciosa e os tornam aliados da natureza e de Deus ³³.

Nasce a Chapada Diamantina



Morro do Camelo: no centro geográfico da Chapada Diamantina

Chapada é a denominação usada no Brasil para as grandes superfícies, por vezes horizontais, e a mais de 600 metros de altura. Segundo registros do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o termo Chapada Diamantina foi utilizado oficialmente pela primeira vez na Resolução n° 124, de 09 de Julho de 1942, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia. Em 1945, a resolução n°143,

³³ Abordaremos esse aspecto mítico dos garimpeiros manuais no capítulo 2, no tópico “O Jogo do Diabo”.

de 13 de Julho, fixava a divisão em "Zonas Fisiográficas", entre as quais constava a "Zona da Chapada Diamantina" que integrava os seguintes municípios:³⁴

Andaraí	Lençóis	Piatã
Barra da Estiva	Livramento do Brumado	Rio de Contas
Brotas de Macaúbas	Morro do Chapéu	Santo Inácio
Ibitiara	Mucugê	Seabra
Irecê	Oliveira dos Brejinhos	
Ituaçu	Palmeiras	

Várias outras subdivisões territoriais foram ocorrendo ao longo do tempo, porém a composição acima continua sendo empregada até a penúltima divisão (1968), válida ainda para o censo de 1980. Uma outra divisão regional do Brasil, baseada em *Mesorregiões e Microrregiões Geográficas*, aprovada pelo IBGE através da resolução PR-51, 31/07/89, adota novos parâmetros de identificação e redistribui os municípios que englobam a Chapada Diamantina.

De acordo com o documento a Chapada Diamantina divide-se em duas microrregiões homogêneas: a região Setentrional e a Meridional. Lençóis situa-se na Chapada Diamantina Meridional. Na divisão regional em Mesorregião e Microrregião, Lençóis está localizada na Microrregião de Seabra. Os quadros explicativos com as divisões encontram-se expostos nas próximas páginas.

³⁴ Nota Explicativa de Celeste Moreira em Bandeira, Renato L. Sapucaia. 1997. Op Cit.

Divisão do Brasil em Microrregiões Homogêneas - 1968

CHAPADA DIAMANTINA SETENTRIONAL			
Barra do Mendes	Gentil do Ouro	Irecê	Presidente Dutra
Cafarnaum	Ibipeba	Jussara	Souto Soares
Canarana	Ibititá	Morro do Chapéu	Uibaí
Central			
CHAPADA DIAMANTINA MERIDIONAL			
Abaíra	Contendas do Sincorá	Ituacu	Piatã
Água Quente	Ibicoara	Jussiape	Rio de Contas
Andaraí	Ibipitanga	Lencóis	Rio do Pires
Barra da Estiva	Ibitiara	Macaúbas	Seabra
Boninal	Ipupiara	Mucugê	Tanhaçu
Boquira	Iramaia	Oliveira dos Breinhos	Utinga
Botuporã	Iraquara	Palmeiras	Wagner
Brotas de Macaúbas	Itaetê	Paramirim	



Vale da Chapada Diamantina sob o crepúsculo: cercado de canions

Divisão Regional do Brasil -Mesorregiões e Microrregiões Geográficas - 1989

MESORREGIÕES	MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS	
Centro-Norte Baiano	Irecê	América Dourada	Irecê
		Barra do Mendes	João Dourado
		Barro Alto	Jussara
		Cafarnaum	Lapão
		Canarana	Mulungu do Morro
		Central	Presidente Dutra
		Gentil do Ouro	São Gabriel
		Ibipeba	Souto Soares
		Ibititá	Uibaí
		Iraquara	
	Iacobina	Morro do Chapéu	
	Boquira	Boquira	Ipupiara
		Botuporã	Macaúbas
		B. de Macaúbas	Novo Horizonte
		Caturama	Oliveira dos Brejinhos
		Ibipitanga	Tanque Novo
		Ibitiara	
	Brumado	Brumado	Tanhacu
		Ituaçu	
	Iequié	Iramaia	
Centro-Sul Baiano	Livramento de N. S.	Érico Cardoso	Paramirim
		Livramento de N.S.	Rio do Pires
	Seabra	Abaíra	Lençóis
		Andaraí	Mucugê
		Barra da Estiva	Nova Redenção
		Boninal	Palmeiras
		Bonito	Piatã
		Contendas do Sincorá	Rio de Contas
		Dom Basílio	Seabra
		Ibicoara	Utinga
		Itaetê	Wagner
		Jussiape	

A Chapada Diamantina possui um formato geográfico predominantemente tabular, "eleva-se como uma imponente muralha de costas altimétricas superiores até 2.000 metros, chegando à altitude máxima de 2.033 metros" ³⁵. A região da Chapada é entrecortada por uma grande quantidade de rios, chegando a ser considerada por alguns estudiosos locais como o "oásis do sertão baiano".

Euclides da Cunha em *Os Sertões*³⁶ cita a Chapada Diamantina no seguinte trecho: "Desenterram-se as montanhas. Repona a região diamantina, na Bahia, revivendo inteiramente a de Minas, como um desdobramento ou antes um prolongamento, porque é a mesma formação mineira rasgando, afinal, os lençóis de grés, e alteando-se com os mesmos contornos alpestres e perturbados ..."

As três maiores bacias hidrográficas do Estado nascem na Chapada Diamantina, uma delas é o Rio Paraguassú - que desemboca no Rio Joanes - responsável pelo abastecimento de água de toda a cidade de Salvador e Região Metropolitana. O que justifica inclusive a preocupação, por parte do Governo do Estado, com o ecossistema da Chapada Diamantina. Há alguns anos a região vem sendo destaque em encontros ambientalistas dentro e fora do Estado da Bahia e vem se consolidando como um importante cenário de discussões ambientais no âmbito estadual e federal, em questões relacionadas à preservação da diversidade biológica.

Embora a história do surgimento das lavras diamantinas na Bahia seja imprecisa, o fato é que a povoação foi acontecendo dando início à região da Chapada Diamantina. Trazendo no nome uma homenagem aos diamantes e aos garimpeiros, responsáveis por seu descobrimento, a Chapada Diamantina distingue-se sensivelmente do sertão que a envolve.

Cravada em pleno sertão baiano, a Chapada destaca-se não apenas pela sua história de ouro e diamantes, mas também pela natureza abundante em matas e

³⁵Bandeira, Renato L. Sapucaia. 1997. Op Cit.

³⁶ Euclides da Cunha refere-se à "região diamantina" das nascentes do Paraguaçu no Capítulo 1 dos *Sertões*.

águas, característica atípica para a geografia sertaneja. A região das Lavras apresenta-se quase sem seca, possuindo um agradável clima serrano e uma geografia local profundamente transformada pelas mãos dos garimpeiros.

A Chapada Diamantina é uma região de diferenças e contrastes não apenas em seu fator climático e geográfico como também na esfera sócio-econômica e cultural. A região agrícola por exemplo apresenta um clima semi-árido, com secas freqüentes e rios periódicos, que pouco se assemelha à região lavrista; mesmo os municípios mais produtivos, como Irecê, principal produtor de feijão na Bahia, enfrenta sérios problemas climáticos.³⁷

A ocupação dessa parte da Chapada se deu em um período bem mais recente, se comparado ao das Lavras. O povoamento foi resultado da extensão de fazendas de gado - devido ao processo de ampliação das propriedades agropastoris - causado talvez pela renda gerada através da atividade extrativa do diamante. Muitos garimpeiros, donos de garimpo e comerciantes de diamantes, devido à situação instável da garimpagem no Brasil, transformaram-se em fazendeiros e pequenos comerciantes locais.

O crescimento da zona agrícola se deu também pelos deslocamentos causados pelas lutas políticas dos coronéis e jagunços, principalmente durante a República Velha, o que propiciou o encontro de diversas culturas e da combinação de diferentes sistemas econômicos³⁸. Essa movimentação humana foi um elemento importante de interação e cooperação entre os fazendeiros, os tipos de culturas agrícolas produzidas, e os garimpeiros. Acredita-se que entre as atividades agropastoris e garimpeiras havia um forte intercâmbio; o que muitas vezes possibilitava o deslocamento de uma atividade à outra.

Nesse sentido, as diferentes Chapadas que se apresentam em um primeiro olhar, podem ser apenas contrastes característicos de regiões fundamentadas na

³⁷Senna, Ronaldo de Salles. 1998. Op. Cit.

³⁸Moraes, Walfrido. Jagunços e Heróis. Edições GRD Bahia, Salvador, 1973.

atividade de mineração. Dificilmente o garimpo informal, ou mesmo a mineração formal das grandes empresas, sustentam-se como uma economia autônoma. Frequentemente estão associadas à outras atividades econômicas, mesclando-se esporadicamente, a depender da situação climática, econômica e cultural que se apresenta.

1.2. Lençóis dos Diamantes

"... Contudo, a povoação dos Lençóis estaria fadada a se transformar, em pouco tempo, na famosa Capital das Lavras, graças à abundância de diamantes que se descobriu, de pronto, no leito dos rios Lençóis e São José"

A cidade de Lençóis não figura no elenco das primeiras povoações formadas pelo garimpo de diamante na Chapada Diamantina, mas sem dúvida foi a mais representativa de todas e rapidamente transformou-se em uma espécie de "capital das Lavras Diamantinas". A exploração do carbonato pode ser a causa mais aparente da centralização do comércio de diamantes em Lençóis. A cidade ficou conhecida no mundo inteiro pelos seus diamantes negros (carbonato), que foram amplamente utilizados na construção de pontes, viadutos, túneis e estradas, na França, Inglaterra e outros países da Europa e de outros continentes.

Entretanto, antes do carbonato Lençóis já desfrutava de um certo prestígio em relação aos outros povoamentos. Talvez pelos diamantes de "fina água" (qualidade de pureza) encontrados no município, ou ainda, pela centralização dos comerciantes e investidores no local; o fato é que Lençóis havia adquirido uma importância singular entre as cidades do círculo lavrista da região.

Em um trecho de *Jagunços e Heróis*, Walfrido Moraes ressalta a ascendência de Lençóis sobre as outras povoações com o argumento de que: "Havia, ademais, uma particularidade curiosa no tipo dos diamantes dos Lençóis: além de grossos, na sua maioria, apresentavam um colorido encantador, tendendo para o esverdeado uns, e outros para o róseo ou para o azul, não se falando naqueles de primeira água de

brilho fascinante e afora os defeituosos que eram vendidos para o emprego nas indústrias".

O município de Lençóis foi criado como parte do território desmembrado do município de "Santa Isabel do Paraguassú" (atual Mucugê). Nasceu com o nome de "Comercial Vila dos Lençóis", pela Lei provincial nº 604, de 18/12/1856. O próprio nome já indica que ali se constituiu um forte comércio de diamantes e que foi um centro populacional importante na época da mineração. Embora tenha sido elevada à categoria de cidade apenas em 1856, muito antes -- calcula-se que em 1840 aproximadamente -- Lençóis possuía uma vida social agitada e já era uma das maiores povoações das Lavras Diamantinas.

Nasce a Vila dos Lençóis

A *Comercial Vila dos Lençóis* foi fundada por comerciantes e garimpeiros vindos do norte de Minas Gerais e do Recôncavo Baiano. Lençóis fica cravada entre serras e rios no centro da Chapada Diamantina. É uma cidade que não possui mais espaço físico para o crescimento urbano - na época do garimpo, onde a densidade populacional era bastante elevada, tornou-se comum a construção de sobrados para o aproveitamento do espaço.

No século passado, auge do período diamantífero, a Vila dos Lençóis chegou a abrigar cerca de 30.000 almas, que segundo Moraes (1973), "se concentravam ambiciosamente sob os toldos brancos dos acampamentos que, vistos do alto da serra, davam a impressão de lençóis estendidos à margem do caudal." A denominação da cidade origina-se da visão que tinha o viajante, ao chegar pelo alto da serra que circunda o povoamento: eram milhares de lençóis brancos ao longo das margens dos rios cobrindo os acampamentos dos garimpeiros. Para Afrânio Peixoto, o nome da cidade teria sido inspirado em um outro espetáculo magnífico:

(...) A alvura espumarenta da água do rio (caudal) que corre aos borbotões em meio da cidade (Moraes, Walfrido. 1973, Op Cit).

Lençóis foi uma das últimas povoadas pelo garimpo de diamantes na Chapada Diamantina. Porém transformou-se rapidamente em um centro comercial e de intercâmbio de diversas culturas. Eram pessoas provenientes de todos os lugares, mas vinham principalmente da região mineira de Grão Mogol e do Recôncavo baiano. A região ocupou-se também de árabes, judeus e, sobretudo, franceses e africanos que chegaram como escravos.

A cidade foi um dos focos da escravidão na Bahia. Os escravos eram levados por comerciantes de diamantes e garimpeiros, que os utilizavam no trabalho mais pesado do garimpo. Posteriormente, a mão de obra escrava foi usada também na lavoura de fazendas da região. Na cidade, encontramos marcas da herança negra em vários aspectos e esferas da vida social, e principalmente em instituições religiosas e culturais. O Jarê, instituição religiosa, da qual falaremos mais adiante, é um exemplo dessa influência.

A agitada vila não demorou para transformar-se em um forte entreposto comercial de diamantes. A importância histórica dessa fase está representada pelo prédio do sub-consulado francês, situado na praça principal da cidade e construído para facilitar e mediar as relações comerciais entre a Europa e a pequena vila produtora de diamantes na Bahia. Não há documentos oficiais do governo francês que comprovem a existência desse sub-consulado e do seu funcionamento no século passado. Entretanto, nos documentos do Estado da Bahia há referências oficiais sobre uma casa comercial pertencente a funcionários do governo francês.³⁹

³⁹ Registros sobre a existência de um sub-consulado francês em Lençóis podem ser encontrados em vários livros, documentais e jornais que fazem referência à história da cidade.

A Vida Social na Antiga Chapada



Lençóis Antiga: praça Horácio de Matos a principal da cidade

A fama que Lençóis rapidamente ganhou em toda a Bahia, promovida pelo bem sucedido comércio de diamantes, culminou na chegada de novos e ilustres moradores, figuras importantes no cenário político e econômico. À medida que a cidade crescia ia sendo povoada com elementos mais "categorizados" e dotados de "finos costumes", em lugar dos piões de garimpo, comerciantes, escravos e ex-escravos que lá haviam. Estabelece-se então uma "organização social mais definida" e uma autonomia com relação às outras vilas. Lençóis ganha casas com telhas, cresce o número de sobrados em estilo colonial, surgem as praças e ruas pavimentadas, a capela do Nosso Senhor dos Passos e a matriz de Nossa Senhora do Rosário.

A capela do padroeiro dos garimpeiros: Nosso Senhor dos Passos, era comentada como a mais rica da região. Lá comemorava-se anualmente a chegada da imagem do Nosso Senhor dos Passos no início do século XIX; com a festa a igreja ganhava novos objetos, nova pintura, e ia crescendo com suas escadarias para o alto, vigiando a cidade e principalmente, zelando pelo rio Lençóis que corre em frente à

sua escadaria, o rio que trazia os diamantes desde o balneário do rio Serrano até o trecho final sobre a ponte, chamado rio São José.

Os estabelecimentos comerciais iam cada vez mais se diversificando, trazendo novos produtos e oferecendo serviços encontrados apenas na capital da província. Eram verdadeiros empórios à moda européia, onde se adquiriam mercadorias de outros portos e podia-se informar sobre as novidades da moda, culinária e costumes. Os empórios chegavam a ocupar quarteirões inteiros: lá encontravam-se perfumes franceses, vestimentas de seda pura, peças de linho e rendas das mais delicadas.

As feiras, como não podia deixar de ser, transformaram-se em grandes espetáculos. Com gente de toda a parte e várias atrações - poesia de cordel, música, manifestações religiosas e populares - as feiras livres ofereciam produtos especialmente produzidos para abastecer as lavras dos Lençóis.

O povoado de Capão Grande ou Caeté-açú produzia o mais delicioso café da região para ser vendido exclusivamente na feira de Lençóis. Utinga produzia o açúcar, principalmente o mascavo, de elevada qualidade. A Carne de Sol - adorada pelos garimpeiros e famílias da região, assim chamada pois depois de salgada era exposta ao sol durante vários dias - vinha de Jussiape e dos Campos de São João. O doce de marmelo chegava de Jacobina, na Chapada do Ouro, e o Surubim fresco do rio São Francisco, nas margens de Ibotirama. Ainda hoje, porém em menor escala, esses produtos continuam a ser produzidos nos mesmos lugares e vendidos na feira de Lençóis.⁴⁰

Lençóis, assim como qualquer sociedade marcada pela produção e comércio de pedras preciosas, possuía uma organização social altamente hierárquica. Os donos de garimpo e os pedristas - compradores e revendedores de diamantes -

⁴⁰ A descrição dos produtos da feira de Lençóis e suas respectivas origens são referências do senso comum, conhecidas por todos da região, mas encontram-se também registradas no livro de Walfrido Moraes: Jagunços e Heróis, 2ª Edição, 1973.

compunham o segmento mais alto na aristocracia do diamante; em seguida vinham os capangueiros, que exerciam a mesma função que os pedristas, mas eram diferenciados na escala social pois trabalhavam com pequenas quantias. No último grau da escala social estavam os garimpeiros (assalariados do garimpo) ou os ex-escravos e só depois os escravos.

Na tabela seguinte apresentamos o quadro social que organizava a sociedade lençoense durante o ciclo do diamante. Separados em classes rigidamente distintas, dificilmente havia mobilidade social entre os grupos, apesar da possibilidade constante de enriquecimento súbito. Veja a seguir:

Segmento Alto	Pedristas e donos de grandes garimpos
Segmento Médio	Capangueiros e comerciantes locais
Segmento Baixo	Garimpeiros ou ex-escravos
Segmento Cativo	Escravos

Os donos de garimpo, embora estejam classificados na mesma coluna social que os revendedores de diamantes, possuíam além do poder econômico o poder político. Os donos de garimpo normalmente eram famílias proprietárias de extensas áreas de terra, com forte herança coronelista e com considerável influência na política local. Negociavam a parceria da terra com garimpeiros experientes e nem sequer iam ao garimpo a não ser em época de lavagem do cascalho - momento de encontrar os diamantes - durante essa etapa do trabalho compareciam no garimpo munidos de armas e capangas para evitar qualquer desvio ou roubo das pedras.

... São os ricos da terra que, ou pelos legados das sesmarias, pelas heranças ou pelos loteamentos feitos através de requerimentos ao Distrito Diamantino ali instalado, escolhem, adquirem, mandam demarcar as mais vastas áreas, e se

tornam, de tal sorte, proprietários dos melhores garimpos da região e das glebas mais férteis para a lavoura e para a pastorícia. Por esses meios e expedientes enfeixam nas mãos, não só o mais largo comércio de pedras preciosas - quer pegadas pelos seus escravos ou 'meia-praças', quer compradas por preços ínfimos a terceiros - como usufruem, pacificamente ou por meios coercitivos que vão do açoite ao cristel de azeite de mamona, o 'quinto', a título indenizatório, de toda a produção dos diamantes e carbonatos que outros garimpeiros independentes peguem em seus domínios. ⁴¹

Era comum que os próprios donos de garimpo vendessem as pedras em comércios externos, sem a presença do garimpeiro responsável. Tal fato dava margem para pequenos golpes como o que nos conta um garimpeiro sobre o acontecido com seu avô:

- "depois de dias de trabalho chegou finalmente no cascalho e antes de começar a lavagem chamou o proprietário do garimpo, conforme o combinado. Ele chegou por lá em companhia de um 'gringo' da Bélgica, que alegou estar interessado na compra das pedras: eram 16 gemas de fina água, sem nenhum ponto e pesavam cada uma em torno de 10 a 12 quilates, o garimpeiro (seu avô) entregou o saco com as pedras. O proprietário levou o gringo para fazer o negócio na cidade, com o pretexto de melhor examinar os diamantes. Voltou algumas horas depois com as roupas rasgadas e sem arreio (a pé) afirmando ter sido assaltado no caminho e que o gringo estava muito machucado na estrada. As pedras? Nunca mais foram vistas e muito menos o gringo comprador. O avô achava que tinha sido armação do proprietário e que ele havia ficado com as pedras sem dar o quinto que lhe cabia (15% do valor da pedra) "

Os pedristas eram, ou os próprios donos de garimpo, ou comerciantes ricos que negociavam grandes quantias junto ao comércio de pedras preciosas. Eram responsáveis pelo escoamento das pedras para o exterior e para representações

⁴¹ Sobre o coronelismo nas Lavras Diamantinas ver Walfrido Moraes: Jagunços e Heróis, 2ª Edição, 1973, pág. 25.

estrangeiras no Rio de Janeiro e em Salvador. Normalmente possuíam escritórios próprios - alguns equipados com instrumentos de lapidação - negociando o diamante já lapidado. Outros procediam como verdadeiros bancos de valores: emprestavam dinheiro à juros, trocavam cheques e financiavam compras de bens de valor, criava-se assim uma espécie de sistema financeiro paralelo.

No segmento médio, onde encontramos os "capangueiros" e comerciantes locais, Há uma flexibilidade maior tanto para uma ascensão quanto para o declínio na pirâmide social. Os capangueiros eram os vendedores de diamantes pobres, que trabalhavam apenas com pequenos valores, não possuíam clientela especial e dependiam inteiramente do comércio interno para realizar seu negócio. Normalmente trabalhavam com diamantes de qualidade inferior, que tinham pouca cotação no mercado - as pedras sujas - como costumava-se referir aos diamantes com muitas manchas e pouco brilho.

Os capangueiros eram assim chamados como uma alusão à "capanga" - bolsa simples, de uma tira, confeccionada com couro ou tecido de Brim - que servia para carregar alguns pequenos pertences e usava-se sempre atravessada ao peito. Tal alusão era pertinente, pois praticamente todos os capangueiros usavam bolsas desse tipo para guardar os pequenos aparelhos que permitiam observar e avaliar as pedras, que muitas vezes eram retiradas da bolsa e exibidas ali mesmo diante de todos. Enquanto os pedristas atendiam em escritórios privativos ou em casas familiares e hospedarias, os capangueiros costumavam negociar à beira de um balcão de bar ou de estabelecimentos comerciais apinhados de gente e mercadorias, e em feiras livres.

Diga-se de passagem, muitos desses comerciantes de diamantes eram tropeiros e/ou caixeiros viajantes, que ao chegar em zonas de garimpo vendiam todas as suas mercadorias em troca de algumas pequenas "gemas" - os diamantes eram

trocados com garimpeiros independentes ou com "piões"⁴² de garimpo ou escravos que os haviam furtado - com o tempo tomavam gosto pelo comércio e iam circulando entre as povoações, onde quer que houvesse garimpo de boa qualidade.

Os garimpeiros ou libertos, eram a classe pobre da zona lavrista. Grande parte deles trabalhavam em regime de diárias ou salários mensais. Conhecidos como os "piões" do garimpo, alguns ganhavam a confiança dos patrões e eram promovidos a cargos de liderança. O serviço de garimpo é normalmente instável, há dias de total ócio onde o trabalho resume-se em remover terra de um lugar a outro, ocasião em que o resto do dia é consumido em conversas e fofocas, preços do diamante, e causos ou acidentes ocorridos em outros garimpos.

Em dias de pouco serviço os garimpeiros retornavam cedo à suas casas ou ranchos - construídos próximos à área trabalhada - mas havia também os dias de trabalho intenso, sem direito a descanso e lazer. As condições de trabalho, como na maioria dos trabalhos informais, eram precárias; sem proteção ou assistência muitos garimpeiros adoeciam ou morriam durante o serviço. Os garimpeiros eram basicamente escravos libertos e mestiços, o que justifica a presença do tambor de Jarê⁴³ e de outras manifestações de origem africana na região.

A vida social e cultural de Lençóis, compatível às cidades lavristas, era centrada na vida noturna dos bares, cassinos, restaurantes e casas de prostituição. Havia muito consumo de bebidas, fumos e a indumentária era ditada pela moda européia, principalmente a francesa. A aristocracia do diamante procurava igualar-se à aristocracia dos grandes engenhos de açúcar do nordeste.

As casas-grandes, com a senzala ao fundo, que são uma réplica incontestável à casa-grande dos engenhos de açúcar do litoral, e onde se realizam, semanalmente, ora numa, ora noutra, saraus dançantes com recitais ao som da Dalila, onde se

⁴² Os piões de garimpo eram trabalhadores diaristas ou mensalistas que ganhavam apenas o salário e a alimentação. Trabalhavam em todos os processos da atividade, sem obter nenhuma porcentagem sobre as pedras encontradas.

⁴³ O Jarê será comentado mais à frente no capítulo 2 - item "Garimpo Estrelas".

bebe o mais fino champanha francês em taças de ouro e de cristal. (Moraes, Walfrido. 1973, op cit, p. 20)

A arte era muito usada como forma de expressão e de revolta contra a aristocracia dos comerciantes e donos de garimpo. A atmosfera da cidade inspirou os artistas locais, principalmente literatas, poetas e escritores romancistas; Afrânio Peixoto, Herberto Sales e Walfrido Moraes são exemplos de nomes que se destacaram na produção literária da região. Normalmente os artistas -- músicos, atores e poetas -- originavam-se dos segmentos mais baixos da população, enquanto os escritores vinham de famílias de posse e tiveram a oportunidade de estudar em bons colégios.

Os garimpeiros, situados em uma escala social inferior, dificilmente se movimentavam na pirâmide social, embora o garimpo seja uma atividade que proporciona riquezas súbitas em um curto período de tempo. A dificuldade em romper as fronteiras sociais era causada pelo jogo irregular e ilícito que normalmente constitui a instituição do garimpo. O que se ganhava fácil também se perdia com igual facilidade, os próprios garimpeiros gostam de dizer: “O garimpo é um vício, é um jogo do diabo.”

Ressalte-se a importância da memória na permanência do garimpo e na preservação da identidade cultural do garimpeiro. Percebemos no espaço do cotidiano como o passado é uma constante na vida da população local, mediando e realçando a realidade presente. Para cidades como Lençóis, que vivem do seu passado histórico, a compreensão da realidade presente passa por uma reflexão constante sobre o seu passado.

Não é encantador pensar que minha terrinha humilde do sertão da Bahia é quem permite a Nova Iorque, ou a Londres, ou a Paris, as suas cidades subterrâneas, por onde passam os metropolitanos, e a água, servida ou potável, que são a vida dessas capitais do mundo? Para o escavar na rocha a transpor, e logo perfurada, foi

*preciso um carbonato de Lençóis. Lençóis concorre assim, poderosa e eficientemente, para a civilização orgulhosa do mundo, que o esquece...*⁴⁴

O passado, para as cidades surgidas com o garimpo, "é uma referência constante, o presente uma lamentação profundamente impregnada do sentido de perda e o futuro algo fugidio, confuso, ausente como projeto" (Senna, Ronaldo. 1998, op cit). A Chapada lavrista, toda ela, possui um ar ambigualmente nostálgico: ao mesmo tempo que orgulha-se e exalta-se do seu passado garimpeiro, também carrega em si uma tristeza saudosa dos tempos passados e da atual impossibilidade de ascensão social através do garimpo.

Sou da Chapada Diamantina, no sertão da Bahia, povoada principalmente por gente de Minas, do Tejuco e Grão Mogol, que acorreu às lavras novas. ⁴⁵

A saga do diamante na Chapada Diamantina vem sendo contada de várias formas por romancistas, cineastas e artistas locais. Além de Afrânio Peixoto, há a produção literária de Walfrido Moraes, Lindolfo Rocha, Herberto Sales e Ronaldo Senna – antropólogo que escreveu tese sobre o Jarê; e o filme de Orlando Senna que conta a história de um amor acontecido durante a decadência da garimpagem e o surgimento do carbonato ou diamante negro.

Muito da compreensão que temos da realidade social presente é construída pelo passado. O lugar do passado neste trabalho situa-se na tentativa em compreender a permanência do garimpo na região e o contexto político, social e ambiental em que este está inserido no momento atual.

⁴⁴Afrânio Peixoto. Breviário da Bahia, Manuscrito, s.d.

⁴⁵ Trecho do "Breviário da Bahia" de Afrânio Peixoto em: Sales, Herberto. 1955, op cit.

2. NAS TRILHAS DA SERRA: Garimpos e Garimpeiros

2.1. Uma Antropologia do Garimpo

O ideal do garimpeiro é, na cidade, fazer o saco para achar o diamante; e na serra, achar o diamante para fazer o saco.⁴⁶



Garimpeiro de serra de Remanso: vendendo produtos da sua roça na feira

Esse capítulo está organizado em duas partes. Na primeira parte, intitulada *Os Outros Garimpeiros*, apresentamos algumas referências bibliográficas que têm como contribuição ilustrar como os poucos trabalhos antropológicos sobre garimpo são realizados no Brasil - no caso do estudo de David Cleary - e em outros países, à exemplo da obra de June Nash.

Na segunda parte, intitulada *Os Garimpeiros da Chapada Diamantina*, descrevemos a partir de fontes bibliográficas e da experiência de campo, o garimpo praticado em Lençóis e sua peculiar forma de sobrevivência. Essa segunda parte é subdividida

⁴⁶ Seu Esmeraldo Pereira, ex-garimpeiro: entrevista realizada por Gustavo Falcón (arquivo pessoal). "Fazer o saco" significa fazer as compras das provisões alimentares e gêneros de primeira necessidade para a família e para a sobrevivência na serra.

por sua vez em dois itens: *Subindo a Serra: O Jogo do Diabo* - que retrata o trabalho e a vida na serra, os tipos de garimpagem existentes em Lençóis, e o cotidiano do garimpeiro na serra e na cidade. Em *Garimpendo Estrelas* - observamos o lado místico e poético do garimpeiro de serra, as crenças no sagrado, e o lado profano e festivo.

Os Outros Garimpeiros

Não importa onde se faz antropologia, no garimpo, na comunidade indígena ou na cidade. O importante é que o trabalho de campo e a análise posterior, sirvam como uma maneira, não só de iluminar a vida dos 'antropologizados', mas também de canalizar as vozes deles. ⁴⁷

As obras aqui tratadas trazem contextos de mineração extremamente diferentes. Entre garimpeiros de ouro da Amazônia (David Cleary), mineiros de carvão na Bolívia (June Nash) e garimpeiros de diamantes no sertão da Bahia, há certamente contrastes abissais. Contudo, os traços comuns que culminaram na escolha dessas obras estão na forma como os autores trataram os trabalhadores das minas. Há em ambos, um compromisso em destituir o caráter marginal dos mineiros, entendendo-os como uma categoria de trabalhadores comuns, com códigos éticos, valores hierárquicos, senso de solidariedade e organização social, mantidos através da necessidade de sobrevivência e da eminência constante da morte - presente tanto pela falta de segurança no trabalho quanto pela violência característica desses ambientes.

A pesquisa de David Cleary é construída, de certo modo, com base em uma etnografia clássica. Ao estudar o garimpo de ouro na Amazônia, Cleary busca em um meio aparentemente caótico e desordenado sinais de estrutura e organização

⁴⁷Cleary, David. *Anatomy of the Amazon Gold Rush*. Great Britain, University of Iowa Press, 1990.

social que permitam comprovar a tese de que mesmo em ambientes controversos e desordenados as regras sociais existem e podem ser observadas e analisadas.

Em June Nash, além da investigação sobre a organização social dos mineiros de carvão da Bolívia, há uma preocupação com o universo mítico e religioso observado nas minas. Nesse sentido, seu estudo aproxima-se dos garimpeiros de serra de Lençóis, que por motivos distintos, se utilizam do campo mágico e simbólico para assegurar sua permanência na profissão.

Durante muito tempo o Brasil desempenhou o papel de campo de pesquisa para estudiosos do mundo inteiro. Muitos antropólogos vinham ao Brasil com idéias pré-fixadas e um campo de pesquisa definido; os estudos sobre campesinato e populações rurais, bem como sobre as populações indígenas, tornaram-se uma das atividades mais visitadas pelos pesquisadores. Alguns deles, ao conhecer de perto o campo de estudo e a problemática a ser estudada, muitas vezes desviavam-se por outras vertentes. David Cleary encaixa-se nesse contexto: recém-chegado da Grã-Bretanha, seus planos de pesquisa tratariam da migração rural-urbana no estado do Maranhão, leste da Amazônia.

Cleary chegou à cidade de Imperatriz, sul do estado do Maranhão, e de imediato se deparou com a corrida do ouro na Amazônia. Impressionado com a dimensão política, econômica e social da corrida do ouro, transformou seu campo de interesse e elegeu os garimpeiros e a garimpagem como “objetos” de estudo. Esteve em Marabá (próximo à Serra Pelada), Belém e São Luis, realizando entrevistas com instituições ligadas ao garimpo e pesquisas documentais e bibliográficas sobre o assunto.

Embora tenha sido alertado sobre a hostilidade dos garimpos de ouro, Cleary não se inibiu quando surgiram as primeiras dificuldades de campo. Desenvolveu uma relação de amizade e confiança e chegou bem perto de uma compreensão completa sobre o funcionamento e a lógica da garimpagem. Falo bem perto, pois sabemos da ambigüidade presente nesse universo e da ausência, muitas vezes, de regras claras de convivência; o que permite uma margem grande de erro na tentativa de interpretação.

Cleary aponta como três os motivos que o levaram a estudar o garimpo de ouro na Amazônia: primeiro a suspeita de que havia alguma estrutura social por trás da imagem caótica e diversificada da garimpagem; segundo, a ausência de uma literatura satisfatória sobre o assunto; e terceiro, a grande rotatividade e circulação dos garimpeiros, Cleary pôde incluir em seus estudos diversas áreas de mineração sem necessariamente ter estado lá, apenas em conversas com garimpeiros que haviam trabalhado nessas áreas.

Seu livro, que se tornou uma leitura obrigatória para quem estuda garimpagem no Brasil, pretendeu realizar um empreendimento que a princípio parecia impossível: encontrar estruturas e organização social no universo instável e aparentemente rude do garimpo. Cleary traçou pacientemente um quadro da estrutura social garimpeira, no qual as diversas realidades e variações pudessem se encaixar. Para compreender a ampla dinâmica da atividade de mineração o autor também precisou desenvolver uma análise igualmente ampla.

Examinando o garimpo em seu contexto mais abrangente, privilegiando a observação do relacionamento deste com o Estado brasileiro e as companhias de mineração; e simultaneamente, realizando uma etnografia detalhada da vida social no interior das aglomerações garimpeiras, o autor se aproximou de um mapa social surpreendentemente regular do garimpo de ouro na Amazônia. O estudo de

Cleary, se comparado com estudos sobre garimpagem em outras áreas de mineração, ou mesmo com garimpos de outros tipos de minérios - como o diamante na Chapada Diamantina ou a esmeralda em Tocantins e Goiás - se aproxima incrivelmente dos dados encontrados em várias outras linhas de pesquisa.

O autor procura diferenciar a mineração informal conhecida como garimpagem da mineração formal representada pelas empresas públicas e privadas. Para Cleary, os dois sistemas são diferentes e pouco se aproximam quanto aos elementos identitários. A garimpagem é entendida como um setor informal, autônomo e menos atrelado às leis e normas que controlam a produção mineral no Brasil. Ele conclui que o garimpo de ouro na Amazônia teve saldos positivos, apesar dos "receios e reservas acerca de suas implicações para o meio ambiente e direitos territoriais dos índios" (Cleary 1992)

Os métodos de extração e prospecção do minério estão diretamente relacionados com o tipo de organização social nos garimpos. O estudo das técnicas desenvolvidas pelos garimpeiros informais é importante para demonstrar a hierarquia e a estratificação social presentes na garimpagem. A separação dos setores formal e informal na mineração não pode ser definida pelos instrumentos utilizados pelos garimpeiros; normalmente as técnicas de extração mais avançadas são assimiladas rapidamente. Com exceção da prospecção, que em nada mudou desde o século XVIII: continuam usando a "bateia" ou "vaso do ouro" na procura do mineral.

O garimpo é considerado um agente transformador das regiões e cidades onde está inserido de modo a interferir na economia, cultura e sociedade como um todo. A importância da atividade para as regiões onde se localiza é de tal forma a fazer surgir cidades inteiras em poucos dias, ou de desaparecê-las subitamente. A idéia

de mudança, inconstância e alta rotatividade são portanto elementos constantemente presentes no cotidiano do garimpeiro. Devido a isso, o antropólogo, ou qualquer outro cientista social que se proponha estudar o garimpo, esbarra-se em contradições, ambigüidades e processos conflituosos que limita inicialmente uma tentativa de classificação.

Clery tenta organizar um quadro das relações sociais do garimpo e a partir dele estabelecer uma idéia de estrutura para o universo social garimpeiro. Sendo que uma das questões metodológicas mais presentes no estudo do garimpo é a aparente ausência de estrutura social; em lugar disso normalmente se apresenta uma variada gama de relações e posições sociais pouco definidas e quase sempre temporárias. O garimpo representa uma mistura profusa de diferentes pessoas, culturas, raças e credos que nos remete quase sempre a uma idéia de abandono e caos.

A causa principal dessa aparente anomia deve-se em parte à origem diversificada dos garimpeiros -- procedentes de diversas regiões do país e de classes sociais muito diferenciadas. Entretanto, o garimpo é também um lugar fundamentado em uma estrutura hierárquica de ocupação e posição social. Uma característica que demonstra que a estrutura social do garimpo existe, e que não é tão fluida como aparenta, é o fato de os garimpeiros retornarem para a mesma classe social de origem quando abandonam a atividade.

Normalmente os que chegam aos garimpos com capital financeiro para investir conseguem um "bom barranco" (pedaço de terra onde se garimpa), vendem bem o mineral encontrado e, conseqüentemente, ganham mais dinheiro do que os que chegam descapitalizados e logo se endividam. Ou seja, é possível detectar um quadro de estratificação social no garimpo. Creio sim, que esse quadro é sempre

variável de acordo com a área e o tipo de garimpo; no caso da Chapada o quadro social é bem mais rígido e evidente.

A idéia de que o garimpo é um campo altamente confuso e contraditório não é sempre verdadeira. Enquanto alguns trabalhos sugerem uma compreensão dos garimpeiros como sujeitos centrados em um sistema coletivo e de cooperação, outros insistem em vê-los como sujeitos altamente individualistas. O estudo de Cleary contribui para mostrar de que modo essa ambigüidade se apresenta sem, no entanto, afetar o funcionamento da organização social.

Para o autor, a noção de liberdade individual está presente nas ações cotidianas dos garimpeiros e é central para a compreensão do universo do garimpo. Contudo, Cleary aponta para os limites de aceitação da ação individualista; quando esta vem de um garimpeiro dono de uma "fofoca" - garimpo recém descoberto e que normalmente é controlado por quem descobriu - a posição é mais ambígua. Geralmente os garimpeiros unem-se em oposição à outros garimpeiros que os ameaçam ou, mais freqüentemente, aos donos e empresários do garimpo.

Alguns garimpeiros auto denominam-se homens livres e autônomos e consideram a escolha pela atividade como uma fuga do trabalho assalariado, primam pela liberdade de não ter horários ou patrão, e pelo fato dos ganhos ultrapassarem os salários pagos a um trabalhador. Apesar desse discurso ser bastante comum entre os trabalhadores da mineração informal a realidade não é tão generosa assim. Mesmo os garimpeiros que são donos do garimpo e que não contraíram dívidas altas com o comércio local estão, ainda assim, submetidos às regras e oscilações do mercado local e da legislação. É notório que os garimpos não funcionam com a mesma lógica empresarial da mineração formal, por outro lado não fogem completamente de uma hierarquização e organização funcional análoga.

Tanto a tecnologia quanto a estrutura econômica e social da garimpagem estão centradas na interdependência entre garimpeiros e na cooperação mútua que a vida no garimpo permite. Alguns garimpeiros reconhecem que o sucesso de um garimpo depende, em menor grau, do nível de solidariedade de seus integrantes. Se foram solidários e ajudaram outros garimpeiros no passado, certamente obterão ajuda para solucionar seus problemas no presente. Devemos considerar também que uma área de garimpo possui vários riscos, problemas e conflitos, o que leva normalmente a uma necessidade de cooperação.

Entretanto, a idéia de solidariedade não deve ser simplificada quando se trata de zona de mineração. Um garimpo comporta vários tipos de relações e cada uma deve ser compreendida em sua especificidade. A relação dono-dono, dono-empregado e dono-empresário, são alguns exemplos de como tais relacionamentos podem ser variados e sofisticados. Dentro deste universo existem ainda vários tipos de donos, diversos tipos de empregados e de empresários ou intermediários.

O estudo de Cleary nos ajuda a compreender dois fatores básicos: primeiro, que o garimpo constitui-se em um interessante campo de estudo e que é possível estudá-lo; e segundo, que o estudo das populações garimpeiras exige uma especificidade e conseqüente reelaboração dos instrumentos metodológicos de pesquisa. Acrescento ainda que cada garimpo, a depender principalmente do mineral extraído, das formas de extração e do tempo de existência, exige um instrumento metodológico diferenciado; e a concepção desse instrumento deve ser elaborada em campo a partir dessas especificidades.

Em "A Morte Social dos Rios", de Mauro Leonel⁴⁸ também encontramos uma referência sobre a ausência de estudos adequados sobre o garimpo; embora seja um estudo voltado para o impacto sócio-ambiental das principais atividades

⁴⁸ Leonel, Mauro. *A Morte Social dos Rios*. São Paulo, Perspectiva, IAMA e FAPESP, 1998.

econômicas -- inclusive o garimpo -- desenvolvidas nos rios amazônicos. Assim como na esfera da organização social, o estudo da intervenção dos garimpos sobre o meio ambiente é bastante abrangente e complexo, compreendendo vários fatores. Os garimpos da Amazônia são caracteristicamente garimpos de ouro trabalhados principalmente por empresas mineradoras que fazem uso de máquinas e substâncias tóxicas, como o mercúrio, para a extração em larga escala.

Leonel chama a atenção sobre a necessidade de conhecer mais profundamente a categoria garimpeira porque, segundo ele, o garimpo representa uma grave ameaça aos rios e à diversidade ambiental brasileira. Para o autor, apesar de prejudicar várias atividades, como a pesca - através do mercúrio jogado nas águas - o garimpo apresenta-se como uma atividade extrativista altamente atraente, convergendo um grande número de pessoas para as zonas de garimpagem. Certamente, tal fato transforma o garimpo em um desafio para os órgãos ligados ao meio-ambiente e para os estudiosos das populações rurais ribeirinhas. Seria um equívoco simplesmente transformar os garimpeiros em vilões da natureza sem antes conhecer as formas de trabalho e a relação com a natureza desenvolvidos em uma área de mineração.

O estudo de Leonel retrata um garimpeiro que divide-se entre várias identidades e contextos. Os garimpeiros são atualmente índios, pescadores, pequenos agricultores ribeirinhos, entre outros. Para o autor, o baixo retorno econômico e a desvalorização das alternativas econômicas tradicionais têm alimentado a ilusão de que o garimpo é uma atividade rentável, fácil e mais regular, quanto aos fatores climáticos, do que outras atividades ribeirinhas. O que o torna extremamente atraente.

O garimpo introduz ainda expectativas para os pescadores e ribeirinhos, estimulados a trocar suas atividades por uma opção nem sempre tão vantajosa

ou compensatória, a médio e longo prazo, seja integrando-os à garimpagem ou como fornecedores ocasionais de mão-de-obra ou gêneros; promove o aguçamento de conflitos entre comunidades tradicionais, em particular as populações indígenas e a atividade garimpeira. (Leonel 1998)

Leonel estima que há aproximadamente 2 a 3 mil pontos de garimpagem na Amazônia, e que a maior parte dos garimpeiros não são profissionais autônomos e sim "contratados informais num sistema de parceria". Talvez por isso as associações e as formas de regulamentação da atividade não são legítimas. De acordo com o autor, apenas os donos de garimpo são, de certo modo, autônomos e procuram manter o associativismo; enquanto que os garimpeiros são normalmente empregados informais, o que dificulta imensamente a legitimidade e organização da atividade.

A desorganização e clandestinidade dos garimpos é histórica. Os garimpeiros, até onde sabemos, sempre tiveram uma imagem negativa perante a sociedade e aos outros trabalhadores. Vistos como pessoas aventureiras, rudes, desajustadas, e até mesmo perigosas, dificilmente são aceitos em ambientes sociais mais conservadores. Entretanto, o Brasil é um país curiosamente marcado pela mineração. A história do Brasil confunde-se com a história da expansão marítima européia em busca de ouro, diamantes e outros metais preciosos, em um novo continente. Aos poucos esses "aventureiros" e "desbravadores" foram se multiplicando. Ainda hoje a "ração mineral" de cada povo – consumo de minérios por habitante – é um dos índices de avaliação do nível de desenvolvimento das nações. (Guimarães, 1981:)

Segundo J. Epitácio Passos Guimarães (1981), o interesse pelos minérios apresenta-se desde a Idade Média, onde o conhecimento mineral e geológico era restrito aos ambientes fechados de mosteiros e laboratórios e era normalmente relacionado aos

processos curativos. Os minerais eram muito usados na cura de patologias graves, principalmente relacionadas à doenças de pele. O diamante, por exemplo, foi largamente utilizado na cura de espasmos -- o pó do diamante possuía um alto valor curativo -- isso sem falar nos minerais energéticos como petróleo, gás e carvão.

Em algumas análises sobre mineração e garimpo informal identificamos elementos ligados à superstição e às crenças místicas mais peculiares. É preciso considerar a relevância dessas crenças se pretendemos compreender, ainda que superficialmente, a sobrevivência da garimpagem em algumas regiões do Brasil. Michael Taussig⁴⁹ refere-se ao tema na Bolívia, quando estuda os trabalhadores das minas de carvão; o autor aborda as manifestações místicas existentes nas relações cotidianas dos mineiros bolivianos. Através da representação do diabo -- espírito considerado dono das minas e do carvão -- os trabalhadores expressam sua relação com o sobrenatural.

Os mineiros da Bolívia, segundo Taussig, acreditam que o diabo possui o poder de vida e morte sobre eles e sobre suas minas e que tudo é controlado pela entidade do "tio" -- como também é conhecido o espírito "dono das minas". Taussig descreve estátuas que simbolizam o diabo, observa ainda que as estátuas são ícones que possuem mãos, face e pernas feitas de argila, e que os olhos normalmente são representados por pedaços de metais brilhantes ou lanternas luminosas retiradas dos capacetes dos mineiros.

É interessante notar que o espírito do "tio" pode ser representado também pela figura do estrangeiro -- louro, face avermelhada e usando um chapéu de cowboy -- uma imagem que assemelha-se aos técnicos e administradores que controlam os

⁴⁹Taussig, Michael T. *The Devil and Commodity Fetishism in South America*. North Carolina, The University of North Carolina Press, 1980.

mineiros que escavam o carvão desde o século XIX. O diabo também pode vir na forma de um *sucubus*, oferecendo riquezas em troca de sua alma ou da sua vida. Alguns mineiros pensam que os ritos oferecidos ao diabo devem ser esquecidos; para outros, eles (os ritos) são responsáveis pela solidariedade e o alto nível de consciência revolucionária dos mineiros, motivo pelo qual as minas se tornaram famosas.

Para June Nash⁵⁰, os mineiros de carvão da Bolívia possuem um elevado grau de consciência revolucionária, entretanto a autora não acredita que as relações fetichistas sejam responsáveis pelo fato. Para Nash, os ícones são a "manifestação contemporânea do poder precolonial da montanha", e não os analisa como elemento central do trabalho e da vida física e cultural dos mineiros, como faz Taussig. June Nash acredita que a solidariedade característica dos mineiros de carvão é, numa leitura marxista, determinada pela consciência de classe. A autora relaciona o diabo ou o "tio" -- cultuado pelos mineiros -- com o sistema capitalista que escraviza a força de trabalho dos operários das minas.

De qualquer modo, nos parece que as atividades de mineração, principalmente aquelas mais informais, estão de algum modo relacionadas com a idéia de submundo, onde o perigo é uma possibilidade constante. As crenças em torno das minas e dos minérios podem ser interpretadas como uma tentativa de proteger-se das situações de imprevistos e riscos através de forças simbólicas e ocultas. Hoje temos mais garimpos informais do que podemos imaginar, muitas pessoas estão envolvidas direta ou indiretamente com atividades de mineração no país. Entretanto, nos deparamos com um sério abismo entre o conhecimento que temos deles -- os garimpeiros -- e o que eles realmente são e fazem.

⁵⁰Nash, June. *We Eat the Mines and the Mines Eat Us*. New York, Columbia University Press, 1992.

A mineração de ouro na Amazônia representa o atual garimpo brasileiro. Apesar da real representatividade do garimpo de ouro da Amazônia, há diversos garimpos espalhados por todo o Brasil, cada um deles carrega sua especificidade, suas diferenças sociais e culturais, seus conflitos e problemas. A conclusão a que se chega com o conhecimento de algumas pesquisas sobre garimpo, é que é possível encontrar traços comuns e regularidades que permitem a compreensão desse universo ainda desconhecido e até mesmo ignorado pela Antropologia e outras ciências sociais.

Ainda que o motivo para o estudo das populações garimpeiras seja a preocupação com alguns grupos sociais privilegiados pela Antropologia, como é o caso das sociedades indígenas na Amazônia - que estão em conflitos permanentes com garimpeiros e alguns, inclusive, já desenvolvem o garimpo em suas próprias áreas - o fato é que não podemos continuar ignorando os garimpos e os garimpeiros e sim procurar decifrá-los antes que sejamos devorados em meio a esse processo crucial e irreversível para o meio ambiente.



Peneiras de garimpo manual deixadas na beira do rio: mais à frente a garimpeira Sidnei



Velho garimpeiro de serra "olhando o tempo"

2.2. Os Garimpeiros da Chapada Diamantina

... As noções de tempo e de espaço são reformuladas de tal maneira que (...) não há distinção entre passado, presente e futuro; o tempo é entendido como o presente.⁵¹

Nesta parte, procuramos primeiramente retratar a relação do garimpeiro com o garimpo de serra, seu conhecimento técnico acerca da atividade e as condições de trabalho e de vida. Todos esses aspectos permitem costurar as experiências do garimpo no passado com o momento presente. No segundo e último item desse capítulo, observamos suas representações mágicas e simbólicas através das suas crenças e rituais religiosos e da maneira como lidam com o declínio da economia diamantífera.

Atualmente o grupo social "garimpeiros de serra" existe apenas através da associação que os representa. Muitas coisas mudaram entre o "tempo dos

⁵¹ Gonçalves, M. S. Petroni de Castro. *Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis-BA*. São Paulo, Escola de Folclore, 1984.

diamantes" e o "tempo do turismo". Realizar uma etnografia dos garimpeiros de serra da Chapada Diamantina, nos moldes realizados por Cleary ou por Nash, não seria uma tarefa viável, portanto. Os garimpeiros de serra não constituem mais um grupo social circunscrito por hábitos, cultura, práticas e territórios comuns.

Ao invés disso, nosso objetivo é estudar a percepção de mundo dos antigos garimpeiros de serra através de suas práticas e das idéias construídas ao longo do tempo e refletidas nas mudanças atuais. O garimpo se mantém enquanto uma cultura, associada à práticas de trabalho comuns, embora não exista mais uma sociedade de garimpeiros, semelhante à do passado. Por conseguinte, a nossa etnografia não é a etnografia clássica de uma comunidade especialmente localizada.

As informações utilizadas nesse capítulo são uma mesclagem de informações pessoais adquiridas ao longo do tempo como nativa e moradora da cidade de Lençóis⁵²; de entrevistas com os garimpeiros de serra - realizadas durante a pesquisa de campo - e por fim das referências bibliográficas de autores que realizaram estudos sobre a cidade. Entre esses autores, utilizo principalmente Ronaldo Senna - antropólogo nascido em Lençóis e profundo conhecedor da cultura lençoense - e Maria Salete de Castro, folclorista, embora seja uma visitante, ficou um tempo significativo na cidade desenvolvendo a pesquisa para a Escola de Folclore de São Paulo.

⁵² Nasci em Lençóis e morei lá até os 10 anos de idade. Depois, morando em Salvador, continuava passando todas as minhas férias e fins de semanas na cidade, em companhia de parentes e amigos.

Subindo a Serra: O jogo do diabo

*"... E tangendo o almocafre braço forte,
Arranca ao cascalhar da pedra bruta
A gema que o trabalho o conforto
E o faça repousar da dura luta..."* ⁵³



Filho de garimpeiro "bulindo" no cascalho lavado

O estudo de um grupo social em extinção, que naturalmente utiliza-se do passado para valorizar a sua identidade social no presente nos leva a trabalhar com uma superposição dos tempos históricos. Passado, presente e futuro entrelaçam-se transformando-se em um recurso de sobrevivência da categoria. A etnografia proposta nos leva a um tipo de labirinto do tempo, onde relatos passados são narrados no tempo presente. Apesar da característica advertência dos narradores de que - "... isso aconteceu no tempo dos diamantes ..." - é preciso encontrar o caminho que liga a história narrada com o presente do sujeito que nos conta.

⁵³ A "Canção dos Garimpeiros" é o hino dos garimpeiros executado anualmente na festa do N. Sr. dos Passos, padroeiro dos garimpeiros. Falaremos sobre os aspectos culturais e simbólicos do garimpo no próximo item.

É importante observar que as máquinas (dragas) chegaram a extrair milhares de diamantes nos leitos dos rios de Lençóis entre 1980 e 1996 - ano de sua proibição - o que significa dizer que os diamantes não acabaram e sim tornaram-se mais inacessíveis. O que está condenado de fato, é o garimpo de serra enquanto técnica extrativa. A utilização de instrumentos manuais extremamente rudimentares junto à idade avançada da maioria dos garimpeiros, impossibilitam o alcance dos veios mais difíceis, onde normalmente encontra-se o diamante.

Garimpo é *jogo de sorte*, os garimpeiros são unânimes em afirmar, tem que ter coragem e firmeza para enfrentar o serviço porque o garimpo é jogo controlado pelo diabo⁵⁴. Para os garimpeiros, a relação do garimpo com o diabo é baseada no aspecto impreciso e traiçoeiro do serviço de garimpagem, as regras estabelecidas e as técnicas utilizadas não são suficientes para garantir o sucesso do trabalho. Há sempre algumas artimanhas e pequenos truques que podem levar ao encontro da pedra mas não há nada que possa de fato garantir o *achado*⁵⁵.

O trabalho de garimpo é executado em três fases: 1. o encontro do cascalho⁵⁶, 2. *fazer o esmeril*, que significa preparar o cascalho e 3. *A lavagem do esmeril*, que é o mesmo que lavar o cascalho. Esmeril é o outro nome que se dá ao cascalho após a lavagem e purificação do mesmo. Em seguida, explicaremos cada uma das três fases do garimpo realizado em Lençóis, a partir das descrições encontradas em literatura científica e romances locais, da observação realizada em vários garimpos

⁵⁴ Expressão usada pelos garimpeiros para expressar o aspecto vicioso e traiçoeiro do garimpo.

⁵⁵ "Achado" é nome que se dá ao diamante encontrado, é comum ouvir dos garimpeiros mais antigos.

⁵⁶ O cascalho é o agrupamento de pequenas pedras que normalmente acompanham o diamante. As pedras são chamadas de "informações" pois indicam que pode haver diamantes. Nem sempre as "informações" acertam.

ao longo desses anos e do relato dos próprios garimpeiros sobre o trabalho cotidiano na serra.

Todo o processo de trabalho desenvolvido no garimpo chama-se de *serviço*, o serviço envolve todas as três fases citadas acima. É também uma forma do garimpeiro identificar e fazer referências ao seu trabalho: *serviço de garimpo*. O local onde o garimpeiro realiza o seu serviço é chamado de garimpo mesmo ou de serra: ele diz - "vou para o garimpo" ou "vou para a serra".

Ao chegar no garimpo o garimpeiro começa o serviço escolhendo um local, de preferência ainda não garimpado, para procurar o cascalho. O cascalho a ser trabalhado deve estar dentro da área reservada e reconhecida por todos como sua, um garimpeiro não pode de forma alguma *desmontar* ou trabalhar cascalho na área ou "garimpo" dos outros, sob pena de ameaças severas, inclusive de morte. Há muitos casos de briga por invasões em áreas de garimpo que chegam a ser resolvidas no fórum da cidade, diante do juiz, mas a grande maioria é resolvida de forma pessoal e direta, na base da conversa ou da violência⁵⁷ física, em alguns casos.

Grande parte dos garimpos atuais já foram inteiramente trabalhados no passado, entretanto os garimpeiros acreditam que às vezes o diamante se esconde para uns e aparece para outros, portanto mesmo em áreas demasiadamente exploradas é possível ter um bambúrrio⁵⁸ ou encontrar uma ou duas pedras pequenas que sirva para custear as despesas da semana. Dessa forma, escolhem o local para trabalhar o cascalho tanto por evidências de que ali já foi encontrado diamantes, ou ao contrário, pelo fato do local nunca ter sido garimpado antes; ou mais

⁵⁷ Os garimpeiros de serra não são aptos à violência, agem de tal forma apenas em casos extremos e ainda assim utilizam-se de golpes corporais e nunca de armas de fogo ou armas brancas. É expressamente proibido ao garimpeiro de serra portar armas de qualquer espécie sob pena de expulsão da associação e de intervenção em seu garimpo.

⁵⁸ Enriquecimento súbito através do achado de pedras de alto valor. Fato comum no início de um garimpo.

subjetivamente, por aquele local ter sido apontado em sonhos, presságios e avisos simbólicos.

Entre escolher o local onde procurar o cascalho, para em seguida chegar até ele e desmontá-lo, é um longo e árduo processo de trabalho no qual o garimpeiro pode levar um dia ou até semanas, a depender do local do garimpo e do tipo de cascalho a ser removido: tais fatores determinam o tipo de garimpo a ser trabalhado. Em Lençóis é comum garimpar em locais a céu aberto, principalmente nas encostas dos rios, em um tipo de garimpo chamado de *barranco de rio* - nesse tipo de garimpo os depósitos de cascalho estão nas beiras dos rios em barrancos que variam entre doze a sessenta palmos de altura. Nesse caso, o serviço é feito da seguinte forma:

... Deita água e vai correndo aquele barro, vai demolindo com água, até chegar no cascalho; ai então trabalha com mais cuidado, não deixa correr à toa.

Quando chega no cascalho não pode deixar "correr à toa" porque o diamante pode estar lá, misturado entre pedras que o acompanham e que são chamadas de *informações* - pois informam a possibilidade de haver diamante no cascalho desmontado - ainda que o cascalho não apresente nenhuma, das cerca de doze⁵⁹ tipos de pedrinhas que acompanham o diamante, o garimpeiro não o dispensa. É preciso ser persistente nesse tipo de serviço e compreender que garimpo é sorte e trabalho, não pode ter preguiça ou desânimo de ir adiante: o diamante pode estar escondido em um cascalho seco, duro e sem as *informações*.

Além do *barranco de rio*, existem vários tipos de garimpo praticados em Lençóis, tais como: *Catra de Barranco* - o garimpo é feito em encostas e barrancos secos que

⁵⁹ A existência de pedras específicas que costumam acompanhar os diamantes é fruto da observação empírica dos garimpeiros ao longo de anos de trabalho. Para os geólogos não há nenhuma evidência científica de que tais pedras acompanham os diamantes. As pedras possuem vários tipos e nomes, que variam de acordo com a região.

medem entre trinta a quarenta metros quadrados. Ainda é bastante comum o garimpo de *catra* na região. *Cascalhão* - Os depósitos de cascalho estão entre as pedras e a terra e são retirados com água. O cascalho que fica nessa região do solo é muito duro e as pedras que o protegem são grandes e altas. Esse tipo de garimpo é perigoso pois quando *deita*⁶⁰ a água e o cascalho vai sendo demolido corre o risco da pedra desmoronar em cima do garimpeiro.

Hoje, poucos fazem o garimpo de *cascalhão* porque exige muita força física para remover as pedras e para desmontar o cascalho duro que se forma embaixo delas. Os garimpeiros, a maior parte com idade avançada, já não praticam mais esse tipo de garimpo: - "é coisa para moço jovem que tá começando, nós estamos velhos" - dizem. Tem também o garimpo de *Grupiara* - esses são realizados em barrancos altos, nas encostas das serras, também é perigoso porque as serras são altas e os garimpeiros não têm equipamento apropriado para tal façanha.

Mas o garimpo mais perigoso da região é o garimpo de *Gruna* - o cascalho fica no subsolo, embaixo da terra, e todo o serviço é subterrâneo. Usa-se lanterna ou candeia (lâmparina que ilumina) e um saco para carregar o cascalho. O garimpeiro constrói túneis estreitos para a retirada do cascalho e vai desmontando-o e levando para cima. O perigo reside nas chuvas e nesse aspecto a água não é aliada do garimpeiro, enquanto as chuvas estão chegando e as primeiras nuvens se formam, o garimpeiro está no subsolo e não percebe. É quando é pego desprevenido e as trombas d'água que caem na Chapada invadem com força os túneis escavados, dificultando, quando não impedindo, a saída dos garimpeiros. Muitos garimpeiros morreram dessa forma nos garimpos da chapada.

Temos o garimpo de *Lancheio de Arrasto* - o cascalho é procurado em grutas fundas no meio das rochas, onde se penetra arrastando o corpo no chão, nesse caso é

⁶⁰ Deitar é o mesmo que colocar, pôr, jogar: expressão comum da região e muito usada em Lençóis.

aconselhável que o garimpeiro seja magro e tenha um corpo ágil, pois pode ficar preso em alguma parte do corpo e não conseguir sair sem se machucar. O garimpo de *Mergulho* - o cascalho é retirado em caldeirões no leito dos rios. O garimpeiro mergulha a fôlego ou com escafandro e retira o cascalho em sacos, faz vários mergulhos até remover todo o cascalho. Em Lençóis o *Mergulho* não é muito praticado pois os rios não têm profundidade suficiente para o acúmulo do cascalho. Já em Andaraí, cidade vizinha, os rios fundos permitem que esse garimpo seja praticado com sucesso.

Por fim, temos os garimpos de *Monchão*, *Talhado* e *Faisqueira*, todos os três são praticados a seco. O *Monchão*, trabalhado em terra firme, é um monte de barro amontoado de cascalho. O *Talhado*, é quando o cascalho está depositado em um canal muito fundo - uma espécie de "talha" - também pode ser chamado de veio, o mesmo nome dado ao rio, que é um grande talhado para a passagem da água. E o garimpo de *Faisca* ou *Faisqueira* que é um tipo mais simples, onde se busca o cascalho na superfície da terra, esse garimpo é um serviço pequeno, fácil e pode ser feito em fins de semana e dias de folga. Quem faz garimpo de *faisqueira*, não é reconhecido como garimpeiro, e sim como faiscador.

Os tipos de garimpo citados acima não são determinados pelo gosto ou habilidade do garimpeiro e sim pelo local e a forma em que é encontrado o cascalho. Um garimpeiro pode encontrar todos esses tipos de garimpo reunidos no mesmo lugar, por exemplo, e ser obrigado a desmontar o cascalho nas condições em que ele estiver, seguindo o conhecimento específico para cada situação. Há os garimpeiros mais indicados para este ou aquele serviço e há também os garimpos mais trabalhados de acordo com a época e com a moda. Garimpo também segue moda, provocada por algum *achado* de valor.

Se alguém encontrar hoje, diamantes de valor em um rio fundo ou gruta de Lençóis, por exemplo, volta-se a moda do garimpo de *Mergulho* e do *Lancheio de Arrasto*, respectivamente. Garimpos que já não ocorrem mais em Lençóis. O primeiro, depende de rios muito fundos, e são raros os casos de bambúrrio no fundo dos rios de Lençóis. Enquanto o segundo - o *Lancheio de Arrasto* - foi bastante popular no início do século XX e enriqueceu muitos garimpeiros. Hoje, eles afirmam que não encontra-se mais diamantes nas grutas, a não ser em buracos tão profundos que precisaria de muita dinamite para ter acesso.

Mas independente do tipo de garimpo o serviço é sempre o mesmo, resume-se em encontrar, desmontar e lavar o cascalho. O cascalho é um tipo de composição formado de pequenas pedras e material arenoso que existe em praticamente todos os solos, entretanto o cascalho rico, com materiais orgânicos que propiciam a formação de minérios é difícil de ser encontrado. Sendo comum apenas em regiões aptas à mineração.

Em lugares como Lençóis que tem o solo rico em minerais de várias espécies, boa parte do cascalho existente é um possível depósito de minérios raros. Contudo, no Brasil ainda não se descobriu que tipo de rocha matriz abriga o diamante - as rochas *kimberlitos*, que portam os diamantes africanos - têm se mostrado estéreis no solo brasileiro.⁶¹

O trabalho de chegar até o cascalho e *desmontá-lo* - separar da areia e das pedras - de modo que fique limpo para que o diamante possa ser visto no momento da lavagem, é chamado também de *fazer o esmeril* ou *resumir o serviço*. O esmeril é o *cascalho passado no ralo*, ou seja, quando se tira a areia e fica apenas aquele cascalho concentrado no fundo.

⁶¹ Guimarães, J. Epitácio Passos. *Epítome da História da Mineração*. São Paulo, Art Editora, Secretaria de Estado da Cultura, pág. 89.

Depois do cascalho limpo, sem areia nenhuma, chega o momento principal, que exige atenção e muito cuidado: a lavagem do cascalho ou a *lavagem do esmeril*, denominação mais comum nos primórdios da mineração de diamante no Brasil. Usada apenas pelos mais antigos e de um modo formal, a expressão *esmeril* não é uma linguagem comum e usual entre os garimpeiros de serra atualmente. Enquanto que *cascalho* é amplamente usado em todas as ocasiões e principalmente entre os garimpeiros durante o serviço.

Nesse momento o garimpeiro deve estar descansado e atento. Nenhum pensamento ou preocupação pode tirá-lo da atenção ao serviço. A posição em que fica ao sol, a água que bate nos olhos, alguém que chama, tudo pode provocar a perda do diamante. Ainda que o cascalho lavado, antes de voltar aos rios ou à terra, seja transferido para outro recipiente onde será novamente examinado - passando por no mínimo três peneiras - o risco de não encontrá-lo é grande.

Para o garimpeiro, a sorte não vem duas vezes no mesmo lugar. Portanto, lavagem de cascalho é momento de atenção absoluta, para que na lavagem o serviço todo não se conclua sem resultado. Nesse momento o garimpeiro pede auxílio ao padroeiro Nosso Senhor dos Passos, aos santos do Jarê⁶², e a todas as forças que venham ao seu encontro. Durante esse trabalho não tivemos a oportunidade de registrar esse momento, pois nenhum dos garimpos colaboradores da pesquisa estavam em atividade de lavagem do cascalho⁶³.

⁶² Manifestação religiosa típica da Chapada Diamantina. O tema será abordado no próximo item: "Garimpendo Estrelas".

⁶³ Os garimpos em Lençóis estão com suas atividades paradas há algum tempo por três principais motivos: 1. A falta de chuvas que dificulta o trabalho e diminui as chances de encontrar diamantes. 2. Os serviços de turismo: guia turísticos e trabalhos temporários em hotéis, que tem mantido o garimpeiro distante da garimpo. 3. A atual conjuntura política ambiental em torno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, que está tentando paralisar definitivamente a atividade de garimpo de serra. Enquanto isso os garimpeiros estão sendo orientados a não garimpar para evitar possíveis conflitos.

O processo de trabalho do garimpo de serra sofreu poucas transformações ao longo do tempo. Alguns tipos de garimpo foram desaparecendo e outros ganharam mais destaque, mas a mudança maior fica para a substituição das *bateias* - gamelas de madeira bem grandes e pesadas - pelas peneiras. As peneiras são mais leves, menores, e como são usadas três a quatro peneiras na *lavagem do esmeril*, o trabalho torna-se mais eficiente. Se o diamante rolar sorratamente da primeira peneira, tem mais duas ou três para segurar o mineral.

Pode acontecer dele, o diamante, não querer pertencer àquele dono, então ele se ofusca entre as outras pedras disfarçando seu brilho e passa invisível por uma, duas, três peneiras, até desaparecer novamente no cascalho. É comum ouvir histórias de garimpeiro que pega o cascalho já trabalhado por outro - feito o esmeril, lavado e peneirado - e assim que refaz o serviço, logo na primeira peneira, se depara com o diamante. São as artimanhas do diamante, que para o garimpeiro de serra, tem vontade própria, energia e vida ...

Quanto aos outros instrumentos de trabalho, permanecem os mesmos do início do garimpo em Lençóis. Vale tudo para o desmonte do cascalho, qualquer ferramenta pode ser útil, mas as ferramentas básicas são: sonda, enxada, enxadote ou almocafre, marreta, marrão, bucha, alavanca, broca, socador de broca, cunha, farracho, frincha e frincheiro. Praticamente todas as ferramentas de trabalho e os utensílios, usados no dia a dia para os serviços domésticos, são feitos pelo próprio garimpeiro com materiais como pedaços de alumínio velho, madeira, ferro e pedra.

Depois que o garimpeiro conclui o serviço na serra, se obteve sucesso volta rapidamente para a cidade e tenta vender seu *achado*. Antigamente, todas essas etapas entre o serviço de garimpo e o comércio do diamante, eram extremamente hierarquizadas e com funções bem definidas. O garimpeiro dificilmente negociava

pessoalmente a pedra, havia sempre o intermediário: pedrista ou capangueiro, para realizar o negócio.

Com a economia diamantífera totalmente estagnada, Lençóis atualmente não dispõe de um mercado regulador para o comércio das poucas pedras encontradas. Hoje, os diamantes encontrados são vendidos pelos próprios garimpeiros para funcionários públicos, funcionários do Banco do Brasil, turistas e comerciantes. São também, com frequência, usados no abatimento de dívidas, ou simplesmente, trocados com os donos de comércio como pagamento das despesas mensais.

As pedras encontradas em Lençóis atualmente, não possuem qualidade para ingressar no mercado de pedras preciosas, as joalherias não compram *gemas*⁶⁴ muito defeituosas e exigem um alto padrão de qualidade no serviço de lapidação. Os preços do diamante bruto, comercializado diretamente com o garimpeiro, variam entre R\$ 60,00 e R\$ 200,00. Após a lapidação as pedras passam a custar entre R\$ 100,00 e R\$ 600,00. Em raríssimos casos, pedras de maior valor são encontradas e comercializadas em faixas maiores ou repassadas para o comércio externo.

O valor do diamante é determinado primeiramente por sua cor - a pedra mais valorizada é a branca, por ser clara é a que brilha mais entre as gemas. Em segundo lugar, observa-se as manchas - as manchas são pontos escuros que ofuscam o brilho da pedra, muitas vezes são tão pequenas que para detectá-las é preciso uma lente de aproximação. Quando uma pedra apresenta muitas manchas o serviço de lapidação torna-se mais difícil, pois um bom serviço de lapidação deve retirar as manchas maiores sem alterar em demasia o tamanho da gema.

⁶⁴ Os diamantes são também chamados de "gemas". Expressão usada principalmente no jargão comercial.

O terceiro fator observado na avaliação do diamante são as quinas ou pontas - em Lençóis as pontas são chamadas de *pinhão*, o diamante perfeito deve ter seis *pinhões* ou quinas. Tem diamantes, como o *Bala*, que não tem quina, é todo arredondado, mas tem imenso valor no mercado. Uma pedra com muitas quinas é valorizada porque facilita a lapidação, o que significa dizer, que o desgaste da pedra durante a lapidação será menor. Ou seja, o comércio de diamantes é regulado pelo grau de dificuldade ou facilidade no processo de lapidação de uma pedra.

Pedra que exige mais trabalho durante a lapidação vale menos pois há um desgaste maior na obtenção da forma, pedra que já possui a forma ideal - estabelecida pela indústria de jóias - vale mais pois mantém seu peso e textura pouco burilados. A lapidação é o processo no qual o diamante: pedra bruta, transforma-se no brilhante: pedra trabalhada ou lapidada. O processo consiste em quatro etapas: cortar, rondir, lapidar e abrilhantar.⁶⁵

Ao observar a mágica da lapidação duas coisas impressionam: primeiro, é observar que o pó do próprio diamante, adquirido após o corte e o polimento, é usado para abrilhantá-lo no final do processo. Ou seja, o brilho do diamante lapidado vem dele próprio. Segundo, é perceber que o segredo da lapidação está nas pontas do diamante, que devem ser realçadas ou feitas no corte, para que o diamante tenha sempre a forma de uma estrela. Os lapidadores - que chamam essa fase de *abrir as estrelas* - poderiam ser considerados artesões de estrelas.

Lençóis possui hoje apenas uma casa de lapidação que às vezes é fechada por falta de dinheiro, funcionários e diamantes para lapidação. A casa é mantida pela prefeitura e trabalha com vários tipos de pedras ornamentais e decorativas encontradas na região. Contudo, a única pedra valiosa trabalhada no local é o

⁶⁵ Informação retirada de entrevista com Roy Funch (Anexo 1.1, pág. 7) - que além de biólogo, trabalha com artesanato e conhece bem o processo de lapidação - e confirmada no livro de Maria Salete Gonçalves: 1984.

diamante, lapidado para jóias de alto valor comercial. A casa da lapidação tem um trabalho social com os menores de rua e com os jovens filhos de garimpeiros, o objetivo é que eles aprendam outro ofício para que não dependam exclusivamente do garimpo no futuro e precisem sair de Lençóis quando a atividade estiver totalmente extinta.

O garimpo, sendo profissão tradicional da Chapada Diamantina, apresenta características singulares e extremamente distintas dos garimpos comuns. O garimpeiro aprende o ofício do garimpo com o avô, pai, tio, ou um irmão mais velho - de modo que é sempre alguém da família que transfere o conhecimento para o aprendiz. Por esse motivo o garimpo na Chapada Diamantina transformou-se em uma atividade atipicamente familiar. O que justifica a integração e o bom convívio dos garimpeiros com a sociedade lençoense. No estatuto da SUM - Sociedade União dos Mineiros - pregam boa conduta, valores morais e respeito à instituição familiar.

Embora os garimpeiros tenham perdido o poder econômico e junto com ele o prestígio e poder político, continuam sendo respeitados na sociedade pelo comportamento moralmente exemplar da maioria deles e pelo respeito a tradição. Garimpeiro de serra que é associado à SUM tem um código de normas bastante rígido para seguir com a ameaça de expulsão da associação caso venha infringir qualquer regra, tais como: ser encontrado bêbado, se envolver em roubos ou pequenos furtos, praticar ato de violência contra qualquer pessoa, usar a sociedade mineira para promover-se ou beneficiar-se de alguma forma, são exemplos de algumas das infrações que não devem ser cometidas.

No refrão da "Canção do Garimpeiro"⁶⁶, os garimpeiros são retratados como símbolo de união e modelo de conduta:

*Avante garimpeiros, bem unidos
Sêde do País, lição, preceito, exemplo,
Cantando ficarão vossos gemidos
Nesse altar de granito, vosso templo.*

Quando a atividade de garimpo representava o principal setor econômico da região, os garimpeiros eram responsáveis por praticamente todo o capital que circulava na Chapada Diamantina e no Estado da Bahia. O dinheiro arrecadado e gerado pelo consumo dos garimpeiros alimentava bares, casas de lazer, mercearias, lojas de toda qualidade de tecidos e artigos da moda. Todo o comércio e a vida social giravam em torno do diamante, do preço e cotação no mercado interno e internacional.

Quando um garimpo estava "dando diamante" toda a cidade era avisada e preparada para a recepção dos "novos ricos". Os garimpeiros, ao descer a serra, viviam seus momentos de glória e prestígio. Na maioria das vezes gastavam todo o dinheiro conseguido em meses de garimpo com mulheres, festas e consumo de bebidas, roupas e comida. Era o momento também de batizar crianças, apadrinhar casamentos, participar de festas beneficentes e contribuir com a igreja. Todos queriam beneficiar-se do bambúrrio acontecido.

Os garimpeiros viviam na serra, lá ficavam cerca de dois a três meses quando o garimpo prosperava. Nos garimpos mais ricos e habitados, costumava-se encontrar pequenos comércios improvisados: com gêneros alimentícios e produtos básicos

⁶⁶ A "Canção dos Garimpeiros" foi escrita em 1924 no Estado de Mato Grosso, chegou na cidade de Lençóis em 1926 por intermédio de Samuel Salles que ofereceu à Lira Popular de Lençóis. A canção foi executada pela primeira vez em 1° de fevereiro de 1927. Anexo 6.3.

para a sobrevivência na serra, pequenos bares, e centenas de ranchos onde abrigavam-se os garimpeiros e seus familiares - algumas casas possuíam quintais com fartas hortas, pomares e uma pequena plantação de subsistência com mandioca, milho, feijão e até café - algumas zonas, de tão movimentadas, acabavam transformando-se em pequenos vilarejos e bairros rurais.

Constroem, já agora, nos seus próprios garimpos ... as 'casas grandes', com os seus pomares, com os seus currais, com os seus jardins carregados de magnólias e de bogaris que espalham perfume nas noites cálidas da chapada imensa.⁶⁷

A escassez abrupta dos diamantes provocou o deslocamento dos garimpos para locais de difícil acesso e de solo árido, não afeito ao plantio, e contribuiu para o esvaziamento e por vezes a total extinção dessas zonas. Lençóis possui atualmente 2 a 3 bairros periféricos originados de antigos garimpos; o bairro "Alto das Estrelas" - que herdou inclusive o mesmo nome do garimpo lá localizado - e o "Lavapé ou "Rua dos Negros", são exemplos dessas antigas aglomerações.

Quando antes se pegava diamante todos os dias, com a escassez, as pedrinhas brilhantes só apareciam na época das chuvas. Principalmente as chuvas torrenciais que reviravam o leito dos rios, criavam novos poços e varriam o subsolo jogando para cima camadas de terra onde ficam o cascalho.

As chuvas siderais que ocorriam todo ano na chapada, principalmente na cidade de Lençóis, foram se tornando irregulares. O garimpo de diamante, que depende inteiramente das águas dos rios, aos poucos foi sendo paralisado pela ausência das águas. com as chuvas os rios se tornavam o principal cenário da região - rios Lençóis, Santo Antônio, São José, Roncador, Utinga, Paraguassú - todos descendo

⁶⁷ Moraes, Walfrido: *Jagunços e Heróis - a civilização do diamante nas lavras da Bahia*. Salvador, Edições GRD, 1973, pág. 20.

espumantes, rasgando a cidade com fúria, para alegria dos garimpeiros que corriam para a serra nos primeiros sinais de estiagem. Walfrido Moraes (1973) descreve de maneira poética a relação do garimpeiro com as águas dos rios:

É o rio - com o qual o garimpeiro mede forças - e, quando não vai tragado por ele, torna-se, depois, aliado, amigo, companheiro, na mais temerária e na mais sonhada de todas as suas aventuras: a busca do diamante.



Escorregão do Rio Mucugezinho em Lençóis: lugar de antigo garimpo

O fato é que, além da distância, os ranchos de garimpo tornaram-se lugares pobres, vazios e tristes. As famílias dos garimpeiros fixaram-se definitivamente nas cidades - à procura de emprego e escola para os filhos, a escola é a forma de fugir da herança da profissão de garimpo - algumas famílias confessaram ter mais de 10 anos que não visitam seus garimpos.

A locomoção para a serra tornou-se uma caminhada solitária em busca do diamante, o garimpeiro que vai à serra passa a maior parte do tempo sozinho em seu rancho de garimpo. Alguns vivem a solidão plenamente e transformam-se em uma espécie de duende da mata: desaparecem durante dias sem que ninguém os

encontrem, preparam ervas para cura de toda espécie de moléstia, descobrem e inventam novas trilhas que permitem acesso a lugares nunca visitados.

*Na solidão claustral da serrania
Vagueia o garimpeiro solitário,
Nasce mais uma esperança nesse dia,
Como o sol de granito, relicário ...
... Repousa em cada peito uma saudade
E em cada coração, uma lembrança,
No solo retalhado a mão invade
E hasteia o pavilhão de uma esperança* ⁶⁸

Garimpando Estrelas

Em meio à dificuldade de sobrevivência na serra e diante de novas atividades econômicas que surgem a todo instante com a chegada incessante de turistas na região, resta a intrigante pergunta: o que leva esses sujeitos, apesar de toda a adversidade, a procurar diamantes que raramente são encontrados? O vício ou costume do garimpo, apelidado por eles como o *jogo do diabo*, permanece sem aparentemente nenhum sentido racional. Partimos em busca desse sentido e encontramos um universo religioso e mítico curiosamente entrelaçado ao mundo natural.

As variadas formas de extração mineral produzem também formas diferenciadas de relacionamento do garimpeiro com o espaço natural em volta e com o trabalho que realiza. O universo simbólico e religioso dos garimpeiros de lençóis - permeado da relação com os seres, as coisas e a natureza - permite nos situar e

⁶⁸ Trecho da "Canção dos Garimpeiros": hino executado anualmente na festa do Senhor dos Passos. Anexo 6.3.

situá-los na discussão sobre os recursos naturais disponíveis e seus modos de apropriação.

Atualmente temos aproximadamente 200 garimpeiros de serra associados à SUM⁶⁹ - Sociedade União dos Mineiros - desses, aproximadamente 70 ainda trabalham garimpo. Entre os setenta, 50% está em idade avançada e garimpa de forma precária. Esses velhos homens são os mesmos que buscam consolo e apoio espiritual no *Senhor dos Passos*, padroeiro dos garimpeiros; na folia de *Ternos de Reis* e da *Marujada*, manifestações folclóricas locais; e principalmente no *Jarê*, manifestação religiosa local⁷⁰. Nesse item descrevemos a relação dos garimpeiros de serra com todos esses elementos e aspectos da cultura lençoense, aspectos esses diretamente relacionados com a cultura garimpeira.

A importância da esfera religiosa na vida social, cultural e simbólica das Lavras Diamantinas manifesta-se de forma contundente nos modos de relacionamento do garimpeiro com a natureza e com o trabalho de garimpo. O campo simbólico e mítico faz-se presente em todo o processo da garimpagem: da procura pelo melhor local para desmontar o cascalho, passando pela limpeza desse local, pelo desmonte do cascalho ou *preparo do esmeril*, até chegar no *resumo do trabalho*⁷¹: a lavagem do cascalho. Todas essas etapas consomem meses de trabalho árduo na serra - com caminhadas longas até o garimpo e uma exposição contínua ao sol - castigando o garimpeiro idoso que ainda alimenta a esperança de voltar a sentir nas mãos o calor e o brilho da pedra bruta.

⁶⁹ Dados levantados pela própria SUM - Sociedade União dos Mineiros - em 1998.

⁷⁰ Todos esses aspectos serão tratados ao longo desse item. Entretanto o *Jarê*, enquanto religião, resume e traduz a religiosidade dos garimpeiros de serra e da população das lavras diamantinas.

⁷¹ "Resumir o trabalho" é chegar ao fim dele, é quando resume o cascalho ao máximo até ficar só as pedras que informam e por fim o diamante. A felicidade do garimpeiro é quando um serviço é resumido com sucesso: quando dá diamante.

Entretanto, o garimpeiro não se infla de esperanças apenas com a possibilidade do diamante ou da vida livre na serra, como parece ser. O que esses homens representam para a cidade de Lençóis, sua vida social, suas práticas religiosas e espiritualistas, e o enraizamento da sua história com a história local, dão um sentido de pertencimento e uma força imensurável aos garimpeiros de serra.

O Jarê é uma instituição religiosa da Chapada Diamantina lavrista, encontrada até então, apenas nas cidades baianas fundadas pelo garimpo de ouro e diamantes. A religião do Jarê é uma profusão de elementos do catolicismo cristão e do candomblé e possui uma forte ligação com o garimpo de diamantes na cidade de Lençóis. O Jarê é uma instituição religiosa de origem africana totalmente produzida no sertão baiano. Segundo especialistas⁷², a religião apresenta traços de origem banto que provavelmente incorporaram elementos da cultura nagô durante o processo de urbanização da chapada lavrista.

A Chapada lavrista, onde se desenvolveu o Jarê, devido a acumulação súbita de riquezas e a formação de classes sociais radicalmente distintas, era um ambiente propício a conflitos classistas e manifestações de preconceito. Entre as várias raças e culturas que se encontraram no sertão baiano em função da febre do garimpo - as raças de origem africana, principalmente os Nagôs - transmitiram um importante legado cultural à sociedade lençoense, que sobrevive até os dias atuais. Os Nagôs, e outras etnias de origem africana, chegaram em Lençóis como escravos e recém libertos para trabalhar nas frentes de garimpo de diamantes.

⁷² Senna, Ronaldo. *Jarê, uma face do candomblé*. Bahia, Editora da UEFES, 1998.

Atualmente, as manifestações culturais presentes em Lençóis são uma herança das etnias africanas, principalmente Banto e Nagô. Além do Jarê, há a Marujada e o Terno de Reis, que todos os anos divertem a cidade com seus folguedos e danças. Os negros, discriminados durante o auge da economia do diamante, deixaram um legado cultural que ressalta a cidade de Lençóis para além das suas riquezas naturais, apresentando-a como uma cidade culturalmente rica e dinâmica.

A consolidação da instituição do Jarê foi sendo construída em conjunção com a cultura do diamante. Quando os negros angolanos - de origem Banto - e os Nagôs, chegaram em Lençóis foram encaminhados para o trabalho de garimpo. Muitos garimpavam como escravos nos garimpos dos seus senhores, outros haviam conquistado a liberdade e garimpavam por conta própria ou como diaristas em garimpos maiores. O fato é que os tocadores de tambor de Jarê eram também garimpeiros, e vice-versa; viviam as mesmas histórias de violência, discriminação e privações e trabalhavam em função de uma ambição que não lhes pertenciam.

Segundo Ronaldo Senna, os curadores mais experientes e afamados do Jarê, vicejavam e faziam fama nos garimpos menos bamburrados - que custavam a dar diamante - era justamente nesses garimpos que a angústia dos trabalhadores crescia, sufocando a esperança e a possibilidade de vida e alegria. Nesses ambientes, a sorte, o acaso e a crença espiritual, representavam uma última chance de transformação, força e resistência. Muitos transcendiam o preconceito e a violência através do preparo e da prática dos rituais, e da responsabilidade com o seu "santo" - que exigia devoção e alegria.

Esses aspectos de interação entre o Jarê e o garimpo estão sendo ressaltados aqui, porque, na nossa opinião, é um dos aspectos culturais responsáveis pela aceitação e preservação da profissão do garimpo em Lençóis. Se não houvesse uma cultura garimpeira forte, em grande parte alimentada e sustentada pelo Jarê, acreditamos

que com o fim dos diamantes, os garimpeiros partiriam para outros cantos e a cidade seria hoje uma pequena vila abandonada, ou uma cidade em ruínas- como normalmente acontece nas zonas de garimpo - há muitas cidades abandonadas na Chapada Diamantina.⁷³

O Jarê, ainda presente nas cidades de Lençóis, Andaraí e Palmeiras, é hoje uma profusão de elementos cristãos, misturados a rituais africanos inspirados no candomblé, e ainda, traços da religião espírita cardecista. Há um longo debate sobre se o Jarê e o candomblé são a mesma religião, ou se o Jarê é uma variação muito próxima do candomblé tradicional baiano. No entanto, essa discussão não é relevante para nosso trabalho, que não pretende estudar a formação e a composição da instituição do Jarê e sim perceber suas influências na cultura garimpeira e na identidade e auto preservação dos trabalhadores do garimpo.

O ritual de Jarê, como falamos anteriormente, é uma complexa mistura de três religiões bastante populares no Brasil: catolicismo, espiritismo e candomblé. Portanto, o panteão dos rituais, crenças e dogmas, através do qual fundamenta-se enquanto instituição é bastante diversificado e variável. Mesmo dentro da cidade de Lençóis, podemos encontrar diversas formas de Jarê, a depender das influências e formação religiosa do *pai de santo* ou *curador* responsável. Em Lençóis, é mais comum chamar o responsável pela *casa* ou *terreiro* de *curador*; o nome *pai de santo*, já é uma influência trazida pelos visitantes de grandes centros urbanos, como Salvador e Rio de Janeiro.

De acordo com Ronaldo Senna, há várias influências do garimpo de diamantes no corpo mítico do ritual de Jarê da cidade de Lençóis. Entretanto, destacamos quatro

⁷³ É o caso de Xique-Xique do Iगतú, cidade abandonada após declínio do garimpo, hoje incorporada ao turismo pelas suas ruínas de pedra e sua atmosfera de abandono.

"mitos"⁷⁴ - 1. *Encanto do diamante*, 2. *Destino das pedras*, 3. *Chamamento*, 4. *Vida orgânica das pedras* - que acreditamos estar diretamente relacionados com a sobrevivência do garimpeiro de serra e com a mitificação do garimpo de diamantes em Lençóis. A seguir, relatamos esses campos míticos a partir dos estudos realizados pelo antropólogo Ronaldo Senna, especialista do Jarê da Chapada Diamantina.

O primeiro deles, é o *Encanto do Diamante*, que representa a "união espiritual com os astros". Esse campo mítico está baseado na argumentação de que "para cada estrela no céu existe um diamante na terra" e nenhum garimpeiro conseguirá apanhá-lo, se as forças dos seus astros não permitirem o bambúrrio. O mito conta que o elo humano na união do astro com a pedra é um garimpeiro específico, formando assim uma espécie de triângulo mágico. Esse mito ilustra o caso de garimpeiros que lavam cascalho que contém diamantes sem detectar a presença da pedra, em seguida vem outro garimpeiro, trabalha o mesmo cascalho e encontra diamantes na primeira lavagem.

O segundo mito é o *Destino das Pedras*, "posse predeterminada do diamante por um garimpeiro escolhido pelos astros". O que significa que cada diamante tem seu dono previamente escolhido pelo destino. Nesse caso, o garimpeiro procura o curador de Jarê para saber se é dono de algum diamante, e se for, pede pistas para encontrá-lo. Em troca o curador de Jarê determina obrigações ao garimpeiro para que este encontre sua pedra mais rapidamente.

O terceiro mito é o *Chamamento da Pedra*, o diamante chama o seu dono através da luz e do som. Muitos garimpeiros, antes de encontrar o diamante, afirmam ter

⁷⁴ A palavra "mito" foi usada pelo autor, para nomear os rituais presentes no Jarê que têm fundamentação e origem no garimpo de diamante. Não discutiremos a terminologia usada aqui, mas ao que parece o "mito" é compreendido pelo autor como uma junção do ritual - enquanto ação - e do mito - enquanto ideologia.

visto um feixe de luz correndo sobre a serra ou passando diante do seu rosto cegando-lhe a visão por alguns segundos, outros contam que já ouviram batidas na piçarra⁷⁵, ou no carumbé⁷⁶. Nesses casos, os garimpeiros não têm dúvidas, é o diamante chamando para ser encontrado. Sendo assim, preparam o saco com as provisões alimentares, trabalham dobrado no desmonte do cascalho, ficam atentos aos avisos da natureza, e só descem a serra quando pegam alguma gema.

O quarto e último mito chama-se a *Vida Orgânica das Pedras*, é talvez, o que mais se popularizou entre a população comum e os garimpeiros. De acordo com esse mito, o diamante tem vida, pode observar os garimpeiros, se esconder deles e aparecer quando quiser, pode também ouvir, ver e até sentir. Os garimpeiros têm centenas de histórias que humanizam os diamantes, histórias que muitos acreditam e outros desconfiam que não seja verdade, mas na dúvida, acabam obedecendo as vontades do diamante.

Todos os elementos presentes nos mitos acima estão, de certa forma, relacionados ao bambúrrio, ou seja, achar a pedra certa que garantirá felicidade e prosperidade. Sendo criado para um garimpeiro específico, o diamante ao vir para as mãos do seu "dono" verdadeiro restituirá a vida, a alegria e a saúde perdida. Quando os garimpeiros procuram o curador de Jarê, vão por motivos de saúde, problemas familiares ou dívidas altas com algum comerciante, dificilmente os serviços de Jarê são usados apenas para conseguir pegar diamantes.

Com exceção dos casos de garimpeiro *infusado*, que é o trabalhador que fica muito tempo sem pegar diamantes, não conseguindo mais empregar-se nos garimpos e chegando a passar necessidades materiais sérias. Alguns acabam ficando doentes

⁷⁵ Piçarra são lages depois do cascalho diamantífero.

⁷⁶ Prato grande feito de madeira, tipo uma gamela, tem vários usos no garimpo: pode ser usado para comer, mas serve principalmente para carregar o cascalho na peneira.

de fato, e psicologicamente perturbados - nesses casos, procura-se o curador para saber se há algum "trabalho" feito para prejudicá-lo - se houver, procura fazer as obrigações mandadas pelo curador e espera o resultado com muita oração e fé em Nosso Senhor dos Passos. Dizem os garimpeiros, que quase sempre o curador consegue tirar o encosto ou malefício feito ao garimpeiro *infusado*.

Segundo Maria Salete Gonçalves⁷⁷, folclorista que realizou pesquisas em Lençóis, a religiosidade dos garimpeiros da cidade está voltada para o mundo vivo e não para o espiritual, como pregam algumas religiões. De modo que o garimpeiro recorre à ações mágicas e religiosas para que tudo funcione bem em todas as instâncias da sua vida: do trabalho ao casamento, tudo passa pelo crivo e apoio do sagrado. Principalmente o controle sobre a natureza. Os garimpeiros costumam pedir ao santo de Jarê para trazer chuvas ou levá-las, de acordo com o serviço no garimpo.

Cada orixá ou "santo" - como é chamado no Jarê de Lençóis - tem sua ligação direta com elementos da natureza. Oxalá, domina os céus; Omulu, a terra e o sol; Xangô, o relâmpago e o fogo; Iansã, o vento e a tempestade; Oxóssi, a lua e a mata; Iemanjá, o mar; Oxum, a água doce; Oxumaré, o arco-íris. Alguns garimpeiros obedecem fielmente as ordens do santo ou do curador, mesmo que a ordem pedida seja a paralisação das atividades de garimpo. O garimpeiro obedece, pois reconhecem a força das entidades, sabem do poder dos santos sobre todos os elementos da natureza, inclusive o diamante.

Embora a relação do garimpo de diamantes com o Jarê exista com muita força em alguns aspectos, Ronaldo Senna procura alertar que, de forma alguma, o Jarê das Lavras pode ser considerado uma religião de garimpeiros, e sim uma

⁷⁷ Gonçalves, M. S. Petroni de Castro. *Garimpo, Devoção e Festa em Lençóis-BA*. São Paulo, Escola de Folclore, 1984.

"cosmogonia" que opera com garimpeiros. Para Senna, não é o Jarê que cria os mitos do garimpo, nem este que cria os mitos do Jarê. Cresceram e criaram-se juntos, um atuando como uma complementação e restauração do outro.

O *Terno de Reis* e a *Marujada* são elementos folclóricos importantes para a cultura lençoense, primeiro porque têm uma forte ligação com os garimpeiros locais e segundo pela relação com o Jarê. Teatralizados pelos nativos de Lençóis - em sua maioria garimpeiros ou familiares de garimpeiros - o *Terno de Reis* começa com as festas natalinas, estende-se por todo o mês de janeiro e vai até o dia 02 de Fevereiro - ocasião da festa do Nosso Senhor dos Passos - padroeiro dos garimpeiros.

Os grupos de ternos de reis costumam sair pela cidade cantando, dançando e animando festas. O chefe do terno chama-se reiseiro, ele é responsável pela puxada dos cantos, deve saber puxar para que a música fique batida e no ritmo. Nos ritmos misturam-se os batuques e cânticos religiosos, mesclados com instrumentos como zabumba, surdo, pandeiro, gaitas e flautas. As vestimentas são sempre muito coloridas, com chapéus enfeitados com espelhos, fitas de todas as cores, e muitos objetos brilhantes e rítmicos pendurados na roupa. Alguns ternos encenam lutas, como por exemplo, a luta de espadas representada por alguns ternos tradicionais.

A *Marujada*, é uma representação folclórica importante para os batedores de Jarê e garimpeiros, chegou em Lençóis há muitos anos, possivelmente no início do século XIX. O fato, é que desde 1914 mestre Ceciliano a comandava - Seu Ceciliano era um garimpeiro muito respeitado pelos moradores de Lençóis - quando faleceu, a marujada quase se desfaz, contudo o contra-mestre, João, deu continuidade ao trabalho. Ao contrário do Terno de Reis, a Marujada apresenta-se apenas uma vez por ano, durante a festa do Nosso Senhor dos Passos. Uma homenagem que faz aos seus companheiros, os garimpeiros de serra.

Embora todas essas manifestações populares sejam uma forma de resgatar os tempos áureos do garimpo e a importância dos garimpeiros - protagonistas por excelência da cultura lavrista - a maior de todas as homenagens e o mais importante evento cultural da Chapada Diamantina é sem dúvida, a Festa do Nosso Senhor dos Passos: santo padroeiro dos garimpeiros.



Imagem do Nosso Senhor dos Passos: procissão de 02 de fevereiro

A festa começa dia 24 de janeiro e se estende até dia 02 de fevereiro, quando encerra-se com uma missa em homenagem aos garimpeiros e a procissão com a imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, ou Senhor dos Passos, como é carinhosamente chamado pela população. A festa é organizada em novenas, cada noite é realizada uma novena em homenagem a grupos sociais e categorias profissionais da cidade, começa com a noite das crianças e termina com a especial noite dos garimpeiros.

A novena começa às 04:00 da manhã com a Alvorada, que consiste em acompanhar a Lira Filarmônica da cidade pelas ruas até a igreja do Senhor dos Passos, onde é

realizada uma primeira missa matutina. A Philarmônica executa o hino do Senhor dos Passos e a Canção dos Garimpeiros todos os dias, pela manhã e a noite após a missa noturna. À noite a programação é a mesma, com a diferença que depois da missa, acontece a festa profana com bailes, barracas de bebidas e comidas à vontade. A festa é acompanhada de muitos eventos culturais, como shows musicais e teatro.

O dia dos garimpeiros é festejado com toda a elegância, nesse dia a Lira Philarmônica - que também tem músicos garimpeiros - veste sua roupa de gala, que fica o ano inteiro guardada esperando esse momento e lustram seus instrumentos para que brilhem ao sol crepuscular da procissão do dia 02. A missa dos garimpeiros também é a mais enfeitada de todas, o padre alinha-se em uma bela batina, a igreja recebe visitas de padres de fora ou de bispos da cidade vizinha, que vêm participar do momento religioso. Os fiéis se arrumam e vestem suas melhores roupas na ocasião da festa, as ruas ficam completamente enfeitadas, e foguetes são estourados durante todo o dia.

Os garimpeiros - homenageados da festa - orgulhosos da importância e do valor histórico da sua profissão, compram ternos novos, arrumam suas casas, enfeitam a associação que os representa - SUM - com bandeirolas, palhas de coqueiro, e bandeirinhas, que distribuem para a população da cidade agitar durante a execução do hino dos garimpeiros. É dia de festa para os garimpeiros, é dia de reavivar a memória e enaltecer o passado.

O garimpo, visto como um vício por praticamente todos os garimpeiros de serra, é um jogo, mas é um jogo de emoção indescritível. Como todos os jogos que lidam com a emoção da vitória, não importa que o que se aposta seja dinheiro, um objeto ou não seja nada. O que move é o gosto da vitória. No garimpo é igual, embora os

diamantes tenham se escasseado, protelando sempre o momento final, que é o resumo do serviço, a vontade do encontro é ainda maior e mais fantasiada.

Muitos garimpeiros afirmam, que ainda que ficassem ricos - a ponto de não precisar mais trabalhar garimpo - ainda assim, não abandonariam a vida na serra. Ir para a serra significa mais que pegar ou não diamante, é o momento da liberdade plena, de andar nas matas sozinho, do banho de cachoeira, da intimidade do rancho, de falar com seus "fantasmas"; de "botar a mão na consciência".

A fé dos garimpeiros de serra está presente em manifestações populares como a procissão em homenagem ao padroeiro Nosso Senhor dos Passos, comemorada no dia 02 de fevereiro - o dia dedicado aos garimpeiros de serra de Lençóis.



Procissão do padroeiro dos garimpeiros - Nosso Senhor dos Passos: dia 02 de Fevereiro

3. O ENCONTRO DAS TRILHAS: Garimpo e Turismo em Áreas de Conservação

3.1. Os Garimpeiros em Áreas Naturais de Conservação

A Chapada Diamantina *histórica* ou *lavrista*, da qual Lençóis é o município representativo, ao lado de Rio de Contas no extremo sul, abriga o Parque Nacional da Chapada Diamantina e uma APA - Área de Proteção Ambiental - em seu interior. Tanto o parque nacional quanto a APA abrangem territórios tradicionalmente reservados ao garimpo de serra, desde o século XIX, além de abrigar atividades recentes de turismo ecológico e lazer, atualmente o principal setor econômico da região.

A conjunção de todos esses aspectos em um espaço comum tem gerado uma nova e ainda pouco avaliada configuração social, onde o garimpeiro de serra tornou-se o protagonista em um contexto que envolve organizações não-governamentais ambientalistas, instituições estaduais e federais, a exemplo do Ibama - Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente - e empresários do turismo: hoteleiros e donos de agências turísticas.

O atual cenário social e político da Chapada Diamantina, especialmente Lençóis, pode ser representado por atividades econômicas antagônicas que ilustram os termos de um incipiente conflito: a extração manual de diamantes - hoje valorizada como tradição e história - e a indústria do turismo que maximiza o valor paisagístico e conservacionista dos espaços naturais.

Há então duas questões a considerar. De um lado, a valorização da tradição local, associada à história do garimpo de diamantes em Lençóis, e representada por uma população de antigos garimpeiros manuais. De outro, a valorização da natureza, imprescindível para a manutenção do turismo ecológico, vocação potencial da cidade de Lençóis. Essa oposição traduz-se conseqüentemente em duas opções ou estratégias de uso da natureza: uma é a permanência controlada do garimpo manual em áreas reservadas exclusivamente à atividade; a outra, é a maximização dos investimentos no turismo - principalmente em seu aspecto social - de modo que o garimpo venha a ser totalmente suplantado pela indústria do laser.

É importante observar que não iremos fazer uma discussão sobre os reflexos da empresa turística na natureza e na cultura local. O debate privilegiado aqui é o que se dá entre os que defendem como a melhor solução a paralisação definitiva do garimpo de serra, que apresenta claros sinais de uma espontânea extinção, e os que procuram encontrar meios de conciliar, de modo benéfico para as áreas naturais em questão, as duas atividades.



Cachoeira da Fumaça – Vale do Capão

.... Toda a beleza arquitetônica, a história, a arte e a cultura, desta cidade tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, está fundamentada no alicerce da atividade econômica garimpeira. O garimpo manual, esteve presente nestas serras por mais de 150 anos e ainda assim, a natureza se manteve com a exuberância capaz de atrair hoje, milhares de turistas e ter sido declarado em 1985, área de Parque Nacional.⁷⁸

O reconhecimento do conjunto arquitetônico do município de Lençóis como patrimônio histórico nacional ocorreu em 1976, e o Parque Nacional da Chapada Diamantina foi criado em 1985. Estes dois fatores, de certo modo, representam o início do turismo ecológico na Chapada Diamantina e marcam as primeiras discussões a respeito de áreas naturais e conservação ambiental na região. Entretanto, a qualidade de vida e os direitos das populações dependentes dos recursos naturais são objeto de uma discussão ainda bastante recente.

⁷⁸ Trecho da *Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra de Lençóis*. Lençóis, Sociedade União dos Mineiros, 1998, pág. 1.

Desde os eventos mencionados acima, alguns grupos locais, associações e movimentos ambientalistas organizaram-se em torno das seguintes metas: primeiro, a erradicação do garimpo mecanizado, que ameaçava a vocação turística da região; segundo, o gerenciamento e conscientização dos garimpeiros de serra que há algum tempo vinham demonstrando um esgotamento natural; por fim, a estruturação da indústria do turismo ecológico nas cidades históricas da Chapada Diamantina, investindo em Lençóis como pólo centralizador.

Em abril de 1996, para choque dos moradores locais e aparente surpresa dos movimentos ambientalistas, o garimpo mecanizado de diamantes foi paralisado sob forte intervenção da Polícia Federal, comandada por agentes do governo estadual e do IBAMA. Segundo depoimentos da época⁷⁹, o evento foi bastante tenso; contudo não houve violência corporal. As máquinas (dragas) foram todas removidas do local pelos próprios garimpeiros, diante de armas e pressão policial. Embora não tenham reagido com violência, os garimpeiros mecanizados foram retirados da área sob protesto.

A paralisação do garimpo mecanizado provocou uma forte repercussão na cidade de Lençóis - direta e indiretamente as dragas⁸⁰ sustentavam uma parte significativa da economia lençoense - e reações inesperadas entre os garimpeiros locais. Os garimpeiros mecanizados organizaram-se em uma associação criada às pressas sob o nome de COOCHAD (Cooperativa dos Garimpeiros da Chapada Diamantina) e, apropriando-se do discurso da associação dos garimpeiros de serra (SUM), acabaram por legitimá-lo. No entanto, antes da paralisação das dragas, os

⁷⁹ Depoimento em entrevista concedida por Seu Nilson Senna Pereira, garimpeiro mecanizado, que foi flagrado pela Polícia Federal com as dragas de garimpo em pleno funcionamento. Durante o evento liderou uma discussão de protesto contra o Ibama e as demais agências ambientais presentes. Anexo 1.2, pág. 15.

⁸⁰ As dragas são máquinas usadas para remover a areia nos garimpos de "baixo" - banco de areia sobre o qual a água do rio atinge pouca profundidade (Aurélio: 3ª edição). Em Lençóis, o garimpo de draga empregava cerca de 400 homens. As estimativas são completamente arbitrárias no caso do garimpo mecanizado, pois os garimpeiros nunca foram devidamente registrados e não existia fiscalização em áreas de garimpo mecanizado: sempre muito tensas e violentas.

garimpeiros de draga rejeitavam o garimpo de serra, e tentavam atrair os mais jovens para fora dos garimpos de seus pais e avós. Para os dragueiros⁸¹, o garimpo de serra representava a decadência e simbolizava a incapacidade dos mais velhos em participar da modernização da categoria.

Enquanto isso, os garimpeiros de serra que já se afirmavam então como "tradicionais"⁸² em oposição ao garimpeiro de draga e há muito reivindicavam seus direitos de uso sobre a natureza, foram conquistando o respeito e a simpatia dos órgãos ambientais atuantes na região. A população de Lençóis, comprometida economicamente com o garimpo de draga, sentiu o impacto econômico da paralisação da atividade e embora tenha demonstrado solidariedade com os dragueiros tinha consciência de que a longo prazo as dragas representavam uma ameaça para o turismo local.

Após todos esses eventos, a atual situação dos garimpeiros de serra de Lençóis nos parece bastante peculiar, se pensada no contexto da organização política de populações rurais em torno de áreas de conservação no Brasil. A Sociedade União do Mineiros (SUM) – associação criada para assegurar os direitos e deveres dos trabalhadores de garimpo de diamante em Lençóis - foi regulamentada em fevereiro de 1927. Nasceu portanto, em uma conjuntura histórica e política alheia à discussão acerca das questões ambientais. Contudo, ela tem incorporado essa discussão nos últimos anos, de um modo original e positivo.

Atualmente, a estimativa é que setenta garimpeiros, acompanhados de suas famílias, estejam trabalhando no garimpo manual; destes, 31,4% estão entre 60 e 80 anos de idade e 21,4% estão entre 50 e 60 anos. O que significa dizer que 52,8% ou

⁸¹ Como também eram chamados os garimpeiros de draga.

⁸² O termo é discutido na última parte desse capítulo, e está sendo usado aqui a partir da definição de Antônio Carlos Diegues em Diegues, Antonio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo, Hucitec, 1996.

mais da metade estão na faixa etária dos 50 aos 80 anos⁸³. Os números podem representar tanto o envelhecimento da categoria, levando a considerar a extinção natural da atividade em um curto prazo de tempo; mas podem também ser vistos como um apoio à revalorização da mesma, devido à sua tradição histórica.

Alguns anos após a paralisação das dragas nos baixios de Lençóis, o garimpo de serra passou a enfrentar pressões no sentido de sua extinção, não tendo sido objeto de ações diretas de repressão como as que atingiram os dragueiros. Os garimpeiros receberam o comunicado de que deveriam abandonar as atividades de garimpo dentro dos limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina, sob a alegação de estarem prejudicando o ecossistema local. Em contrapartida, os garimpeiros de serra, preocupados com a intervenção, organizaram um encontro para discutir os impactos da mineração em pequena escala e para informar à população os reais riscos e benefícios do garimpo praticado na serra.

Foram organizados diversos encontros e seminários com o objetivo de promover a permanência do garimpo de serra e de apresentar diante da sociedade os baixos riscos ambientais causados pela atual sobrevida do garimpo que, segundo os garimpeiros e especialistas⁸⁴, não durará mais do que cinco anos. Foram discutidas também as consequências da paralisação das atividades do garimpo tradicional para a cultura local. A partir dos resultados alcançados nos seminários e encontros e de pesquisas promovidas pela SUM – a associação dos garimpeiros de serra – com a colaboração intensa do grupo Avante Lençóis, foi elaborado um documento de esclarecimento à população e uma *Carta de Intenções* produzida pelos próprios

⁸³ Os dados foram levantados pela Associação "Avante Lençóis" em colaboração com a Sociedade União dos Mineiros - SUM e correspondem ao ano de 1999.

⁸⁴ Biólogos, geólogos e técnicos ambientais, garantem que os poucos veios diamantíferos restantes no município de Lençóis vão se esgotar por completo daqui a aproximadamente cinco anos.

garimpeiros com a orientação de diversas entidades ambientalistas. Em seguida estão transcritos alguns trechos da carta.⁸⁵

Box: 2.5 – *Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra*

... Hoje existem aproximadamente 70 garimpeiros de serra trabalhando no município de Lençóis (cadastro realizado pela SUM em novembro 1998)... Todos são nascidos em Lençóis e trabalham garimpo desde que iniciaram na atividade produtiva. A maioria aprendeu o ofício com seus pais, sendo os mais novos deste cadastro, filhos de garimpeiro. Praticamente todos são semi-alfabetizados, sabem assinar o nome. A maioria trabalha o garimpo de serra apenas na época das águas (novembro à março). Na época seca (abril à outubro), os garimpeiros de serra sobrevivem de biscate. A maioria não tem aposentadoria nem qualquer renda fixa mensal. O garimpo para eles representa um recurso para comprar vestimenta para a família, fazer a manutenção de sua moradia ...

O relato acima, que corresponde ao primeiro trecho da carta dirigida às autoridades ambientais do estado, caracteriza-se logo de início em uma estratégia de legitimação e reconhecimento dos garimpeiros de serra enquanto populações tradicionais. Dessa forma, realçam os aspectos que os caracterizam como sujeitos centrados em um único território, com uma vida cotidiana regular comum e uma produção econômica de subsistência, cujo ofício era transmitido de geração em geração, pelos pais e avós, como está declarado ao final do texto.

A subsistência é um elemento estranho às culturas garimpeiras, e que em Lençóis parece ser comum. Mesmo em tempos mais produtivos, o garimpo sempre representou um ganho de manutenção e sobrevivência para o garimpeiro de serra. Apenas os donos de garimpo e comerciantes enriqueciam-se com os diamantes de

⁸⁵Sociedade União dos Mineiros - SUM. *Carta de Intenções do Garimpeiro de Serra*. 1998. Em anexo.

Lençóis. Atualmente a situação tem se agravado e nem a manutenção das necessidades básicas está garantida com o trabalho na serra.

Box: 2.5 – *Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra*

... A cultura garimpeira ainda está muito viva no sangue de homens idosos e fortes que sobem a serra e trabalham naquilo que mais sabem e gostam de fazer. GARIMPAR. Neste documento, procuramos apresentar a questão garimpo sob a ótica da sua importância sócio-cultural, por isso defendendo exclusivamente uma saída e negociação para os GARIMPOS DE SERRA, neste município.

Nesse trecho, os garimpeiros declaram-se enquanto portadores de uma cultura específica, reconhecendo-se como sujeitos diferenciados em contraposição a outras identidades culturais. Enaltecendo os garimpeiros de serra como homens fortes e resistentes, apesar da idade avançada, o documento ressalta também um outro aspecto do garimpo de serra que muitas vezes é incompreendido pelos que não fazem parte desse universo: que é o prazer pelo trabalho.

O garimpeiro, poderia se colocar como vítima de um processo social, no qual, embora velhos, têm que sujeitar-se ao trabalho em serviço extremamente pesado e instável, com previsão de ganhos abaixo das necessidades básicas e sem nenhuma assistência médica ou trabalhista. No entanto, ele mostra orgulho em dominar uma difícil ciência, e alegria por Senhor dos Passos dar-lhe saúde para subir a serra e garimpar. Esse prazer está também relacionado a liberdade de não ter patrão, hora determinada ou precisar preocupar-se com roupas e sapatos especiais para o serviço. A maior parte deles trabalha sem camisa, com as calças arregaçadas até os joelhos, chapéu de palha na cabeça e pés descalços sob a água.

Garimpo hoje não é trabalho né... é entretenimento, como se diz, é diversão. É a hora que o sujeito pensa na vida, põe a consciência prá funcionar mesmo. Porque antes não, era trabalhoso o serviço de garimpo: era muito diamante, muito cascalho para deitar, muita função... não podia descansar, olhar para os lados, era tudo vigiado, se fosse garimpo de patrão, garimpo dos outros... eu graças a Deus nunca precisei trabalhar em garimpo alheio, só prá ajudar algum amigo, essas coisas... mas no mais, nunca tive patrão.⁸⁶

As siglas utilizadas no trecho abaixo referem-se aos seguintes órgãos: IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente, CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, STR - Secretaria do Trabalho.

Box: 2.5 – Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra

... Através da SUM, os garimpeiros de serra já se reuniram inúmeras vezes sendo que, em uma delas foi promovido um seminário sobre: "Os impactos na cultura e na economia das Lavras Diamantinas com o impedimento do Garimpo de Serra". Este seminário contou com a presença de mais de 100 cidadãos da comunidade de Lençóis, representante da Prefeitura, do IBAMA, da CAR, do IPHAN, STR e das Associações locais. Neste seminário os garimpeiros demonstraram, através da formulação de propostas (...), que estão conscientes da necessidade atual de conservação do meio ambiente e certos de que é possível relacionar a atividade do garimpo manual com a preservação do meio ambiente.

Na reunião citada no trecho anterior foi realizado uma espécie de pacto onde os trabalhadores de garimpo de serra assumiram o compromisso de manter as áreas

⁸⁶ Seu Anísio em entrevista realizada em março de 1999. Anexo 1.5, pág. 7.

garimpadas limpas, bem cuidadas e preservadas do garimpo em alguns trechos importantes para reprodução da flora e fauna. Os trechos interditos ao garimpo seriam determinados por técnicos do IBAMA em colaboração com os próprios garimpeiros. A preocupação maior dos técnicos ambientais dizia respeito ao uso das águas próximas às nascentes dos rios - o garimpo de serra, ao contrário das dragas, trabalha muito próximo aos nascedouros - o que poderia provocar o transporte da sujeira gerada pela remoção e lavagem do cascalho direto para os rios que abastecem a cidade.

Box: 2.5 – *Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra*

... Queremos deixar claro que, aqui não se trata de expansão mas sim, manutenção do garimpo de serra existente, de forma sustentada e negociada, até a extinção natural da atividade na região.

Podemos deduzir da tabela apresentada que os impactos têm possibilidades de serem contornados, principalmente levando-se em conta o compromisso firmado pelos garimpeiros de serra que se traduzem nas seguintes propostas:

No trecho acima, a carta anuncia a extinção natural da atividade e a intenção dos garimpeiros em paralisar de forma gradual o trabalho de garimpo. O caráter gradual é justificado para que possam se reestruturar economicamente através da ajuda dos filhos e família de um modo geral. Normalmente, os filhos e mulheres dos garimpeiros são admitidos no setor turístico com mais facilidade que os próprios garimpeiros - que no máximo trabalham como guias turísticos.

Parece-nos claro que os garimpeiros de serra não se opõem ao desenvolvimento do turismo na região. Primeiramente, porque boa parte deles ou de seus familiares já foram incorporados pelo setor turístico, através do emprego em hotéis, agências de

viagens, serviços de guia turístico, restaurantes, locação de suas casas e carros, entre outros. Segundo, porque os garimpeiros reconhecem que o garimpo manual não é mais uma atividade autônoma, estando hoje necessariamente vinculada à outros setores econômicos. No quadro seguinte encontram-se as propostas elaboradas pelos garimpeiros em parceria com biólogos, geólogos e grupos locais. O grupo Avante Lençóis teve uma participação ativa na elaboração dessa pauta de propostas.

Box: 2.5 - Propostas para manutenção do garimpo de serra

1. *Todo garimpeiro deve estar associado a Sociedade União dos Mineiros.*
2. *Só terão autorização para funcionamento os garimpos com mais de cinco anos de funcionamento e cadastrados pela SUM e órgãos competentes.*
3. *Cada área de garimpo estará encerrada caso não haja descendentes (filhos ou netos) dispostos a continuar o trabalho nos moldes aqui estabelecidos.*
4. *Cada garimpeiro tem direito a trabalhar apenas uma área, que será definida em conjunto com os órgãos competentes. Caso necessite mudar de área, deve solicitar a SUM para que esta solicite autorização a quem compete.*
5. *Não poderão ser abertas novas áreas de garimpagem.*
6. *Só será permitido o uso de ferramentas manuais tradicionais e rudimentares como: enxadas, picaretas, peneiras ou grades, pás, alavanca, calumbé, cunha, marreta, marrão, conjunto grelha e bica, garfo, faracho, ralo, cano (para passagem de nível).*
7. *Só poderão funcionar os garimpos que forem considerados sustentáveis ecologicamente.*
8. *Compensação ambiental: garimpeiros terão a responsabilidade de fiscalização da área do Parque Nacional, evitando queimadas, caça e a implantação de garimpos clandestinos, entre outras ações depredatórias.*
9. *Garimpo como museu vivo: preservação da identidade cultural de Lençóis.*
10. *Garimpeiro como contador das histórias antigas do garimpo para os mais jovens: manutenção da história.*

11. *Realizar um estudo, em conjunto com os órgãos competentes, dos impactos ambientais do garimpo para chegar a propostas concretas e viáveis de recuperação do que foi danificado e de diminuição dos prejuízos à natureza, com base na tabela anexa.*
12. *Após o estudo proposto serão estabelecidos critérios, pelos órgãos competentes e pela SUM, para o funcionamento do garimpo de serra, para área do Parque Nacional e da APA.*
13. *Os garimpos serão monitorados periodicamente pelos órgãos competentes e SUM, sendo que os garimpos que estiverem descumprindo o acordado serão fechados.*

É interessante observar que as propostas de número 3 e 5 se agrupam. Ambas estão diretamente relacionadas à extinção do garimpo de serra. A proposta 3 reforça o direito de propriedade do garimpeiro sobre a área trabalhada e o controle desse direito por parte dos seus familiares e descendentes, o que de certa forma restringe a continuidade do garimpo de serra, pois os jovens - filhos e netos de garimpeiros - não costumam trabalhar garimpo, a não ser para ajudá-los muito esporadicamente.

Os filhos dos garimpeiros dificilmente seguem a profissão do pai, sendo inclusive comum envergonharem-se do ofício. Preferem os empregos oferecidos pela indústria turística, quando não migram para outras cidades em busca de empregos mais estáveis e uma melhor qualidade de vida. A instabilidade do garimpo de serra é o motivo principal alegado pelos jovens em comum acordo com seus pais. Tanto os pais quanto os filhos concordam que o garimpo de serra é uma atividade periódica - o serviço "rende" apenas na época das chuvas, entre novembro e março - nos outros meses é necessário ter outro trabalho para garantir a sobrevivência.



Poço da Capivara em Lençóis

A procura por um serviço estável é, certamente, a causa mais frequente alegada pelos jovens e com a qual os pais são obrigados a concordar: é natural que os filhos procurem uma atividade que possa mantê-los durante todo o ano. No entanto, há outros motivos que estão implícitos, que alguns garimpeiros comentam e outros negam: a vergonha e o ressentimento que os filhos têm da profissão dos pais. Durante brigas escolares⁸⁷, por exemplo, alguém chamar o pai do outro de garimpeiro, acusando-o de ter pai pobre e burro, é fato comum, e equivale a uma ofensa grave.

Ser garimpeiro, em tempos de total decadência do garimpo de serra, é ser pobre porque dificilmente o garimpeiro consegue levar dinheiro para casa e quando leva não é o suficiente para a sustentação da família. De fato, a maior parte dos garimpeiros de serra são analfabetos, alguns sabem apenas assinar o nome, para a cultura escolar isso significa ser burro, pouco inteligente etc. Isso produz uma certa rejeição nos mais jovens no que diz respeito à condição social dos pais.

⁸⁷ Esse fato é considerado senso comum na cidade de Lençóis. Em conversas informais com a diretora do principal colégio da cidade ela sempre contava histórias de que o aluno tal havia provocado uma briga porque disse que o pai de outro aluno era um garimpeiro.

As propostas 6, 9 e 10 agrupam uma outra ordem de idéias, relacionadas com as perspectivas futuras para o garimpo, que é a transformação da profissão em uma atividade *folclórica*. A manutenção das ferramentas manuais tradicionais, determinada na proposta 6, ao lado da *culturalização* do garimpo e da transmissão oral do seu legado aos mais jovens, sugestão da proposta 10, têm uma coerência com a idéia de preservação e manutenção da história do garimpo através da criação de um museu. O Museu do Garimpo é um projeto do antropólogo Ronaldo Senna e da Universidade Estadual de Feira de Santana, que está associado à criação de mais dois museus, o Museu do Coronel e o Museu Geológico de Lençóis.⁸⁸

Box: 2.5 – *Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra*

... Tudo isso possibilitará o bem estar da comunidade, facilitará os processos de torná-la aliada das áreas de preservação por respeitar a história e a tradição dos seus mais antigos cidadãos. Possibilitará também, a correção de áreas já desativadas, como compensação ambiental, na proporção de 1:1 (uma área X garimpada, uma área X recuperada entre as áreas antigas).

Estas propostas irão reduzir o trauma da modificação de uma atividade econômica pois respeitam as antigas gerações, apostando nas novas. Também porque preservam os principais atores de uma história e ela mesma, a identidade cultural e o meio ambiente em parceria com a comunidade local.

O binômio identidade cultural e meio-ambiente parece ser inevitável em qualquer discurso ou programa político, bem como nas conversas informais e nos planos existentes na cidade. A associação dos dois vetores parece ser imprescindível, não apenas por uma questão de reconhecimento e gratidão com a herança deixada pelo garimpo de diamantes, mas principalmente, pelo interesse e investimento no turismo ecológico que atrai visitantes exigentes, para os quais a natureza deve

⁸⁸ A prefeitura cedeu um prédio antigo no centro da cidade para abrigar os referidos museus, entretanto o prédio encontra-se em péssimas condições de uso e aguarda a reforma para abrigar os acervos. Os acervos serão compostos por objetos, móveis, livros, roupas e acessórios, filmes e vídeos doados por famílias locais.

também estar associada à cultura. Ou seja, não basta ter uma natureza exuberante é preciso encontrá-la recheada de histórias, vida e cultura.

Após cinco anos da erradicação do garimpo de draga, que como vimos fortaleceu a relação identitária do garimpeiro de serra com a história e a cultura local, a atividade manual do garimpo parece já não existir enquanto atividade econômica, devido o seu caráter informal e esporádico. No entanto, os garimpeiros de serra conquistaram um lugar precioso no centro das discussões a respeito dos possíveis caminhos e alternativas político ambientais na Chapada Diamantina.

Ainda que o garimpo de serra caminhe para a extinção, com a morte da categoria, será uma morte certamente mais suave e digna, se comparada à sentença dada aos garimpeiros mecanizados, que não tiveram chance ou capacidade de reestruturar os termos para a manutenção do garimpo de draga. É necessário acrescentar que a forma de encaminhamento da extinção dos dois tipos de garimpo possivelmente refletiu em parte os estilos de comportamento dos dois tipos de garimpeiro. Assim, alguns garimpeiros mecanizados demonstravam um comportamento agressivo que excluía o apoio e a orientação técnica por parte das autoridades ambientais competentes. Em contrapartida, hoje essas mesmas autoridades reconhecem a importância, se não de uma sobrevivência minimamente decente, ao menos de um encerramento digno do garimpo tradicional de Lençóis e da sua cultura secular.

3.2. Nas Trilhas do Diamante: O turismo na natureza

As primeiras trilhas da Chapada Diamantina foram criadas pelos garimpeiros do norte de Minas Gerais no fim do século XIX. Após o declínio da mineração no Estado, a chapada ficou abandonada, restando apenas alguns criadores de gado e uma ou outra agricultura. Cidades e povoados praticamente desapareceram do

mapa geográfico, para em seguida serem reencontradas pelos "mochileiros" ou "trilheiros" - aventureiros em busca de trilhas e caminhos - que desfrutam em primeiro plano o percurso da caminhada, as trilhas, enfim, a passagem. A idéia da viagem interior, de uma introspecção através da natureza, fundamentou o nascimento do turismo ecológico na Chapada Diamantina.

O turismo da Chapada Diamantina começou a dar seus primeiros passos entre o fim da década de 70 e início dos anos 80. Acredito que a chegada das comunidades alternativas no Vale do Capão, povoado próximo a Lençóis, abriram os caminhos para que a Chapada fosse descoberta. As pessoas que buscavam qualidade de vida através de uma maior intimidade com a natureza elegiam a região como morada para criar seus filhos e adotavam um estilo naturista de vida. Essas comunidades, no meu ponto de vista, demarcam o início do desenvolvimento turístico na região.

Destacamos a comunidade *Lothlorien* - criada sob a responsabilidade do médico naturista Áureo Augusto - uma das primeiras a chegar na região. A *Lothlorien*, que tem aproximadamente 20 anos de existência, atraiu muitos visitantes para o Vale do Capão situado entre o município de Palmeiras e Lençóis, hoje a comunidade mantém o trabalho com terapias curativas à base de produtos naturais extraídos na própria região, como a argila e os cristais, e continua a atrair os visitantes mais exóticos.

Os estudos sobre turismo e lazer no Brasil ainda são bastante precários, principalmente quando pensados sob o viés das ciências sociais e humanas de um modo geral. As pesquisas sobre turismo encontraram seu espaço de interlocução na geografia humana, que naturalmente privilegia a questão territorial da prática turística e a sua intervenção na cultura, concebida aqui enquanto um espaço

socialmente definido. Só mais recentemente, a disciplina antropológica vem se preocupando com a questão do turismo, talvez pelo crescente desenvolvimento da indústria no Brasil, ou mais provavelmente, pela interferência que o turismo tem provocado em populações tradicionalmente estudadas pela antropologia.

A prática do turismo em áreas naturais está voltada para a contemplação da natureza em seu estado mais selvagem e intocado, o que também representa uma forma de uso e apropriação do espaço natural. A fruição, ainda que contemplativa, da natureza implica em um processo irreversível de transformações no próprio meio natural e no modo de vida da população local. Há deste modo uma relação paradoxal entre o turista, a natureza e a comunidade local. O desejo de consumo do mundo natural, embora oriente-se pela preservação da natureza é, contraditoriamente, o principal móvel de sua depredação, como enfatiza Lopes Júnior (apud Davis 1993).

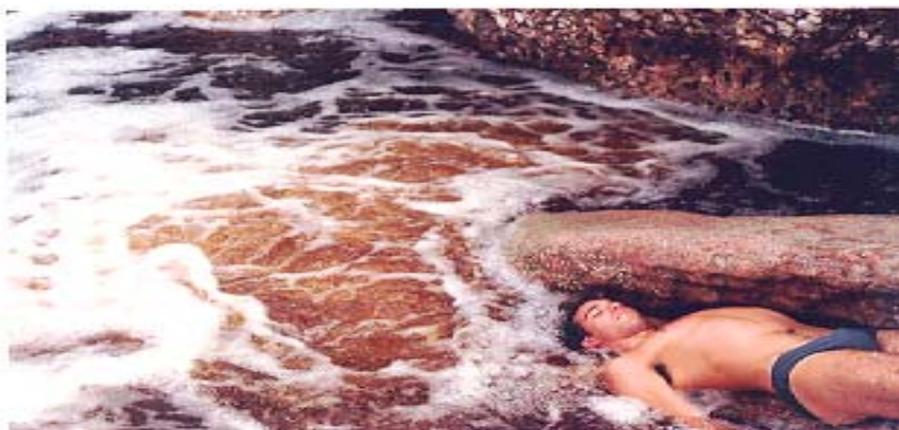
É importante observar alguns elementos que redefinem as formas do turismo atual, para que a partir destes possamos articular o fenômeno do ecoturismo na Chapada Diamantina com a sobrevivência cultural e econômica da sua população e do seu patrimônio natural. O turismo, enquanto um fenômeno cultural, pode significar um movimento de liberdade e modernidade absolutamente saudável para as populações envolvidas mas pode também, segundo Hogan (1997), transformar-se em um veículo que mercantiliza os últimos redutos de uma natureza intocada.

Há nesse contexto uma providencial e necessária preocupação com as populações localizadas em áreas ecológicas que vivem o processo mercadológico em seus espaços naturais. É preciso considerar que o turismo praticado em espaços naturais, ainda que protegidos através de políticas de conservação, também

representa uma ameaça à conservação e uma possível expropriação dos recursos naturais.

Se a atividade turística tem de fato transformado a relação homem e natureza, cabe-nos entender essas transformações no universo material e simbólico das populações envolvidas nesse processo. Desse modo, pensar as mudanças e reestruturas do garimpo de serra de Lençóis é também um modo de refletir sobre a presença do turismo em suas áreas naturais, em vias públicas, parques e casas. Quisa, um modo de pensar como atividades antagônicas podem desfrutar de um mesmo espaço satisfazendo os interesses de ambos os lados.

O turista atual busca através da viagem uma experiência singular, que consiste no afastamento temporário do mundo de simulacros da sociedade urbano-industrial.



Turista solitário meditando sob a pedra

Nesta busca, o turista torna-se um *viajante* na medida que perde o caráter coletivo e fundamentalmente consumista da atividade turística e ganha a experiência individual e meditativa da viagem. Ao despir-se do habitat urbano o *viajante* redescobre o encantamento com a natureza e permite a possibilidade de uma aproximação com o universo humano que o cerca.

No momento em que a atividade turística deixa de estar centrada apenas no consumo, voltando-se para o mundo natural e suas comunidades periféricas, entra em cena novos valores e significados. O modo de concepção do espaço natural e da vida humana e o refinamento do olhar do viajante para o nativo, proporciona uma interação peculiar entre ambos. Percebe-se atualmente, que o olhar do turista para a natureza e na natureza não exclui a aproximação deste com a população que habita esses espaços naturais.

Em Lençóis é comum, por exemplo, que os visitantes retornem várias vezes à cidade. Há, inclusive, aqueles que disputam quem conhece mais a sua geografia urbana e seu entorno natural, quem tem mais amigos nativos, e quem se movimenta com mais intimidade no cotidiano da pequena cidade. Com o tempo essas pessoas adquirem uma familiaridade excepcional com o lugar, mantendo mesmo à distância uma comunicação contínua com seus habitantes. Alguns constroem casas, outros envolvem-se como colaboradores em organizações ambientais, e há os que arriscam-se a mudar definitivamente para Lençóis, embora ela ofereça poucas oportunidades de emprego.

A natureza diversificada e exótica é sem dúvida a principal atração da Chapada Diamantina, no entanto, seus habitantes acabam cativando os visitantes, despertando-lhes simpatia e curiosidade. Os turistas que vão à Chapada geralmente se hospedam em Lençóis, que possui uma maior infra-estrutura. Da cidade de Lençóis saem à procura da natureza anunciada em seus países e cidades de origem. Conhecem e desfrutam de rios, cachoeiras, serras, vales, grutas e uma abundante vegetação. Os guias escolhidos para os passeios na mata são normalmente os garimpeiros de serra, as agências preferem contratá-los pela experiência em ficar muitos dias nas matas, pela simpatia e trato com os visitantes, e principalmente, pelo conhecimento geográfico e biológico da Chapada Diamantina.



Praça Principal de Lençóis

A cidade tem se adaptado rapidamente à idéia de pólo turístico da região. Com a chegada de turistas durante quase todo o ano a atividade turística tem se transformado intensamente, exigindo uma ágil diversificação e qualidade dos serviços oferecidos. Torna-se cada vez mais comum a proliferação de bares noturnos, boates dançantes, festas que varam a madrugada e programas culturais. Os garimpeiros e mesmo os moradores alternativos - moradores estranhos aos costumes e hábitos da região - consideram a cidade modificada pela cultura “dos de fora”.

A percepção de que a cultura lençoense vem sendo modificada pelos visitantes não chega a ser uma crítica ou insatisfação por parte dos garimpeiros, eles afirmam gostar das mudanças trazidas e da cidade povoada, e concluem lembrando que a cidade sempre foi cosmopolita. Recordam, com muito agrado, que nos tempos do garimpo, Lençóis vivia repleta de pessoas das mais diversas procedências, havia uma rotatividade intensa onde conhecia-se e negociava-se com gente do mundo

inteiro. Para os garimpeiros é muito bom receber e conviver com culturas diferentes.

A única intervenção gerada pelo turismo que foi apontada como negativa pelos garimpeiros, foi a inflação na economia local, que elevou demasiadamente os preços e ainda não gerou nem metade dos empregos prometidos, isso acrescentado ao fato de que o salário permanece congelado. É verdade que novos empregos são criados a cada dia, contudo são empregos com baixa qualificação e salários insatisfatórios.

Quando exerci a função de guia local em Lençóis⁸⁹, entre os anos de 1990 e 1991, pude conviver com o turismo de massa praticado pelas excursões agenciadas em Salvador. Guiei, nesse período, cerca de 10 grandes excursões com aproximadamente 40 pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças. Nessa época já assustava o alto número de visitantes nos sítios ecoarqueológicos, rios e cachoeiras. A impressão era que a Chapada em pouco tempo seria devorada pelos turistas. Enquanto a preocupação ecológica voltava-se inteiramente para o garimpo mecanizado, os turistas *devoravam* a natureza.

Durante minha experiência pude constatar que em praticamente todos os passeios próximos, com até três horas de distância, bastava olhar para os lados para encontrar geladeiras de isopor vendendo cerveja, refrigerante, água mineral e bebidas alcólicas, o que propiciava o acúmulo de lixo - embalagens de bebidas e comidas consumidas, e restos de carvão e óleo de cozinha nas pedras. Os lugares inóspitos que antes pareciam inabitados, são agora pontos de encontro de excursões, nativos e viajantes solitários.

Entretanto, há o outro lado da história. A Chapada Diamantina, especialmente o município de Lençóis, tem passado por um momento político importante onde a

⁸⁹ Experiência pessoal já citada na Introdução.

cidadania ecológica tem se tornado uma questão de ordem entre os nativos e alternativos da região. Como efeito, percebe-se movimentos mais conscientes em torno da prática de visitação à natureza. O ecoturismo em Lençóis está deixando de ser a simples prática de se locomover para um lugar de natureza exótica e tem alcançado um sentido mais amplo, onde não importa apenas o lugar visitado e sim a relação que se estabelece com ele. É interessante notar que essa mudança tem se dado em um movimento interno de dentro para fora e não ao contrário.

Em Serrano (1997) encontramos dois conceitos básicos de ecoturismo que talvez apontem para os possíveis caminhos da indústria ecoturística e das suas transformações. Segundo a Embratur, responsável pela organização do setor turístico no Brasil:

O ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista pela interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Já as agências turísticas (trade), que estimulam a atividade no mercado abrangem o conceito e consideram o ecoturismo como sendo:

... toda atividade turística realizada em área natural com o objetivo de observação e conhecimento da flora, da fauna e dos aspectos cênicos (com ou sem o sentido de aventura); prática de esportes e realização de pesquisas científicas.

Ambas as definições apresentam problemas práticos e conceituais que estão no foco da discussão de vários autores. De início, é importante enfatizar que apesar das duas definições apresentarem semelhanças, a primeira ensaia uma preocupação com as populações nativas enquanto a segunda está inteiramente voltada para a prática do turista e dos seus interesses sobre a natureza.

Entre os princípios que tentam reorganizar a indústria ecoturística, é possível encontrar - quando articulados com os dados da pesquisa - um sério abismo entre os postulados de "desenvolvimento sustentável" estabelecidos pelas populações urbano-industriais e o desenvolvimento real e possível das populações locais. Ou seja, trata-se de uma retomada ao impasse entre o que a população local considera viável, importante e eficaz no uso dos seus recursos naturais, incluindo aqui o uso turístico; e o conhecimento científico formal que concebe outras formas de utilização desses recursos, entre os dois está a desigual relação de poder que desequilibra o presente impasse.

Não há dúvida quanto à contingência da atividade turística, onde quer que ela se instale. Em Lençóis, a incerteza dos rumos que o turismo pode sugerir à cidade é mais grave, pois não há órgãos e profissionais qualificados para realizar um planejamento adequado à realidade local. Para obter um apoio incisivo e minimamente eficaz de órgãos competentes a cidade precisa aliar-se politicamente ao governo do estado e submeter-se aos *caciques* baianos. Além disso, a posição do governo estadual é de que garimpo - seja qual for a técnica extrativa - e turismo não se combinam. Como consequência, os garimpos mecanizados foram fechados por ordens do governo estadual, traindo negociações estabelecidas entre garimpeiros, prefeitura e IBAMA.

O turismo é um fenômeno a princípio irreversível, considerando que é muito difícil o controle e organização da atividade. Trata-se de uma indústria, ou empresa, que alia os novos interesses da cultura mundializada com as novas formas de organização do capitalismo (Lash & Urry 1987). Faz-se necessário portanto conhecer de modo cuidadoso de que maneira essas novas formas de organização estão se relacionando com as populações até então consideradas tradicionais.

3.3. O Parque Nacional da Chapada Diamantina



Poço da Capivara - Lençóis

A Criação de um Parque Nacional

O Parque Nacional da Chapada Diamantina foi idealizado em 1982 e aprovado em 1985 pelo decreto nº 91.655 de 17 de setembro durante o governo do presidente José Sarney. O parque está localizado na região centro-oeste do estado da Bahia e ocupa aproximadamente 1.520 km² de área territorial, sua extensão predomina na encosta leste da Chapada Diamantina, ocupando mais da metade da serra do Sincorá.

O parque possui os picos mais altos da serra do Sincorá, atingindo 1.700 metros acima do nível do mar na serra que recebe o nome de Guiné, situada na escarpa oeste da reserva próximo à vila de Guiné. A serra nesta faixa tem o índice pluviométrico mais alto da Chapada Diamantina. Enquanto a região de Lençóis atinge índices de até 2.200 mm/ano, na serra estima-se uma taxa mais alta ainda.

O fato de ser uma região predominantemente rochosa, com solos em geral arenosos e rasos e com grandes áreas ainda mais desnudadas devido aos vestígios do garimpo de diamantes, as águas das chuvas escorrem facilmente da serra e os rios mostram um regime torrencial. Esse fator é responsável por inúmeras enchentes que ocorreram na Chapada. Toda a área do parque é drenada por rios pertencentes à bacia do rio Paraguassú. Com exceção dos rios Paraguassú e Santo Antônio, praticamente todos os rios do parque nascem dentro da reserva, o que facilita a preservação das águas e conseqüentemente de todo ecossistema do parque.

O Parque da Chapada Diamantina engloba três cidades e muitas vilas e povoados. As cidades de Andaraí e Lençóis estão localizadas no lado leste da serra, um pouco fora dos limites da reserva, enquanto Mucugê, cidade situada no alto da serra, foi quase toda agregada pelos limites do parque. Temos notícias de apenas dois núcleos agrícolas localizados no interior do parque: o vale do Pati e o Baixão, ambos situados em vales profundos e abruptos. O vale do Pati, famoso pelas trilhas longas que duram cerca de 5 a 6 dias, fica bem no centro da área do parque.

Podemos encontrar roças isoladas e moradias de garimpeiros espalhadas pela área do parque, especialmente na zona do brejo, de nome Marimbús. O Marimbús foi transformado em APA - Área de Proteção Ambiental - e tem uma parte do seu território dentro do parque. A APA Marimbús já está totalmente legalizada e tem a presença constante de técnicos e fiscais ambientais do governo do estado da Bahia.

Calcula-se que o parque tenha hoje aproximadamente 300 pessoas em seu interior, o que representa uma pessoa para cada 5 km². A maior parte das terras do parque pertencem à fazendeiros da região. Esses "donos" do parque cobram taxas pelo seu uso: atualmente suas terras são usadas para a coleta de flores secas, para o pasto

nativo de animais, pelo garimpo de serra e, mais recentemente, são cobradas taxas para a visitação em quase todos os pontos turísticos do parque.

Embora a sua aprova o tenha se dado há quinze anos, o Parque ainda não foi legalizado. A legaliza o consiste em transformar o decreto em prática, ou seja, trata-se de efetuar os procedimentos necessários para que um espaço natural transforme-se em área pública. O parque, embora seja reconhecido pelo poder público, pela imprensa e pelos visitantes, ainda não existe no papel; o que permite as cobranças indevidas de taxas, a comercializa o das suas terras e outras interven es mais radicais em um patrimônio que   público.

Para que o parque efetive-se enquanto área comum e patrimônio nacional diante da lei   necessário dois procedimentos básicos de legaliza o fundiária: primeiro, iniciar o levantamento fundiário da área do parque para identificar os donos das terras e os posseiros que atuam dentro do seu perímetro. Segundo, dar início   indeniza o dessas pessoas e paralelamente garantir a saída gradual destas dos limites territoriais do parque.

Em seguida vêm as medidas que são de caráter secundário, igualmente importantes para a sobrevivência e manuten o do parque. Essas medidas incluem a fiscaliza o, que poderá empregar pessoas do lugar como fiscais e protetores do parque, oferecendo emprego e responsabilidade àqueles que melhor conhecem a área protegida. Outra possível atividade seria o investimento em educa o ambiental para que a própria popula o se mobilize em defesa do parque e uma equipe de segurança devidamente equipada para a prote o da reserva em casos de incêndios na mata, deslizamento de trilhas, pessoas perdidas nas matas e enchentes, todos esses incidentes são muito comuns na região.

Segundo Roy Funch, idealizador do Parque Nacional da Chapada Diamantina (Funch 1982), a presença do garimpo mecanizado⁹⁰ na região - de 1981 até 1996, ano em que foi interditado pela polícia Federal - afastou os técnicos do Ibama e as possíveis verbas para a legalização do parque. Contudo, o garimpo mecanizado foi paralisado em 1996 através de uma ação conjunta da Polícia Federal, do Ibama e da Polícia Militar do estado da Bahia. Desde então o Ibama ainda não compareceu na área para o começo da demarcação das terras do parque.

Atualmente há um escritório do Ibama no município de Palmeiras e um outro funcionando no morro do Pai Inácio, interior do parque, com o objetivo de dar procedimento à legalização da reserva. O escritório está quase sempre vazio e dificilmente encontramos os técnicos responsáveis; a informação de que a presença dos técnicos é para efetivar o processo de legalização é extra-oficial e não há nada que comprove que já tenha sido iniciada a demarcação e reconhecimento das terras.

De acordo com o projeto do Parque Nacional da Chapada Diamantina (Funch 1982), no capítulo dedicado à importância de se proteger a região, o valor histórico e sócio-cultural das áreas que envolvem o parque é tão importante quanto a preocupação com o ecossistema deixado pelos garimpeiros:

(...) Essa área guarda uma memória histórica do ciclo diamantífero em seus garimpos abandonados, nas casas de pedra dos garimpeiros, nas centenas de quilômetros de caminhos abertos nas serras e nos aquedutos antigos. Ao mesmo tempo, a área apresenta um aspecto selvagem, com suas serras quase inacessíveis, que até hoje abrigam uma enorme variedade de animais cujas espécies estão ameaçadas de extinção no Brasil. Além disso, não se pode esquecer

⁹⁰ As dragas usadas no garimpo mecanizado abrem buracos de até 40 metros de profundidade no solo, esses buracos são transformados depois de um tempo em lagos artificiais de água salobra. Os garimpeiros de draga são acusados também de removerem as encostas dos rios, destruir a mata ciliar e derrubarem as árvores dos vales.

que essa é uma área de grande beleza natural, com seus rios cristalinos, picos verdejantes, cachoeiras, paredões de pedra e vales escondidos. (Funch 1982)

As palavras de Funch reforçam a idéia de que a transformação de uma área significativa da Chapada Diamantina em Parque Nacional passa primeiro por um reconhecimento do seu potencial paisagístico para o turismo e, segundo, pelo reconhecimento da população garimpeira como fundadora desta importância histórica, cultural e ambiental que mais tarde veio fundamentar a atividade turística na região. Essa idéia contrasta com a crença em que de fato a presença do garimpo na área reservada ao parque contribuiu para a não efetivação do mesmo junto aos órgãos ambientais federais. De fato, o garimpo de serra é ainda um vetor social bastante influente e importante, não mais economicamente mas em seu aspecto histórico e cultural.

A sociedade das *Lavras Diamantinas*, como é conhecida pela literatura local, é quase toda ela gerada pelo garimpo de diamantes. Isso pressiona a sociedade a um pacto com os garimpeiros de serra. Por outro lado, esse mesmo pacto obsta a transformação da área em parque. Esse é o impasse atual que já apresenta movimentos e estratégias de ambos os lados. Tanto os garimpeiros quanto as entidades ambientais estão em um diálogo permanente na busca de uma solução consensual e possível, que possa de uma vez por todas regularizar a situação do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Considerações sobre Unidades de Conservação no Brasil

A legislação atual, embora tenha mudado em alguns aspectos - como no caso das Reservas Extrativistas - proíbe em geral atividades produtivas em unidades de conservação de uso indireto. Por outro lado, a vida de muitas populações depende, quase que exclusivamente, do uso dos recursos naturais destas áreas. Diante desse

conflito, muitos trabalhadores criaram associações e sistemas de cooperativas locais e regionais para reivindicar o direito de usufruto dos recursos naturais nessas áreas. Podemos notar exemplos desses processos na Chapada Diamantina.

A relação entre a administração das áreas conservadas e as populações locais que a habitam é crucial para a legitimidade e o funcionamento adequado das unidades de conservação. Tem sido prática corrente, já na legislação (SNUC), referir-se a essas populações sob a categoria de "populações tradicionais". Devemos considerar porém se a definição utilizada é a mais adequada. Faz-se necessário então esclarecer em que consiste a discussão conceptual, que limita e ao mesmo tempo reconhece a dimensão política do termo "populações tradicionais" no contexto recente.

Antônio Carlos Diegues retrata as populações que vivem em áreas de preservação como portadores de uma cultura específica que subteme-se seja "tradicional" no sentido de ter uma técnica atrelada aos recursos naturais disponíveis, e uma economia de pequena produção mercantil. Para o autor, as populações locais possuem uma lógica equilibrada de uso do ecossistema e são capazes de atuar como guardiães da biodiversidade:

Sociedades tradicionais (...) são grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza. Caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente.

(Diegues 1999, p.20)

Diegues (1996) aponta algumas características de grupos tradicionais tais como: dependência e simbiose com a natureza; moradia e ocupação do território por várias gerações; importância das atividades de subsistência; reduzida acumulação

de capital; tecnologia simples, de baixo impacto ao meio-ambiente; importância das simbologias, mitos e rituais associados à natureza, e fraco poder político.

Segundo o autor, a definição assegura o direito sobre a terra e sobre sua utilização, direitos reconhecidos aos grupos indígenas brasileiros mas que eram negados a outros grupos sociais. A valorização da categoria “populações tradicionais” pode ser vista como uma forma de garantir aos grupos locais os direitos de apropriação e manejo dos recursos naturais (Diegues, 1996).

A caracterização tipológica que define as populações tradicionais tem segundo o mesmo autor “legitimado uma identidade diferenciada e fundamentado, no plano das relações com o Estado, a reivindicação por direitos territoriais e culturais específicos”. A definição, porém, apresenta algumas complicações. E uma delas é que ela parece implicar em uma categoria circunscrita em território, tempo e espaço bem definidos.

Lúcia Ferreira (1996) discorda deste uso do conceito de "populações tradicionais" no contexto de unidades de conservação, e acredita que a definição não contribui para a garantia de direitos; ao contrário, pode trazer prejuízos aos grupos locais, que possuem uma complexa rede de interesses e conflitos. Ferreira acentua a idéia de que as populações dependentes do meio natural são bastante diferenciadas em vários aspectos, inclusive em seus aspectos culturais. Não se trata portanto de “comunidades”, no sentido de participarem de idéias, práticas e interesses comuns.

Para a autora, as diferenças políticas, ideológicas e econômicas existentes entre esses grupos sociais são responsáveis por uma diversificação complexa em suas reivindicações, interesses e ações políticas. O termo “coletividades”, usado por

Ferreira (1996) para designar os moradores de áreas naturais, critica e reavalia o termo "populações tradicionais".

Algumas complicações na noção de "população tradicional" são citadas por Ferreira (1996). Primeiro, a categoria é demasiadamente genérica, o que "oculta a diversidade de modos de vida e necessidades embutidas nos usos da mata", reduzindo os diferentes grupos e culturas existentes em unidades sociais e políticas ausentes de conflitos e reivindicações mais amplas.

Em segundo lugar, "o critério utilizado para estabelecer o direito social de ocupação é fortemente impregnado por uma noção restritiva da conservação", e as "populações tradicionais" são percebidas como grupos sociais pouco organizados politicamente e portadores de uma agenda mínima de reivindicação - "construída em torno de direitos fundamentais à sobrevivência e reprodução cultural imediata" (Ferreira 1996).

A autora lembra ainda das implicações políticas da exclusão de "categorias sociais atraídas ao litoral em busca das oportunidades apresentadas por um mercado de trabalho (...) promissor" e de uma elevada qualidade de vida para a família. Embora não estejam atrelados à cultura local, esses moradores representam interesses importantes aos planos de desenvolvimento regional, além de constituírem um importante canal de influência e difusão cultural às populações mais antigas.

Para Lúcia Ferreira, a questão do reconhecimento das "coletividades" locais como "populações tradicionais" não apenas limita seu leque político de atuação como também nega um mundo social e cultural em contínuo processo de transformação. Para a autora (1996, p.10):

Investir preferencialmente no fato desses grupos serem portadores de valores considerados tradicionais, restringindo o leque de seus direitos à sua reprodução social é o mesmo que condená-los a abdicar da história, das incongruências e tensões que movimentam a vida cotidiana, restringindo o seu papel social ao de guardiães de remanescentes de uma história pretérita, talvez de um pretérito mais que perfeito.

A autora aponta em seus estudos duas posições fundamentais sobre a situação fundiária e política das populações locais ou “coletividades”. A primeira posição caracteriza-se pela recusa a normas que “reconheçam o direito à sobrevivência das populações consideradas tradicionais”. A situação de anomia que resulta disso leva os agentes oficiais, na prática, permitir informalmente a permanência dessas coletividades na área. Os principais agentes dessa posição são técnicos de órgãos oficiais, como o Instituto Florestal, e seus aliados são militantes de organizações não governamentais locais.

A segunda posição é representada pelos que defendem a normatização do papel de populações locais como atores na conservação, transformando os membros das coletividades - representadas aqui por extrativistas, caiçaras, indígenas, ribeirinhos e roceiros - em parceiros capazes de equacionar as obrigações e os direitos sobre a floresta, mangues e restingas (Ferreira, 1996).

Desse modo, torna-se fundamental a percepção desses grupos como nichos culturais dinâmicos, capazes de produzir uma história política de reivindicações e ações que possibilitem uma melhoria real em suas vidas.

A categoria “populações tradicionais” é porém demasiadamente restritiva, para representar a segunda posição, “...já que os velhos moradores dos domínios da mata não podem ser considerados grupos fechados, com uma cultura cristalizada no tempo, sofrendo a influência de outros grupos sociais com os quais convivem.”

Tal inconsistência abalaria a idéia de que esses grupos sociais deveriam ser os atores principais na manutenção das áreas protegidas.

Lúcia Ferreira mostra, através de alguns casos específicos de demanda social por conservação, que a organização política em torno das áreas naturais tem se tornado cada vez mais ampla e com um “forte conteúdo social”. Tais movimentos se ampliaram não apenas na esfera global como também, e principalmente, no meio local; lideranças políticas locais passaram a compor quadros importantes da política ambiental. Isso ocorreu principalmente após a Agenda 21, documento que valoriza a necessária e estreita relação entre as unidades de conservação com as coletividades onde estão inseridas.

O caso discutido por Ferreira acentua a relação conflituosa construída entre o estado e os moradores de unidades de conservação. A autora chega à conclusão de que, apesar das diferenças nas reivindicações sociais pela floresta, há um consenso no que diz respeito à ineficiência das políticas oficiais em levar adiante propostas e soluções concretas que venham contribuir com a qualidade de vida das coletividades dependentes dos recursos da mata em que vivem.

Há alguns anos as populações de áreas naturais conservadas vêm reclamando da atuação do poder público em suas florestas. Essas populações têm exigido não apenas a posse sobre as riquezas naturais como também o direito de explorá-las como sempre o fizeram. A auto-gestão tem representado uma estratégia possível para que as populações permaneçam em suas áreas naturais.

Sobre a capacidade de auto-gerenciamento das populações locais no que refere-se ao manejo de recursos naturais disponíveis, Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida propõem as seguintes perguntas: esses grupos sociais são sempre, e necessariamente, conservacionistas? Conservaram as florestas e outras paisagens

no passado? Continuarão a preservá-las no futuro? As perguntas estão postas no sentido de repensar a relação “essencialista” que julgamos existir entre as populações locais e a natureza (Carneiro e Almeida, 1999).

Para Carneiro da Cunha e Almeida (1999) o “conservacionismo não é só um conjunto de práticas, mas é também uma ideologia”. Porém a idéia de pensar as “coletividades” residentes em áreas naturais como portadoras de uma ideologia conservacionista, quase que essencial à existência, é equivocada. Entretanto, os autores reconhecem que é possível ter práticas conservacionistas, sem que estas estejam baseadas em uma ideologia que as sustente. Isso significa que um dado grupo social poderá manter uma prática sustentável no uso de seus recursos naturais - em outras palavras, a sustentabilidade é relacionada à provisão de recursos da natureza e à escala de necessidades do grupo.

A questão é que não há garantia efetiva que as populações que fazem uso sustentável dos seus recursos hoje, continuem a fazê-lo amanhã. As mudanças culturais que atingem os grupos locais, de modo cada vez mais intenso e predominante, comprovam que tais sociedades “não estão mais situadas fora da economia mundial, nem estão mais na periferia do capitalismo” (Carneiro da Cunha e Almeida, 1999). Esses grupos estão em constante contato com vários outros grupos, instituições, ong’s e órgãos oficiais do governo, transformando cotidianamente os valores que os mantêm ligados à natureza.

A emergência de novos mercados que expressam a demanda por “valores de existência”, como biodiversidade e paisagens naturais (Carneiro da Cunha e Almeida, 1999) tem sido uma alternativa de sobrevivência e manutenção da qualidade de vida das chamadas populações tradicionais. Atividades desse tipo são compatíveis com a conservação ambiental. O reconhecimento que tais

populações têm a capacidade de oferecer esses produtos é o passo para desmitificar a relação destes com o meio em que vivem.

A questão maior posta pelos autores não é saber em que medida as “populações tradicionais” estão envolvidas com o mercado; e sim saber “se elas se qualificam como parceiros” para a implantação efetiva e real de áreas de conservação, o que dependerá do tipo de mercado com o qual estão envolvidas e do tipo de política pública adotada pelo Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, que, de forma sempre renovada, continuará a ser o domínio da antropologia.
(Lévi-Strauss 1962)

Algumas situações de campo fizeram-me pensar sobre estar fazendo etnografia em uma pequena localidade, fundamentada na tradição e no passado, mas que está em pleno e ativo processo de interação com as chamadas “culturas modernas” da sociedade urbana. A sutil oposição de interesses e comportamentos é, no caso da localidade estudada, bem administrada por uma cordialidade sempre presente que esconde muitas vezes situações reais de conflito. Embora este seja um elemento que enriquece a experiência etnográfica, devemos considerar, por outro lado, as dificuldades apresentadas a essa pesquisa.

A principal dificuldade está fundamentada no fato de, como pessoa do lugar, ser privilegiada com o acesso a muitas áreas restritas e até perigosas a estranhos, e ao mesmo tempo, encontrar discursos previamente organizados e específicos à minha pessoa, quando não havia uma certa resistência e explícita recusa às conversas e entrevistas, causada por associações precipitadas com pessoas e ou eventos locais.⁹¹ No início do campo havia de fato um clima tenso e conflituoso que dificilmente poderia ser ignorado pela pesquisa, levando a suspeitas decorrentes.

⁹¹ Para efeito de esclarecimento, pertenco à família do prefeito da cidade, não raro as pessoas desconfiavam de que as entrevistas seriam usadas pela prefeitura para fins eleitorais, provocações ou coisas parecidas. Muitas entrevistas não puderam ser gravadas nesse ínterim e muitas das entrevistas foram pouco espontâneas.

Há alguns anos as populações de áreas naturais protegidas vêm reclamando da atuação e intervenção do poder público em suas florestas e matas nativas. Essas populações têm exigido não apenas a posse sobre as riquezas naturais como também o direito de explorá-las como sempre fizeram. O manejo e uso limitado dos recursos naturais têm sido a validação de que os povos que ocupam espaços naturais têm capacidade de gerir recursos em áreas de preservação ambiental, sem agredir o ecossistema.

A auto-gestão tem representado uma estratégia possível para que os povos continuem em suas reservas e parques ou em áreas naturais comuns, dirigindo e gerenciando sua relação com o meio natural. Contudo a auto-gestão é um processo a ser conquistado pela população local, pois necessita da responsabilidade mútua entre os reguladores externos e aqueles que fazem uso dos recursos naturais. A primeira etapa desse processo cabe à população local, que deve demonstrar-se capacitada para gerir seus espaços naturais de forma adequada e sustentável.

Refletindo sobre o caso de Lençóis, temos uma dupla tarefa que consiste primeiro; em um reconhecimento efetivo da categoria garimpeira como uma população local legítima em seus direitos de uso e apropriação da natureza; e segundo, o estabelecimento dos termos para um possível pacto entre garimpeiros e órgãos ambientais. Lembrando que os órgãos ambientais aqui representam também os interesses da indústria turística.

Há uma outra questão anterior ao "pacto" com os órgãos ambientais e com o governo estadual e federal, que é o compromisso que deve ser estabelecido com a sociedade local primeiramente. Em Lençóis, além do visitantes preservacionistas, existem os moradores protetores da natureza que também se interessam pela questão ambiental e se organizam para mantê-la preservada. Por enquanto, muitos desses moradores têm trabalhado isoladamente ou em grupos muito pequenos que

não chegam a se destacar, com exceção do grupo Avante Lençóis, citado várias vezes durante esse trabalho, que possui uma sede, um jornal semestral e uma estrutura mínima de trabalho. O grupo não se interessa apenas pela questão ambiental mas por todos os setores sociais que possam ser interferidos pela prática da cidadania.

Enfim, qualquer que seja o pacto estabelecido, primeiramente ele deve ser negociado com essa população local que conhece pessoalmente os caminhos trilhados por esse conflito e que mantêm uma relação de respeito e reconhecimento aos garimpeiros de serra. Certamente, todo pacto possui um campo afetivo que se estabelece no momento do acordo, se esse campo já se faz presente, como no caso de Lençóis, temos então alguns passos dados em uma direção comum.

Se considerarmos a hipótese do saber local não ser necessariamente tradicional, o que significa dizer que as práticas locais estarão sempre sujeitas à transformação de acordo com as condições existentes, torna-se no mínimo complexa a possibilidade de um acordo fundamentado apenas no conhecimento tradicional das populações locais. Não há garantias de que essas populações continuem utilizando-se dos mesmos recursos para explorar o meio natural. Nesse sentido, o conhecimento profundo da atividade em jogo e a confiança entre ambos os lados é a única garantia possível da manutenção de um pacto.

As populações "nativas" ou "tradicionais" embora cultuem seu passado e mantenham uma forte ligação com seus antepassados, são culturas dinâmicas porque são culturas vivas. O conhecimento desses grupos sociais é sempre renovado ainda que aparentemente estejam sendo perpetuados na tradição.

O fato dos garimpeiros de serra utilizarem, ainda hoje, instrumentos manuais e rústicos no desmonte do cascalho, não se explica por um profundo sentido de

preservação e cuidado com o meio natural, mas pela impossibilidade - determinada pela própria natureza - de realizar o garimpo de serra de uma outra forma. As dragas utilizadas pelos garimpeiros mecanizados nas baixadas dos rios são extremamente grandes e pesadas, sendo inviável transportá-las até a serra, onde chega-se a pé ou com animais de carga.

De acordo com Godelier, a natureza sempre tem dimensões imaginárias. O sentido de mau ou bom uso da natureza também varia de acordo com essas relações simbólicas e imaginárias construídas pelas populações locais. A escolha dos modos de manejo e apropriação do espaço é normalmente pautada por aquilo que Diegues (1996) chama de racionalidade intencional específica.

De acordo com cada situação e desafio vivido elabora-se ou tenta-se elaborar novas técnicas e ou formas de uso dos recursos naturais. Em alguns meios as situações não se modificam com grande frequência e acabam perpetuando as formas de uso da natureza por um tempo considerável. No garimpo, as condições do cascalho e os lugares onde o diamante pode ser encontrado estão em contínua mudança.

De qualquer modo, como a tecnologia das mineradoras já suplantou a mineração manual e rústica, não se criam novas técnicas e ou instrumentos manuais avançados. Hoje as máquinas fazem praticamente todo o serviço de extração de minérios do subsolo. Em se tratando do garimpo de serra de Lençóis, há uma proteção geográfica natural que dificulta a instalação de mineradoras de grande porte na serra do Sincorá. Acreditamos então, que esse seja um risco pouco provável.

Arne Naess - responsável pelo movimento Ecologia Profunda⁹² - reconhece que a prática ecológica não deve ser vista como um conjunto de princípios dogmáticos, mas como um ponto de partida para uma verdadeira filosofia ambiental. Enquanto movimento filosófico, os princípios de Naess tornam-se então um caminho de questionamento, um método que coloca os indivíduos em suas próprias e diversas rotas, de forma que todo grupo humano seja respeitado em seu modo específico de relacionar-se com o mundo natural.

Creio que a contribuição mais valiosa que os movimentos ambientais preservacionistas e os princípios da Ecologia Profunda nos trouxeram foi o questionamento da visão antropocêntrica com relação ao meio ambiente e a compreensão da importância das relações dos seres humanos com a natureza e com eles próprios. Contudo, devemos lembrar que embora busquemos alcançar a mesma montanha - a interação harmônica com o mundo natural - os caminhos a serem percorridos são diversos, pois as pessoas e as culturas possuem formas específicas de pensar e incorporar-se à natureza que o cerca.

⁹² HOEFEL, J. L. 1996. Arne Naess e os Oito Pontos da Ecologia Profunda. Campinas: Unicamp (Coleção Temáticas).

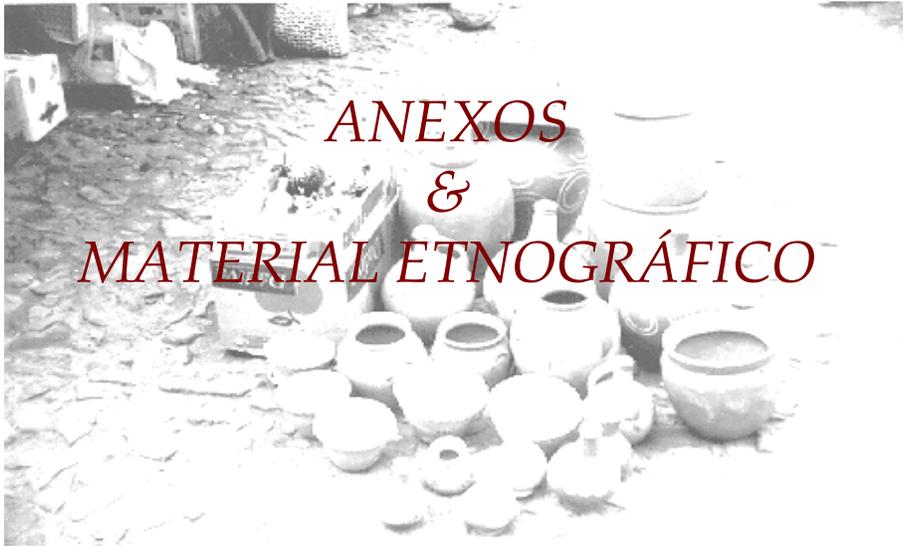
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Mauro 1994. Populações Tradicionais e Unidades de Conservação. Campinas: Unicamp, mimeo.
- _____ 1999. Populações Tradicionais: Conceitos. Amapá: Seminário Avaliação de Prioridades de Conservação, 24 de Outubro.
- _____ 1994. As Reservas Extrativistas e o Valor da Biodiversidade. IN: O Destino da Floresta, Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia 1997. Chapada Diamantina: História, riquezas e encantos. Salvador: Onavlis Editora.
- CÂNDIDO, A. 1964. Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio (Coleção Documentos Brasileiros, 118)
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. 1998. O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Unesp.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. 1999. Populações Tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. São Paulo: Estudos Avançados da USP, vol. 13, n. 36.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. ALMEIDA, M. 1999. Populações Tradicionais e Conservação. Seminário de Consulta, Macapá: 21 a 25 de Setembro.
- CLEARY, David 1990. Anatomy of the Amazon Gold Rush. Iowa City - Great Britain: University of Iowa Press.
- CUNHA, Euclides da 1995. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, Vol. 1.
- DIEGUES, A. C. 1996. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: Hucitec.
- _____ 1992. Os Pescadores Artesanais e a Questão Ambiental. In: Proposta 53, ano XVI, maio.
- _____ 1999. Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. São Paulo: Relatório Final - Nupaub (USP), Probio (MMA), CNPq.
- FALCÓN, Gustavo 1985 (cerca). Diamantes da Bahia. Salvador: Tese Mestrado UFBA.
- FERREIRA, L. da Costa 1996. Remanescentes de um Pretérito Mais que Perfeito: Controle Social da Conservação na Mata Atlântica, SP. Niterói: I Simpósio Internacional sobre Qualidade de Vida e Riscos Ambientais, UFF/CNPq.
- GEERTZ, C. 1989. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara.

- _____ 1998. O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.
- GUIMARÃES, J. E. Passos 1981. Epítome da História da Mineração. São Paulo: Art Editora - Secretaria de Estado da Cultura.
- HOEFEL, J. L. 1996. Arne Naess e os Oito Pontos da Ecologia Profunda. Campinas: Unicamp (Coleção Temáticas).
- KRISHNAMURTI, J. 1992. On Nature and the Environment. London: Victor Gollancz.
- LEONEL, Mauro 1998. A Morte Social dos Rios: conflito, natureza e cultura na Amazônia. São Paulo: Perspectiva - Instituto de Antropologia e Meio Ambiente, FAPESP.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1962. A Crise Moderna da Antropologia. In: Revista de Antropologia, vol. 10, ns. 1 - 2.
- MORAES, Walfrido 1973. Jagunços e Heróis: A civilização do diamante nas lavras da Bahia. Salvador: Edições GRD Bahia.
- NASH, June 1992. We Eat the Mines and the Mines Eat Us. New York: Columbia University Press.
- PENA, Eduardo Spiller 1996 (cerca). A Narrativa, a História e o "Miúdo Recruzado". Campinas: Manuscrito.
- SALES, Herberto 1955. Garimpos da Bahia. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola - Documentário da Vida Rural n. 8.
- SALOMÃO, E. Prata 1984. O Ofício e a Condição de Garimpar. In: Em Busca do Ouro: Garimpos e Garimpeiros no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.
- SENNA, R. de Sales 1998. Jarê, uma Face do Candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina. Feira de Santana: UEFS.
- TAUSSIG, Michael T. 1980. The Devil and Commodity Fetishism in South America. North Carolina-EUA: The University of North Carolina Press.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. In: Mana, vol. 2 (2).



Velho garimpeiro olhando o “tempo” passar pela janela da sua casa...



ANEXO

Fontes Documentais e Material Etnográfico

Apresentação

Ao longo de alguns anos de morada e viagens pela região da Chapada Diamantina e desde quando faço pesquisa etnográfica por lá, fui acumulando um farto material sobre a região e sobre os temas correntes, temas estes debatidos com bastante ênfase e propriedade entre os moradores locais, entre eles: garimpo mecanizado e manual (de serra) e turismo ecológico. Ambos discutidos no presente trabalho de dissertação de mestrado desenvolvido no interior do Programa em Antropologia Social da Unicamp.

São desde documentos importantes doados por famílias locais até papéis aparentemente sem importância etnográfica mas que me foi apresentado com muito carinho por aqueles que tiveram a intenção de contribuir para que, de alguma forma, essa pesquisa crescesse.

Decidimos portanto expor nesta seção o material existente que julgamos relevante, embora nem todos os documentos tenham sido utilizados na presente dissertação, de forma a torná-lo disponível e acessível àqueles que porventura venham se interessar em conhecer o material etnográfico colhido durante os anos de viagem à Chapada Diamantina. Esse material servirá também ao leitor que queira acompanhar a trajetória da pesquisa através dos seus registros: desde documental até fotográfico.

Organizamos então um sumário com as fontes documentais e o material etnográfico para facilitar a identificação dos dados apresentados na pesquisa bem como do material disponível.

SUMÁRIO

1- ENTREVISTAS & GRAVAÇÕES

Pessoas e Eventos (ordem alfabética)

- 1.1- Roy Funch: Fevereiro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.2- Alberto: Fevereiro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.3- Delmar Araújo: Setembro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.4- Nilson Senna Pereira: Fevereiro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.5- Rilza Rôla: Janeiro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.6- Ronaldo Senna: Janeiro de 1999, Lençóis-Ba
- 1.7- Ailton (Roberto) Oliveira de Souza: Fevereiro de 1999, Lençóis-Ba

2- FONTES DOCUMENTAIS (ordem cronológica)

- 2.1- 02/Fevereiro de 2000: “A Fundamental Importância do Garimpeiro no Futuro de Lençóis”, Orlando Senna (colaborador), 3 págs., Lençóis-Ba.
- 2.2- 14/Dezembro de 1998: Ofício Circular no. 002/98 aos Coordenadores da Associação Comunitária “Movimento Avante Lençóis”, SUM-Sociedade União dos Mineiros, 08 págs., Lençóis-Ba.
- 2.3- “Alterações no Meio Físico Decorrente do Garimpo de Serra”, 02 págs., Lençóis-Ba.
- 2.4- Ata da reunião para discussão do tema: “Os Reflexos Causados na Comunidade Lençoense com a Paralisação da Atividade Garimpeira”, 05 págs., 25/10/1998, Lençóis-Ba.
- 2.5- 10/Dezembro de 1998: “Carta de Intenções dos Garimpeiros de Serra de Lençóis”, SUM-Sociedade União dos Mineiros, 05 págs., Lençóis-Ba.

- 2.6- 09/Novembro de 1998: Seminário sobre “Os Reflexos na Cultura e na Economia das Lavras Diamantina com a Proibição do Garimpo de Serra”, organizado pelo Movimento Avante Lençóis, 04 págs., Lençóis-Ba.
- 2.7- 13/Octubro de 1998: “Observações sobre o Fechamento dos Garimpos de Serra”, Roy Funch, 01 pág., Lençóis-Ba.
- 2.8- 27/Junho de 1990: Carta “Chapada Diamantina, Um Grito de Dor”, Carlos Geraldo D’Andrea Espinheira (Gey), Fundação CPE-Centro de Projetos e Estudos (órgão da Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia), no. 06, 12 págs., Salvador-Ba.
- 2.9- 30/Março de 1990: “Lei Orgânica Município de Lençóis, Estado da Bahia”, Câmara Municipal, 04 págs., Lençóis-Ba.

3. JORNAIS & REVISTAS

Jornais de Circulação Local (ordem cronológica)

- 3.1- Janeiro de 1999: “Jornal da Festa do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos”, Ano I, no. 01, Prefeitura Municipal de Lençóis-Ba.
- 3.2- Junho de 1996: Jornal do Movimento “Avante Lençóis”, Ano II, no. 10, Lençóis-Ba.
- 3.3- Junho de 1996: Jornal “Garimpos: Tradição e Glória de Lençóis, COOCHAD – Cooperativa dos Garimpeiros da Chapada Diamantina (garimpo draga), SUM – Sociedade União dos Mineiros, Lençóis-Ba.
- 3.4- Maior de 1914: Jornal “A Penna”, Ano III, no. 60, Órgão dos Interesses Comerciaes, Agrícolas e Civilisadores do Alto Sertão, Caeteté.

Jornais de Circulação no Estado da Bahia (ordem cronológica):

- 3.5- Setembro de 1999: Jornal “A Tarde” – “Turistas se rendem aos encantos de Lençóis”, Salvador-Ba.

3.6- Outubro de 1998: Jornal “Diário Oficial do Estado da Bahia” - “Operação combate garimpos na Chapada”, Salvador-Ba.

3.7- Outubro de 1998: Jornal “Diário Oficial do Estado da Bahia” - “Helicóptero reforça combate a incêndio na Chapada Diamantina”, Salvador-Ba.

3.8- Abril de 1998: Jornal “A Tarde” - “Cidade em Busca do Tempo Perdido”, Salvador-Ba.

3.9- Fevereiro de 1998: Jornal “Da Tarde” - “Protesto em Santuário Privatizado”, Salvador-Ba.

3.10- Dezembro de 1995: Jornal “Correio da Bahia” - “Chapada Diamantina oferece muitas maravilhas”.

3.11- Setembro de 1977: Jornal “A Tarde” - “Diamante Bruto, uma história de amor e morte passada entre garimpeiros”, Salvador-Ba.

3.12- Mai de 1977: Jornal “A Tarde” - “Lençóis, cidade que parou no tempo”, Salvador-Ba.

3.13- Mai de 1977: Jornal “A Tarde” (suplemento Mulher), “Diamante, fascínio e mística eternizados”, Salvador-Ba.

Revistas de Circulação Nacional (ordem cronológica):

3.14- Novembro de 1998: Revista Ecoturismo (edição especial Terra) - “Chapada Diamantina: o trekking mais sonhado do país” - “A Trilha de Ouro do Sertão baiano”, no. 2, Editora Grupo Abril, Brasil.

3.15- Março de 1996: Revista Planeta: Nova Era - “Ecoturismo: Viajando e Preservando o Ambiente”, no. 3, Editora Grupo de Comunicação Três S.^a, Brasil.

4. MAPAS GEOGRÁFICOS (ordem alfabética)

4.1- Mapa da “Bahia”: mapa em transparência, fonte desconhecida.

4.2- Mapa do “Estado da Bahia”: destaque na Chapada Diamantina (Lavras Diamantinas) ao centro do mapa, fonte CEI.

4.3- Mapa da “Chapada Diamantina Histórica”: fonte CEI.

4.4- Mapa da “Chapada do Diamante”: recorte da Chapada do Ouro, Chapada do Diamante, Chapada da Agricultura e Explorações Diversas, fonte desconhecida.

4.5- Mapa da “Chapada Diamantina Meridional”: recorte da Chapada Diamantina Setentrional - MRH 135, Chapada Diamantina Meridional - MRH 136 e do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

4.6- Mapa de “Lençóis”: recorte da Cidade, Vilas, Povoados e Fazendas, Limite Interestadual, Limite Intermunicipal, Ferrovia, Rodovia Federal, Rodovia Estadual, Rodovia Municipal e outros, acompanha “Informações Geoistóricas”. Fonte CEI, Seplantec, Derba.

4.7- Mapa do “Parque Nacional da Chapada Diamantina”: recorte para Cidades, Povoados, Rodovia, Limite do Parque, Rios. Fonte Ibama.

4.8- Mapa da área sugerida para o “Parque Nacional”: fonte CEI.

4.9- Mapa de “Trilhas e Pontos Turísticos”: Parque Nacional da Chapada Diamantina - Ba. Recorte para Cidade, Vila, Limite do Parque, Rede de Drenagem, Terreno Alagadiço, Estrada Pavimentada, Estrada de Tráfego Permanente e Curva de Nível. Recorte para altitudes (em metros) e para Trilhas e Pontos Turísticos. Luiz Fernando Costa Bonfim, CPRM, Ibama.

5- MATERIAL ETNOGRÁFICO (ordem alfabética)

5.1- Cadastro dos Garimpeiros de Serra associados à SUM - Sociedade União dos Mineiros, 56 cadastros, Dezembro de 1998, Lençóis-Ba.

5.2- Questionário Exploratório, 03 págs., Dezembro de 1999, Lençóis-Ba.

6- PROPAGANDA TURÍSTICA E CIENTÍFICA (ordem alfabética)

6.1- "Chapada Diamantina - Desenvolvimento Regional Sustentável": Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, Salvador-Ba.

6.2- Chapada Diamantina: "Onde é" - Texto e mapa localizando a Chapada Diamantina, com destaque para o município de Lençóis, disponível na Internet. Site <http://www.terra.com.br>

6.3- SUM - Sociedade União dos Mineiros: "Festa de Senhor dos Passos, Lençóis-Ba, 24 -01-92 - 02-02-92", Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Prefeitura Municipal de Lençóis: adm. João Neves Araújo.

6.4- Morro do Pai Inácio: "Bem Vindos a Fazenda Aghapy I, Morro de Oração Pai Inácio", Washigton Setenta, Janeiro de 1999, Lençóis-Ba.

6.5- Memorial da Chapada Diamantina - Projeto Lençóis 1996: Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Exatas, Área de Geociências.

6.6- Parque Nacional da Chapada Diamantina: Texto com as chamadas abaixo, disponível na Internet. Site: <http://www.terra.com.br>

6.7- "A Terra Encantada da Bahia"

6.8- "A Força das Águas Esculpindo a Pedra"

6.9- "A Miragem Azul do Poço Encantado"

6. 10- "Ruínas do Tempo dos Diamantes"

6.11- "Trilhas e Caminhos": Circuito do Diamante - Guia Turístico e Ambiental: Roberto Sapucaia Bandeira, Lençóis-Ba.

7. POESIAS & TEXTOS LOCAIS (ordem alfabética)

- 7.1- “Diamantes da Bahia”: Afrânio Peixoto, sem data, sem local.
- 7.2- “Garimpeiro”: Nildéia Andrade, propaganda Pousada Lavramor, Lençóis-Ba.
- 7.3- “Lençóis dos Diamantes”: J. Rocha, Gruma Editora, Lençóis-Ba.
- 7.4- “Minha Lençóis”: Leopoldo de Lima Rosa, Gráfica Iporá, Iporá-GO.
- 7.5- “O Poeta Castro Alves Também Visitou lençóis”: Franklin MAXADO NORDESTINO, Coleção Estrela da Manhã - no. 28, Feira de Santana: 1997.
- 7.6- “Segunda Semana Afrânio Peixoto” - 13 a 20 de Dezembro de 1971: Casa de Afrânio Peixoto, Prefeitura Municipal, Lençóis-Ba.
- 7.7- “Visita à Terra Natal”: Fernando Sales, transcrito da “Revista do Livro” - no. 40, Segunda Semana Afrânio Peixoto, op. Cit.

ENTREVISTAS

Trechos selecionados para amostragem e coletados em Lençóis durante 1ª pesquisa de campo realizada entre janeiro e março de 1999.

Entrevista: Roy Funch

Biólogo, norte-americano naturalizado brasileiro, responsável pela criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, dono de loja de artesanato e artesão (trabalha principalmente com pedras como a ardósia, cristais e outros materiais característicos da região).

Códigos: P- Pesquisador / F- Funch

P- Fale um pouco do seu histórico, de onde veio, etc...

F- Meu nome é Roy Funch, sou biólogo, sou cidadão brasileiro embora tenha nascido na América do Norte, vim morar em Lençóis em 1978, moro aqui desde então. Fui diretor do Parque Nacional, diretor do Parque do Meio Ambiente e sou sempre artesão.

P- O que te trouxe a Lençóis?

F- Eu vim para Lençóis realmente para fazer turismo, a cachoeira da Fumaça, que naquela época era cachoeira Glass, era muito conhecida pelos estrangeiros morando no país, porque o Dr. Glass (norte americano) lhe deu o nome, então eu fui convidado por uns amigos que estavam na Bahia para passar o São João na Bahia e subir na cachoeira, aí... cheguei, gostei muito e fiquei.

P- Quando que começa então o projeto do Parque Nacional e da reserva ambiental?

F- Eu gostava de andar pela serra por isso decidi morar aqui em Lençóis, eu andava muito sozinho e com os garimpeiros. Uma vez eu estava fazendo travessia de Lençóis até Capão e virei lá no vale do Morrão, então pensei se fosse nos Estados Unidos seria um Parque Nacional, aí acendeu todas as luzes na minha cabeça, como eu já tinha trabalhado com Ibama, IBDF na época, em Brasília em 1977, então comecei a escrever para eles, fazer propaganda, a Pousada de Lençóis tinha aberto recentemente, tava trabalhando como guia na época, então eu pegava esse pessoal e vendia o peixe do Parque. Eles gostaram da idéia, acho que ninguém sabia direito o que era Parque Nacional, mas queriam um Parque Nacional, a Bahia tinha que ter um Parque Nacional, então eu tive todo o apoio do pessoal do Estado, então eu comecei a escrever em 1979 em 1985 o Parque foi criado, foi relativamente rápido.

P- Nesse tempo você teve todo um empenho seu, teve muitas viagens à Brasília?

F- Sim, Brasília, passando na ante sala do pessoal em Salvador, embora a receptividade tenha sido boa, porque esses trâmites burocráticos demoram muito mesmo, interessante que era para o pessoal funcionar o Parque em 1983, venho um pessoal de Brasília, do Estado, mas foi justamente na áurea do garimpo de draga, aí os dirigentes viu assim desconfiados... e não criaram o Parque naquela época, durou mais de dois anos, em setembro de 1985 é que o Parque foi criado, foi empurrado por Brasília nessas alturas. O pessoal de Brasília não gostou da idéia do garimpo, garimpo mecanizado.

P- Em que consiste o projeto do Parque, se é que pode ser definido em poucas linhas, existe uma área que pode garimpar, como é que está estruturado esse Parque?

F- Os regulamentos do Parque Nacional não permite qualquer atividade econômica ou extrativista na área do Parque, mas o Parque não existe, existe em lei mas não em Parque, as terras da reserva jamais foram transferidas os donos não foram indenizados, o Parque existe quase como se fosse uma grilagem do Ibama, o Ibama se acha dono das terras, obviamente eu acho a idéia do Parque muito boa, mas não está sendo conduzido corretamente, o Ibama tem que procurar criar um Parque tendo posse da terra e também envolvendo o pessoal da região: os garimpeiros, os caçadores, os roceiros na fiscalização desse Parque. Não se pode fazer um Parque assim jogando todo mundo fora tem que incorporar esse povo, a perda do direito de garimpagem seria compensado pelo emprego dentro do Parque como fiscais, como guardas do Parque, acho que essa seria uma solução muito boa para se cumprir... e o garimpeiro creio que não tem muita opção, ninguém tá ficando rico fazendo garimpo, acho que a maioria deles, dentro da estrutura do governo, têm uma posição em prol do Parque, nessa altura já muitos garimpeiros têm a visão não de destruição mas de preservação, o garimpeiro tem mais que outros, essa coisa da cidade já não é cobrada da Chapada Diamantina, das Lavras Diamantinas como um lugar bonito que merece proteção, merece respeito, então essas pessoas deveriam ser muito bem aproveitadas dentro da estrutura de um Parque que funciona. É o único Parque que não funciona... infelizmente.

P- Então dentro dessa idéia de Parque Nacional que você está falando não é em momento nenhum concebido a possibilidade de existir dentro desse Parque uma reserva para o extrativismo mineral, no caso?

F- Os regulamentos dos Parques Nacionais no Brasil hoje como existe a lei, não permite isso, se você contemplar uma mudança do Parque para uma APO, algum tipo de outra unidade de proteção que permite o extrativismo, mas... eu não vejo...

há um conflito, mas certamente os garimpeiros estão conseguindo sobreviver pelo garimpo, mas não vejo quem tá ficando rico. Mais fácil que mudar a classificação do Parque para uma APO, coisa assim, seria poder cobrar ao garimpeiro os quadros com Ibama. Mas a regulamentação do Parque como existe hoje não permite, não visa isso.

P- Qual a diferença básica entre Parque Nacional e Reserva Ambiental, por exemplo? O que a gente tem no Acre é uma reserva ambiental?

F- Nesse momento tá tramitando pelo Congresso uma legislação justamente definindo os tipos de reservas e parques... esqueço o nome do documento mas tá rolando anos... e esse documento vai definir os tipos de reservas que vão existir no país, mudanças de regulamentação de Parque Nacional, eu não sei de cor qual que é qual nessa altura e de qualquer forma tudo pode mudar...mas existe muitos tipos de áreas de preservação no Brasil tem o municipal, estadual e federal e todas têm (...) tem áreas como reserva biológica que ainda é bem mais rica que o Parque Nacional que não permite extração nenhuma, mas tem outras áreas que permitem exploração, tipo uma APO, que permite todo o tipo de utilização dentro de um esquema de visão de congregação.

P- Você como a pessoa que idealizou todo o projeto do Parque Nacional como você vê hoje, toda essa questão, atualmente, dentro do que se tem, você falou que o Parque não funciona... como você vê hoje toda essa questão do garimpo, que é ainda uma das alternativas econômicas que se tem, além do turismo, em contraposição aos órgãos ambientais, ecologistas, essa coisa da intervenção do garimpo recente, que teve..?

F- A intervenção no garimpo mecanizado ainda esse ano... essa intervenção não foi em função do Parque Nacional, o conceito de Parque talvez ajudou trazer atenção mas o problema do garimpo mecanizado é a poluição, os rios mananciais, a grande destruição de mata ciliar, é uma esculhambação...eles estavam garimpando em áreas que levantaram obras, construíram tudo mal feito, o governo acabou com isso, eu achei muito justo, durou quinze anos, dezesseis anos... de qualquer forma

as lavras não estão mais rentáveis, mais da metade dos garimpeiros estavam endividados até o pescoço, então o garimpo já era na época um veio caduco, empurrou, caiu no chão, não levantou mais, se for lamentar a perda de um número razoável de empregos e subempregos(,,,) Isso não se deve confundir também com a tradição de garimpo de Lençóis que é o garimpo de serra, garimpo manual, que não é garimpo mecanizado, esse garimpo que se instalou aqui, garimpo de máquinas, é um garimpo estranho da região, a proibição desse tipo de garimpo não afetou a tradição do garimpo. Não deve confundir os dois tipos de garimpo, as pessoas, os donos de garimpo não eram daqui, as pessoas que tinham custo para comprar máquinas não eram pessoas com tradição de garimpo de serra, nenhuma parte dessa proibição ameaçou o garimpo tradicional e continua assim, quanto ao Parque não existe impacto por enquanto, agora o governo do Estado tomou muito interesse pela região, estou sabendo que nesse momento estão demarcando os limites do Parque: o CRA; coisa que o Ibama há onze anos não fez, acho que é uma maneira também de pressionar um pouquinho ou estimular talvez o Ibama fazer alguma coisa. O Parque não existe o Parque cria conflitos nesse momento porque o Ibama tenta fazer um manejo do uso da região sem ter direito às terras e até agora expandiu, dobrou o tamanho do Parque, porque eles consideram a área deles aquele tampão que está sobre influência da administração do Ibama. Dobrou a área do Parque sem gastar um tostão e sem empregar uma sequer pessoa da região e assim não se faz, assim o Parque não rola nunca, se não indenizar as pessoas e se não incorporar esse povo da região nos quadros do Ibama nada feito em termos de Parque, isso vai criar resistência.

P- Então a solução para essas pessoas, esses garimpeiros, como eu conversei hoje com seu Nilson, esses garimpeiros que alegam não ter outro tipo de atividade, enfim qual seria a solução para essas pessoas?

F- Se virem, entendeu?! eles estavam fazendo uma grande destruição da região, usar esse pessoal em empregos, empregozinho por aqui, mas antes de começar garimpo estavam fazendo alguma coisa, depois que parou garimpo tem que fazer

outra coisa...eu não tenho a mesma pena desse pessoal porque eles não são garimpeiros tradicionais, seu Nilson começou há um ano atrás, Roberto que já tem muito tempo, mas ele ganhou mais dinheiro vendendo peças de reposição do garimpo que talvez no próprio diamante, são pessoas que podem, têm que se virar, eu tenho mais preocupação com o pião, pessoas altamente não qualificadas para outros empregos, mas o dono de garimpo tem que se virar, trabalhou quinze anos aqui, fez muita destruição, muito buraco, teve seu papel, teve seu tempo e acabou seu tempo.

P- Se o projeto do Parque funcionasse realmente talvez até esses piões que trabalham com garimpo fossem aproveitados.

F- É talvez... mas eu acho que se alguém fosse trabalhar com o Ibama no Parque para mim teria que ser o garimpeiro tradicional, o garimpeiro de serra, o velho, o caçador, ou até as pessoas do roçado, as pessoas diretamente envolvidas, muitos desses piões eram rapaziada daqui que só conhece o garimpo do Baixio, o pessoal de Remanso, o pessoal de Redenção, o pessoal de Andaraí, não são garimpeiros de tradição, quer dizer de longa tradição, o pião vai ter que se ajustar, mas quando falo de emprego no Parque estou falando de emprego para as pessoas que realmente conheçam e vivem na serra.

P- Na sua opinião então não tem volta o garimpo mecanizado?

F- Garimpo mecanizado não... não depende de mim, mas eu não vejo que o governo estadual vai voltar atrás, acho que não, a decisão foi tomada, inclusive saiu na televisão o Paulo Souto dizendo que um dos grandes feitos do governo dele foi a Baía Azul e a proibição dos garimpos na Chapada Diamantina, acho que não tem razão nenhuma para o governo dar uma viravolta, o garimpo aqui não dá lucros, o turismo vai dar, o atual governo está investindo em turismo agora, não em garimpo, estão fazendo aeroporto, os líderes do governo estão fazendo empresa, vão asfaltar, tudo voltado para o turismo, o garimpo não cabe mais, o garimpo de máquina, acho que não tem possibilidade nenhuma de volta.

P- E o turismo, como você vê, você acabou de dizer sobre esse planejamento turístico que está tendo, um investimento pesado que a gente percebe dos setores empresariais na área turística, como é que você sente isso, até a nível de impacto ambiental mas principalmente social?

F- O turismo tá aqui para ficar, o turismo é a próxima fonte de renda de Lençóis, já é a fonte de renda de Lençóis, acabando o garimpo mecanizado, apesar das previsões terríveis a economia de Lençóis tá indo bem... tem esses 100 a 200 rapazes mas 100 deles estão trabalhando nas estradas, o turismo já há muito tempo está sustentando Lençóis, você mesmo viu, você conheceu Lençóis dez anos, quinze anos atrás, era outra coisa, cidadezinha, esquecida e pobre, pobre, pobre, Lençóis cresceu, aumentou, tem bares novos, casa novas, gente nova em todo canto, tem comércio razoável, o turismo tá aqui para ficar, é a esperança econômica de Lençóis, não tem outra opção, aqui não tem agricultura, não tem pecuária, não tem garimpo, garimpo que vai dar lucro. O turismo como qualquer indústria, como qualquer injeção de energia no ecossistema muda aquele ecossistema, o povo de Lençóis já não é o mesmo povo, desde que eu vim para esta cidade era uma cidade pacata, uma cidade quieta, agora tem bar, música dia e noite, pessoas para cima e para baixo, turistas de todo o tipo, bem educados e turistas mal educados prá caramba vem tomar banho na nossa praia, mas além dos impactos sociais tem um processo por trás envolvendo um impacto físico muito grande do turismo no ecossistema. O turista vai pisar na grama, vai deixar um pouco de lixo, vai sujar um pouco a água, mas não se pode comparar com o garimpo, com a própria utilização da área do Parque, acho que não se pode dizer que o turismo vai destruir, o turismo vai sujar um pouquinho, temos que trabalhar em cima de conscientização, de limpeza nesse sentido, o turismo mais do que isso vai mudar a cabeça do lençoense, já mudou, aí vai ser um impacto maior, fisicamente não, eu não vejo problemas com o turista a não ser fazer uma caminhada mais longa para deixar de ver gente.

P- Existe área então para a construção de aeroportos, de hotéis de maior porte, porque é esse o planejamento que se tem para a região.

F- Estão de olho grande na nossa Chapada, com aeroporto, com tudo isso há uma grande expectativa da parte empresarial, eles estão ganhando com isso, nosso mundo é isso...há grandes interesses econômicos, já ganharam muito dinheiro em 1850 e 60 com o diamante, mas não tem como proibir a entrada de capital, as mudanças estão aqui.

P- Como está, não sei se você está por dentro dessa noção, essa coisa do ecoturismo, porque é um tipo de exploração turística diferente, que a Chapada até se colocou um pouco à frente, pelo menos em nível de Bahia, de Brasil, em que consiste exatamente esse ecoturismo?

F- Ecoturismo, obviamente não é um conceito fixo, ecoturismo é uma palavra como democracia, é uma palavra que depende do que você quiser, pode servir para uma coisa pode servir para outra, ecoturismo...?! (risadas) eu não sei como eu definiria ecoturismo, mas parece que ecoturismo para a maioria das pessoas é o mesmo turismo do homem novo você vai num lugar bonito e faz turismo lá, talvez é o turismo no sentido mais puro, seria turismo com pouca infra estrutura, mais a pé, menos carro, menos desenvolvimento nos pontos turísticos; obviamente Foz do Iguaçu não é ecoturismo, pois tem muita estrutura, ecoturismo deve ser mais como andar na serra, sei lá... Parece, para mim, que não vai poder baixar um decreto que só pode fazer ecoturismo em Lençóis, vai ter todo tipo de turismo aqui, do turismo cibernético através do computador até turista andando na serra, marchando aos poucos, porque todo mundo vai, todo e qualquer empresário, se a lei não impedir, não vejo como, vai ter turismo de ônibus, carro, cavalo, isopor no Ribeirão do Meio, no Sossego, nossa esperança é que o Ibama vai poder segurar o perímetro do parque e evitar a construção de infra estruturas turísticas dentro do parque: hotéis...etc, estradas, embora eu diga: não sou totalmente contra isso porque eu sei que o Parque Nacional nessa altura do jogo tem que se sustentar um pouco, se for necessário, se me desse opção, vamos dizer, de desenvolver 5% do Parque com

teleférico, clube, hotel para poder assegurar a preservação de 95% do Parque em estado totalmente intocável aí pode-se negociar, mas eu não quero ver um desenvolvimento desenfreado, a corrupção do conselho do Parque Nacional da Chapada só visando lucros, eu só aceito um pouco de desenvolvimento para o Parque para a revisão e proteção intemporal do Parque. Então o ecoturismo é o ecoturismo, fica difícil impedir um empresariãozinho lá embaixo ligar o som dele a toda altura, a noite toda, tirando o sono da metade da cidade, não sei como se vai nem para onde vai essa discussão, não sei dizer se isso é ou não é ecoturismo.

P- Com relação a essa infra estrutura, a gente percebe que a maioria dos donos de hotéis, restaurantes são pessoas de fora ou que tem alguma condição econômica daqui, algum dinheiro para investimento, qual a real possibilidade do turismo vir a favorecer as pessoas do local, o povo de um modo geral?

F- Tem muito lençoense envolvido com esses melhores hotéis, os mais luxuosos são de fora, mas se pode encontrar ônibus qualquer hora dia e noite tem lençoenses lá com seus carros, os guias lá na porta do ônibus pegando gente, com passageiros, todo serviço de transporte, a maioria que faz transporte aqui são de pessoas nativas da cidade, acho que o lençoense está se empenhando, e também tem que Lençóis não é perto de Salvador, quem quer explorar turismo aqui vai ter que morar aqui, o dono da Pousada de Lençóis se desloca mas fora disso outros donos de hotéis ficam aqui, não dá para ter um restaurante sem ser presente, tem muito pouco donos ausentes ou de fora, a maioria que investe no turismo agora são daqui, moram aqui pelo menos e empregam pessoas daqui, eu tava lá embaixo ví um cartaz na parede: curso de garçom que vai ser oferecido, os próprios empresários estão investindo tempo, energia e esforço para treinar as pessoas daqui, tem muito pouca mão de obra de fora. O lençoense não pode queixar que está sendo destruído...

P- Você acha que não?

F- Tá reclamando mas acho que não tem tanta razão...quem fez garimpo de dragagem foi um pessoal de fora, pessoal com capital, ninguém reclamou deles, cara de pau...

chegaram aqui compraram máquinas, trabalharam, empregaram as pessoas daqui e agora tão se achando cheio de moral pra reclamar... sem dinheiro não se faz nada por aqui mas tem uns lençoenses que se entendem...mas até o Brasil tá reclamando dos empresários estrangeiros que chegam aqui, não dá para ser só lençoense, tem que ter concorrência, é assim mesmo.

Entrevista: Nilson Senna / Roberto / Alberto / Anísio

Entrevista coletiva com os garimpeiros mecanizados e de serra, lutam pela reabertura dos garimpos - fechados pelo Governo do Estado da Bahia - são dirigentes da Cooperativa dos Garimpeiros da Chapada Diamantina (criada recentemente para representar os interesses da comunidade garimpeira mecanizada).

Códigos: P- Pesquisador / N- Nilson / R- Roberto / A- Alberto / AA- Anísio

P- Estou aqui com garimpeiros de draga para ter uma conversa informal sobre garimpagem mecanizada na Chapada Diamantina, principalmente em Lençóis e seus rumos depois do recente fechamento dos garimpos de draga pelo Governo do Estado.

A- O garimpo é uma atividade, o garimpo de draga, que está na Chapada implantado há 16, 17 anos, o garimpo tem sido feito de maneira aleatória, sem orientação dos órgãos do Governo do Estado, do Governo Federal e vem sendo tolerado até pela questão social que envolve uma faixa de mão de obra totalmente desqualificada de mais de 200 homens, isso em empregos diretos, em empregos indiretos isso vai gerar uma faixa de 300 a 350 empregos ligados direto ao garimpo. Nesses 17 anos de garimpo de draga o Governo em vez de orientar como se devia trabalhar venho punindo o garimpeiro como se fosse marginal, e a realidade não é essa, nós somos trabalhadores, pais de família, na maioria todos da região de Lençóis e Chapada que absorve essa mão de obra totalmente desqualificada, que é a do pião de draga, já que Lençóis não existe agricultura, não existe pecuária, é um solo infértil e essa mão de obra não teria outra atividade viável na Chapada; nessa

situação nós estamos revoltados com a atitude do Governo Federal junto com o Governo do Estado que de repente juntaram-se vários órgãos que nunca se preocuparam com a situação do garimpo e chegaram como de surpresa num dia e no outro colocou para que todas as dragas fossem paralisadas e um prazo de 5 dias para retirar-se todas as dragas do Baixio, deixando com isso não só o proprietário de draga como a maioria dessa mão de obra desqualificada à mingua, posteriormente com a desculpa de dissolver essa mão de obra arrumaram um trabalho paleativo que não dura mais do que três meses escravizando o pião de draga porque sem outra atividade foram obrigado a aceitar essa atividade ganhando R\$ 5,00 por dia, trabalhando 5 dias por semana, 8 horas, sem carteira assinada, sem assistência médica e sem transporte, ora eles nos acusaram de escravizarmos o garimpeiro, que a mão de obra nossa era escrava mas não fez uma pesquisa junto ao pião, junto ao trabalhador da draga para saber se isso é verdade ou não. Veja bem, um garimpo com sua produção baixa, por draga, miseravelmente, numa quinzena produz na faixa de R\$ 3.000, desses R\$ 3.000, 30% dessa produção é para pagar o pião que são 6 pessoas e o gerente geral, cada pião recebe 3% da produção total do grupo que daria numa quinzena, quando o garimpo está em baixa, na faixa de R\$ 90,00 por quinzena para cada pião e R\$ 150,00 para o gerente de draga, isto numa quinzena, livre de alimentação, café da manhã, almoço e janta, assistência médica dada não só ao pião de draga quando se acidenta, quanto é estendido aos seus familiares, medicamentos e nos taxavam de escravizadores do pião, a alternativa que eles arrumaram é mil vezes pior do que a escravidão porque além de pagar R\$ 5,00 por dia para o pião, sem alimentação, sem transporte, sem carteira assinada, sem assistência médica, ainda atrasa na faixa de um mês o pagamento do pião que se vê na situação vexatória de ter sua luz cortada, sua água cortada e à mingua, passando fome e necessidade, como é o caso de se comprovar por qualquer um que queira vir à cidade e entrevistar o pião, porque o pião é colocado à parte, porque que quando vem os órgãos aqui não ouvem o pião, ouvem os ecoixítas que têm na Chapada, que são vários, é o cara

que fica conversando com a plantinha, que fica conversando com a flor e que é ecoxiíta, em primeiro lugar está a natureza, em segundo plano o homem, quando a realidade não é essa, para se falar de ecologia com o pião, com a pessoa analfabeta tem que antes ele estar com a barriguinta dele cheia porque é muito fácil falar de ecologia quando se está sentado num gabinete, quando se está com seu contracheque chegando no banco, quando está na sua sala com ar condicionado, quando está com sua família num apartamento de três quartos com todo o conforto, falar de ecologia para o pião que está passando fome, com sua luz cortada, sua água cortada, com seu filho chorando com fome fica muito difícil, dessa maneira é impossível se fazer ecologia na Chapada. Podemos consorciar, temos planos para consorciar garimpo com turismo e ecologia.

P- Seu Anísio, com toda a disputa existente entre vocês garimpeiros de serra e eles, os garimpeiros de draga, o que faz o senhor está aqui e de certa forma apoiando a luta dos garimpeiros de draga?

AA- Ah... eu nunca apoiei prá bem da verdade o garimpo de draga, né. Acontece que esses homens que estão aqui, muitos são meus amigos, foram comparsas meu no passado e eu tenho amizade firme, respeito, que permanece até hoje com alguns. Mas o garimpo de draga mesmo eu não gosto não, nunca gostei. E não é por causa de briga, de dinheiro, como vocês falam: de mercado... né, não é isso, é porque acaba com os rios, acaba com as matas e ai fica difícil pra todo mundo - prá nós que trabalha garimpo, pra quem trabalha uma rocinha, essas coisas.

Mas por disputa não... garimpo, garimpo mesmo... hoje não é trabalho né... é entretenimento, como se diz, é diversão. É a hora que o sujeito pensa na vida, põe a consciência prá funcionar mesmo. Porque antes não, era trabalhoso o serviço de garimpo: era muito diamante, muito cascalho para deitar, muita função... não podia descansar, olhar para os lados, era tudo vigiado, se fosse garimpo de patrão, garimpo dos outros... eu graças a Deus nunca precisei trabalhar em garimpo alheio, só prá ajudar algum amigo, essas coisas... mas no mais, nunca tive patrão. Eu digo que é diversão o nosso garimpo, viu... porque o garimpo desse povo ai,

não... é tudo marajá, cheio da grana, enquanto nós tira dois diamantes em dois meses de trabalho, eles tiram dezesseis numa semana. Antes de ACM (Antônio Carlos Magalhães) fechar estavam tudo comprando carro, casa, restaurante, hotel, tanto que não tem ninguém na mão não... você mesmo Roberto, tá com restaurante o kilo, é empresário do turismo, tá arrumado, né?! A paralisação assim sem aviso nem chegou a atrapalhar muito porque o garimpo dele já tava dando diamante, já tava no cascalho quando os homens chegaram.

Nilson- Não é bem assim Anísio, eu por exemplo, tava começando a chegar no cascalho e a única coisa que me restou foram as dívidas, a fome, o desalento, a humilhação de ver uma arma apontada na minha cabeça, como se fosse marginal, como se garimpeiro não valesse nada. Essa dor ninguém paga, dinheiro nenhum, nós estamos lutando é por uma reparação moral, isso sim. Fui humilhado, pior que se tivesse apanhado, fui arranhado na minha moral, na minha ética. No outro dia a cidade inteira sabia que nós fomos acurralados pela Polícia Federal, fomos para delegacia, muitos foram no camburão, como verdadeiros marginais. Eu tive a sorte de achar uma carona e não precisar entrar num carro de polícia. Eu sou homem de tradição lençoense, nascido e criado aqui, não ia agüentar a dor de meus compatriotas e parentes de me ver naquele estado. Tenho filhos, netos, não poderia passar pelo que passei de forma alguma...

Entrevista: **Ronaldo Senna**

Antropólogo, ex-secretário de cultura, lençoense, escritor, fundador e idealizador junto à Universidade de Feira de Santana do “Memorial da Chapada Diamantina”. Filho de família importante da região (Seu Esmeraldo Senna), todos compradores de diamantes e antigos donos de garimpo.

Códigos: P- pesquisadora / R- Ronaldo Senna

P- Estou aqui com Ronaldo Senna, antropólogo, lençoense que vai nos falar sobre a relação que ele tem com a cidade, qual a sua inserção na história política e cultural da cidade...

R- Eu sou lençoense por destino pois nasci aqui, nasci dentro da cidade, no centro da cidade inclusive. Eu sempre observei Lençóis enquanto região e percebi que havia um potencial grande para aquilo que chamamos desenvolvimento sustentável, eu venho insistindo nisso faz tempo mas naquela época, anos 50, 60 era muito difícil se falar nisso, era a época da ideologia do progresso , uma ideologia que, de certa forma, pregava a destruição no sentido da modificação do ambiente, o importante seria a industrialização, seriam as estradas. O que hoje chamamos impacto ambiental não era considerado, sempre gostei muito daqui porque não havia em outros locais por onde andava as facilidades de contato com essa parte da natureza, que é mais agradável, que é a água, qualquer lugar a água está sempre de um lado só; ou é um rio, ou uma praia ou é só o mar, e essa variedade aqui sempre me chamou atenção. Quando eu comecei a vida acadêmica, coincidiu, em 1972 eu entrei nas duas universidades, uma delas eu já saí (aposentadoria) que é a UFBA e a outra que permanece que é a Universidade de Feira de Santana, todas as duas coincidiu com o movimento do tombamento da cidade, chamava-se “movimento pela cidade monumento”, transformar Lençóis em cidade monumento, o turismo não era um plano não, o turismo venho como consequência desse projeto, de todo esse trabalho. De lá para cá é uma construção paralela: a vida acadêmica, o turismo e as preocupações intelectuais ligadas à região, aconteceram todas ao mesmo tempo, do início da década de 70 até hoje.

P- Você já ocupou, desde que o trabalho universitário diminuiu, um cargo na prefeitura enquanto secretário de cultura, além de efetivar a sua participação como cidadão em Lençóis...

R- Na secretaria de cultura foi algo mais episódico, foram dois anos na gestão passada (prefeito Octaviano Alves - mandato cassado), o meu interesse nisso foi o de trazer a Universidade para cá...então conseguiria viabilizar uma série de convênios, um deles que deu uma grande frutificação que foi o “Memorial da Chapada Diamantina” que está pronto, pelo menos em sua parte de Geociências, é um trabalho - não é um campus avançado da UEFS - composto de 4 museus: o

museu do garimpo, o museu do coronel, o museu do jarê e a base de todos que é o museu de geociências, que é o que ficou pronto. A minha gestão foi muito centralizada nisso: trazer, dentro do possível, a Universidade para aqui, mas trazer de uma forma equilibrada, de uma forma possível, de uma forma racional. Eu nunca fui a favor de se trazer um “cacête armado” para aqui, como a UNEB (Universidade Estadual da Bahia) faz (não sei nem se posso gravar isso...); ou seja, são centros de ensino superior que não são, nem deixam de ser, não é isso que querem para Lençóis, nós queremos um campus avançado que funcione modernamente. Primeiro, a consolidação de um memorial para que esse memorial consolidado possa oferecer cursos de especialização para o aproveitamento e o aperfeiçoamento dos professores de segundo grau daqui que tenham terceiro grau para se criar um plantel de professores residentes para o futuro de um curso de terceiro grau, penso que no próximo ano já vamos começar um curso de especialização.

P- Qual a receptividade das pessoas de Lençóis em receber esse projeto?

R- A receptividade é muito boa, é muito positiva, porém eu noto que a implantação de um campus avançado ainda não ficou claro para a comunidade porque eles têm uma ansiedade muito grande para o ensino, ou seja, os pais querem que seus filhos façam o terceiro grau em Lençóis, ou seja o que é consequência ainda eles vêem como causa, porque a consolidação de um campus desse a pesquisa que é a base e a extensão e desdobramento do ensino que será a consequência final mas eles vêem como o contrário, como se universidade fosse uma casa de ensino; se resumisse à isso...a modificação dessa visão que é difícil, a consolidação do campus não, mas a modificação dessa visão...tanto que muita gente vai ficar decepcionado quando ver que a consolidação não se dá numa sala de aula imediata, mas é o que é possível fazer...

P- Com relação ao turismo, até que ponto as pessoas estão preparadas para uma estruturação turística? como você falou esse turismo foi muito mais acidental e hoje em dia qual é a tendência dele na região?

R- O que puxou o turismo para Lençóis não foi a cidade não, foi a variedade de paisagens e utilização de águas ao redor da cidade; de todas as cidades da região é a que tem maior quantidade de passeios e de sítios turísticos próximos, qualquer uma outra (cidade) é um ou dois só (passeios) o resto tem que usar carro, tem que ir mais longe. Em Lençóis tem mais de dez locais para ir à pé, isso centralizou muito. Teve também a questão que já falamos do movimento para transformar Lençóis em cidade monumento, quando começou o turismo as pessoas todas que estavam nesse grupo tentaram fazer um turismo regional, saímos à procura das prefeituras, e os poderes públicos não davam atenção, ninguém acreditou: nem o prefeito de Andaraí, nem de Mucugê, ninguém acreditou, nem o de Lençóis acreditava. Por isso o turismo venho de uma forma muito acidental, muito particular, muito aos tropeços; tanto que chegou de uma maneira muito predatória. A primeira fase do turismo aqui, uma das características principais foi a quase destruição das orquídeas vendidas, vendia-se orquídeas a peso, a saco; depois venho o aproveitamento imediato sem nenhum cuidado, ainda hoje se encontra muitos resultados de estragos em grutas: quebrar estalagmitas para levar como “peso de papel”. O que o turismo aqui tem avançado é uma certa educação...um pouco maior em relação a essas pequenas coisa. Mas não tem havido um cuidado preservacionista muito forte nas trilhas.

P- Quando você fala em turismo regional seria organizar entre as cidades da região o desenvolvimento turístico?

R- É...é o que hoje se chama “rota do turismo”, usam aí alguns nomes, talvez agora deslanche.

P- Isso poderia proporcionar uma proteção maior para a região?

R- O turismo aqui ele tem duas faces: ele é predatório, o turismo é predatório, só que ele está montado em cima de uma região que tem que ser conservada, ele existe porque a região foi conservada mas ele bate direto nessa conservação, ele é paradoxal, o turismo aqui é profundamente paradoxal. As serras, inclusive, foram preservadas, nós nunca tivemos aqui uma serra pelada justamente porque o

garimpo manual não permitia isso, porque o terreno sendo aluviônico os veios não são contínuos, tem garimpos aqui que já foram reabertos mais de dez vezes, então você abre, depois passa 20 anos abre de novo, a natureza de certa forma recupera mas mesmo assim existe uma destruição renovada; a mata Atlântica que cobre toda essa serra aqui é quaternária, três matas atlânticas já foram derrubadas. Existe, inclusive, elementos da cultura local que já sofreram isso, o Jarê por exemplo: os seus rituais são centralizados em orixás sonoros que são os atabaques, o Jarê assim como os candomblés ditos tradicionais, vêem os atabaques como orixás e esses atabaques eles tinham um fundo Nagô, uma base da constituição Nagô que é o “tronco cavado”, só que à medida que as matas vão sendo derrubadas os troncos vão ficando mais finos, então o principio Nagô tá sendo substituído pelo principio Kêto, o principio dos atabaques Nagô pelos atabaques Kêto por um motivo ecológico, não por uma passagem simbólica, não por uma transformação simbólica mas por um acontecimento ecológico. Então estão sendo adaptados já pelo principio do “barril” - que é aquele das tiras de madeira - tem uma série elementos, atualmente se procura árvore morta para se fazer isso porque são as árvores mais antigas, mas pode-se ter uma defesa em relação à isso, aqui na região ainda existem in natura elementos que outras regiões da mata atlântica não têm mais. Aqui ainda tem Gelol in natura, aqui podia se incrementar a indústria da sêda, do bicho da sêda, aqui tem amora - que o bicho da sêda só come amora natural - aqui tem almíscar ainda em natura, agora é espalhado, é mal cuidado, mas pode-se incrementar. Acho que o turismo aqui poderia ser ajudado pelo que se costuma chamar hoje de desenvolvimento auto sustentado, em vez de se derrubar árvores, destruir o ambiente para se criar o sitio turístico aumentar o número de árvores com finalidade econômica, porque o turismo é sazonal, não tem como Lençóis viver do turismo não, ele fatalmente é sazonal, ele não tem estrutura para um turismo de ano inteiro, logo a parte que não pode sobreviver do turismo tem que ter outros elementos.

P- Hoje Lençóis vive do quê? não vive só do turismo...

R- Mesmo nas fases mais fortes do turismo o que mantinha a circulação da moeda na cidade era o garimpo, o garimpo de draga (mecanizado), com a proibição o turismo não tira Lençóis da crise não, ele tem que ser secundado mas tem que ser secundado por algo que substitua o garimpo, ou seja o turismo ele acrescenta um tipo de economia ao garimpo, ele não é sucedâneo nem sucessor, ele pode até ser sucessor mas não é sucedâneo; tem que ter determinado tipo de agricultura, da mesma forma que o garimpo utilizou as águas pode se utilizar essas águas para criatório de peixes, para ranários ... tem saídas, a saída econômica com elementos ao lado do turismo é possível. O garimpo montou a cidade, tudo isso aqui é resultado do garimpo mas isso não é fatal que ele permaneça, o garimpo foi o berço da cidade mas ninguém pode passar a vida inteira no berço, algum dia tem que sair. Por exemplo, Universidade de Conquista, Universidade do Sudoeste tem um projeto que eu gosto muito que é o aproveitamento do Vale do São José, ele bem planejado, bem executado, como a Universidade previu daria para manter de imediato cerca de 200 famílias ali, sem derrubar árvore nenhuma, pelo contrário, aumentando o número de árvores, sem tocar no ambiente, plantando, apenas substituindo o mato bravo capim por plantação mas mantendo o sistema.

P- E quanto ao turismo ecológico se pudesse dizer em poucas palavras o que representa para você...

R- Acho que o turismo ecológico ele é basicamente conhecer a natureza....ele teria que ter uma base intelectualizada... eu vejo muito o turismo ecológico como o turista que vai conhecer a região para ter conhecimento de algumas faces da realidade concreta, por exemplo, o conhecimento geológico. Agora mesmo o trabalho da UEFS que resultou na parte da geociência foi materializado em um livro que vai ser lançado agora em agosto, um livro chamado: "Lençóis, uma ponte entre a geologia e o homem" dos professores que vieram fazer esse trabalho, tem essa face: seria um turismo que preservasse não apenas as trilhas mas os elementos de manutenção econômica. Acho que ajudaria muito esse turismo ecológico investimentos como mel de abelha, talvez óleo - esse óleo que se tira das cascas das

árvores - utilizar a árvore sem derrubar, acho que a coisa básica é isso. A indústria madeireira não é boa para a região, não é boa por causa do sistema de serras, quando você derruba árvores num vale o húmus que cai da serra faz o vale florescer rapidamente mas as árvores que você corta na serra o esforço que a natureza faz para renovar é muito maior, tanto que se o corte for muito rápido às vezes não tem renovação a serra fica só pedra, é o que houve por exemplo na região de Jacobina; se você conhece a cidade de Jacobina os cortes das árvores na serra teve uma velocidade muito maior do que Lençóis porque Jacobina é uma cidade maior e tal, virou serra pelada. Lençóis não houve isso, nem incêndio pelou serra em Lençóis. Esses incêndios resultam também desse tipo de desmatamento serrano, quando os arbustos não dão sombra às pedras com a mesma força das árvores, então na hora que o sol bate forma o prisma aí provoca muito a combustão espontânea. O incêndio aqui é basicamente combustão espontânea. Claro que tem um caso ou outro de um ato até criminoso de alguém tocar fogo mas não é isso não, alguém que toque fogo numa serra protegida o fogo vai dez, vinte metros, mas aqui não, atinge serras inteiras significa que há um desmatamento que ajuda a proliferação do fogo.

P- Se realmente o turista está mais consciente, qual a participação dos ecologistas e órgãos ambientais nesse processo?

R- Acho que já há alguma coisa... o ambientalismo no mundo inteiro venho para ficar, não tem muita coisa a ver com a região não, agora o ambientalismo tem uma face preservacionista e tem uma face de aproveitamento da natureza local, eu vejo mais força no preservacionismo eu não vejo muito projeto em execução, nem sequer muita propaganda em como fazer uma população sobreviver da natureza; tem muita força para se preservar a natureza, não se tocar na natureza, mas a natureza não existe para ficar intocada não, ela tem que ser orientada - ecologia me parece que é dar um sentido à natureza - que seria até a definição básica de cultura, seria um sentido que se dá à natureza em direção à vocação econômica não adianta

não tocar em nada acaba sendo destruído, tem é que se aproveitar o que tem de maneira que não acabe.

P- Existe algum monitoramento, cursos, algo nesse sentido que fale sobre educação ambiental?

R- Tem muito espaço; quando eu era secretário eu trouxe alguns mini cursos da Universidade Federal da Bahia sobre bichos peçonhentos e também da Universidade de Feira; não tem ainda um esforço bem coordenado, essa luta toda que nós estamos tendo para consolidar o campus avançado da UEFS é isso, é tornar permanente o que tem sido episódico até agora.

P- O que você pode observar, como morador, sobre as transformações que o turismo tem trazido para a cidade?

R- O turismo modificou a face da cidade, a face cultural, a cidade ficou mais cosmopolita; isso parece que não foi notado ainda pelos poderes públicos, pelos que defendem uma Lençóis que não existe mais, nem vai voltar; Lençóis para os lençoenses não existe mais, o crescimento vai se dar sempre com pessoas que vêm de fora, logo com valores que vêm de fora, o artesanato atualmente ele pode até usar motivos regionais mas ele é mais cosmopolita, mais panorâmico, o artesanato de elementos de cultura europeus como Duendes proliferam no Capão. Há uma padronização inclusive do artesanato, até coisas que se faz aqui se faz em outros locais também.

P- Que tipo de turista que mais procura Lençóis e porquê? o estrangeiro, a classe média brasileira, o mochileiro cosmopolita?

R- Eu não sei como responder isso mas penso que ainda é o turista mais próximo que é o homem de Salvador, das grandes cidades do Estado, que aproveitam os feriados, tanto que a cidade ainda enche nos feriados e um feriado prolongado não atrai gente de muito longe não, porque não dá tempo. Quando tem micareta nas cidades maiores quem não gosta vem para Lençóis. No carnaval de Salvador muita gente vem para cá fugindo do carnaval. Uma parte que ajuda muito o turismo de Lençóis é ainda a utilização de restos de famílias locais onde parentes vêm e

ocupam as casas; apesar de toda proliferação de pousadas ainda tem casas de família aqui que na época da Festa do Senhor dos Passos hospeda 40 pessoas, tem casa que precisa dormir por turno, por revezamento. Agora, as pousadas atraem tipos de turistas que tem um padrão de vida mais alto, aí então proliferam os estrangeiros; uma característica é o argentino, tem muito argentino em Lençóis, tem muito alemão, israelense (a esposa dele chama atenção para mais essa presença constante). Em Lençóis tem mais pousadas informais do que formalizadas, apesar de todo esse esforço.

P- Qual o interesse que o governo do Estado tem em investir na região?

R- Acho que é aquela questão do fenômeno que vem para ficar. O turismo não vai acabar, pelo seguinte, Lençóis tem a seu favor algo que faz o turismo permanecer, que são as águas; não é como Cachoeira, por exemplo, que era a cidade que atraía, não se acrescentou atrativos novos o turismo praticamente acabou em Cachoeira (cidade do Recôncavo). Lençóis não, enquanto tiver águas, cachoeiras, escorregadeiras ele não vai acabar, mas é um turismo superficial também e não deixa de ser predatório.

P- O que você chama de superficial?

R- É a perda do lazer sem nenhuma preocupação maior. Eu penso que o que se pode fazer é a educação através da implantação desses núcleos. Talvez o turismo noturno...o que faz o turismo não acabar é o turismo noturno; teatros por exemplo, o teatro é um grande auxiliar do turismo, tem mais turista em Salvador circulando no Pelourinho do que nas praias.

P- Qual é a vida cultural que Lençóis oferece para que isso se sustente?

R- Quase nada; o nosso esforço é justamente esse, dar uma face cultural, cênica e museológica para tirar o turista da pousada. O nosso esforço é esse, que é aquele turista que teve um nível maior de escolaridade e portanto viveria mais essas experiências, porque o turista de bom padrão de vida ele não sai dos hotéis para os barzinhos por exemplo, em sua própria pousada ele tem um barzinho melhor, mais bem servido, paga tudo no cartão, ou seja ele tem mais comodidade, mas se

você o atrai para os museus, para os espetáculos teatrais, para as vernissagens, ele já está na rua e da rua ele vai aos barzinhos, então para movimentar tem que ser isso: criar atrações para tirar os turistas das pousadas, não sou muito favorável para que se leve as atrações para as pousadas não, ao contrário.

P- Queria que você falasse mais do Memorial, são quatro museus?

R- O projeto está pronto, a parte de geociências que é a que ficou pronta materialmente, porque eu quero ir um pouco adiante....quando eu digo pronto, eu falo academicamente, ele indica as pedras, as cores das pedras, de onde vêm, as areias, uma série de curiosidades, pedras de terremotos, pedras formadas de gelo, pedras que conviveram com os dinossauros; tem essa curiosidade acadêmica mas eu queria acrescentar alguma coisa que tivesse sentido, além do turismo, para a região, que é justamente a magia e a religião, não ficar apenas na ciência; quando eu falo magia e religião estou querendo o seguinte: como esse museu de geociências é baseado em pedras, inclusive eu tenho contatos já com pessoas que vão dizer sobre o poder mágico daquelas pedras, então colocaria pedra tal: geologicamente venho disso...magicamente serve para isso... e também a visão religiosa do candomblé. Existe uma resistência à isso mesmo da Universidade. Aproveitar que é um museu de pedra e as pedras têm a face religiosa, a face mágica e geologicamente a face científica, eu acho que seria bom um museu que abordasse as três faces.

P- E existe uma resistência por parte da Universidade? (Demian)

R- Tem, eu sinto um pouco, não é uma coisa muito clara não... é meio sofismático. Mas acontece que a Universidade ela tem ainda a tradição acadêmica, o peso do positivismo ainda está muito forte, mesmo naqueles que fala mal do positivismo. Agora, claro que eu posso deslocar um pouco, se não for possível... o museu do garimpo, por exemplo, poderia ter pedras também e aí a face mágica, mas teria que repetir a mesma pedra e o museu do jarê também. O Museu do Jarê é muito difícil porque o comportamento do Jarê é muito anti-museológico, os elementos são usados dentro da "casa", eles não cedem elementos, quando fecham a casa e que os

elementos (roupa, instrumentos, etc...) poderiam servir para o museu eles são jogados fora; se a casa é do povo das águas eles procuram um lugar bem longe, assim desses garimpos que têm dois dias de caminhada para jogar lá na água, você não acha, botamos até espião para ver se pegava o material e não conseguimos e quando é do povo da (terra) eles enterram, o comportamento é (muito fechado) porque o Jarê ele tem um principio muito forte do candomblé, dito tradicional, não é uma religião para ser mostrada, é uma religião para ser vivida, então eles não estão preocupados em dizer o que são, estão preocupados em viver o que são, eles não existem para nós, o mundo acadêmico não faz parte do projeto deles; isso dificulta o museu.

P- Você fala Jarê, é esse daqui ou...?

R- Não, é a religião Jarê. Porque o Jarê atinge toda a região da Chapada, basicamente a Chapada Diamantina meridional, quando você sai da parte das lavras vai para a zona agrícola aí fica mais fácil pegar esse material, porque eles não têm muito essa preocupação, quando o Jarê sai de Lençóis, Andaraí, sai dos centros que conheceram a experiência Nagô e se parte para centros que não conheceram a experiência você vê as preocupações cerimoniais se transformarem em preocupações com rituais de cura, então as casas mais preocupadas com rituais de cura não tem uma preocupação muito grande com a manutenção dos elementos rituais mas também não tem tanta coisa como tem as casas tradicionais. Tem esse problema mas isso não faz com que o museu do Jarê deixe de ser um projeto.

P- O museu hoje já funciona?

R- Não, porque apesar do prédio para o inicio já ter sido doado pela prefeitura mas uma das funções principais da prefeitura, que seria entregar o prédio desocupado, não aconteceu, o prédio continua ocupado. Não só está ocupado como os responsáveis pelos poderes públicos querem transferir essa responsabilidade para a Universidade. A reitora não vem aqui botar ninguém para fora...já pensou ela com um chicotinho?!(risadas). Essa moleza local atrapalha um bocado o trabalho. O museu do garimpo é basicamente os materiais do garimpo, tem até uma

proposta interessante de sair do Memorial e fazer parte também de um Museu do Diamante, é uma proposta da H-stern, interessante que a H-stern andou me perguntando se eu aceitaria o museu do garimpo junto com o diamante, eu nem função tinha mais em lugar nenhum, não tive nem como responder. O museu do coronel é basicamente documental e de biblioteca - livros e revistas - agora eu só vejo sentido nesse museu se a gente conseguir trazer o arquivo de Tássio, ninguém tem e todo mundo que tem elementos dos coronéis ninguém guardou tanto material, se você juntar tudo que todas as famílias dos coronéis guardaram não dá metade do que tá guardado de Horácio (de Matos) na casa de Tássio, sem absolutamente nenhum cuidado, acho que traça está tomando conta, já deve ter perdido muita coisa...Em Mucugê baús sem nenhum cuidado, sem nenhum trabalho, que está sob poder de Tássio, filho de Horácio. Hoje as gavetas de museus nem abrem mais, tem vidro com gás hélio para conservar... a última vez que eu estive lá tinha uma sala cheia de baús, ao lado, em outra sala, eles faziam colchão de "macela", claro que a passagem de ácaros ali é em quantidade. Nos interessaria pegar esse material.

P- Falando em material, aonde está a documentação de Lençóis?

R- Tem muito pouca coisa, o arquivo público do Estado tem pouquíssima coisa sobre a região, na biblioteca da prefeitura tem alguma coisa mas é muito pouco. Perdeu-se muito, Lençóis teve incêndios, teve prédios inteiros incendiados, uma coisa muito frequente aqui é inundação, muito material se perde com a inundação, não é inundação do rio levar não, é da água penetrar e a água destrói mais do que o fogo, papel depois do incêndio escapa mais do que água. Eu já encontrei documentos preciosos por acaso, uma vez mandamos caixas de documentos para a secretaria de Minas e energia, porque era documento de garimpo - compra e venda de garimpos do século passado, demarcações - documentos esparsos tem, compra e venda de meninas escravas no mercado aí, nos anos 80 (1880), quando a lei do Ventre Livre desde de 71 tava proibido, dez anos depois ainda se fazia aqui. A cadeia sucessória jurídica tem no fórum, mas os documentos são esparsos.

Hoje tive no Fórum, tem muita terra que virou devoluta porque não tinha ninguém que reclamasse, aí o estado pega para si para redistribuir. Outra coisa interessante, fala-se muito nos coronéis, ninguém tem registro nenhum, a família Andrade não tem absolutamente nada do coronel Eleodório da Paula Ribeiro, Eleodório chegou a financiar um exército particular com jagunços, algumas dezenas de jagunços comandados por Montalvão. A família não tem nada, nem uma carta, um carimbo. A família Sá não guardou nada de César Sá, César Sá lutou com Horácio, sobreviveu à Horácio; não têm absolutamente nada, nem sequer material, louça, etc, tudo vai se perdendo, vão dando, vão quebrando... só ficou conservado mesmo o de Horácio. Em Palmeiras a família Bello manteve alguma coisa de Lidio Bello, em Ibitiara mantiveram alguma coisa do Major Franco. Essas coisas vão servir para o museu do coronel, mas a preocupação com a memória...interessante que há uma preocupação grande aqui com a herança de costumes, costumes pretensos, aqui tem gente que nunca teve coronel na família mas fala que teve, mas conservar o que interessa material, armas, cartas, carimbo, etc... foi só o Horácio (a família Matos). Estivemos agora em Itapicurú na casa do barão de Geremoabo, conservaram tudo, o que não tem lá é porque roubaram, mas tudo, tudo...até berço do século passado.

P- Falando em economia do garimpo e economia do turismo você diferenciou bem enquanto um sustentou e criou estruturas simbólicas. Me fale um pouco sobre a intervenção que as duas economias têm na natureza?(Demian)

R- Todos os dois são predatórios, o garimpo ele tem duas etapas de predação; o garimpo manual ele depreda o ambiente mas o que ele faz tem como a natureza recuperar, não é uma recuperação total, tem marcas de garimpo aqui de mais de cem anos, quando você sai da cidade e passa pela ponte São José você olha aquilo ali é garimpo desativado do século passado, nós estamos em 97, aquilo ali é garimpo dos anos 70 do século passado, ainda tem as marcas. Quando você olha, ali na Baulastrada, para o que eles chamavam garimpo Das Companhias, era manual mas era uma empresa das Companhias Francesas, você vê os cortes ainda;

mas são destruições, são barrancos onde a cobertura vegetal não volta com a mesma intensidade, são muitas vezes assoreamentos de terra (formação de piranbeiras), aqui embaixo mesmo tem. Já o garimpo de draga não, ele destrói elementos vitais, tem lagoas que deixaram de existir, no caminho do Ribeirão do Meio tem umas quatro ou cinco lagoas que deixaram de existir, o rio Capivara saiu do leito original, voltou porque o próprio garimpo precisou, chegaram a interferir até nos elementos sagrados, nos elementos simbólicos, a draga derrubou uma Gameleira, que é a árvore sagrada de candomblé, de Pedro de Laura (jarê das Capivaras), interferindo num patrimônio simbólico.

P- Houve conflito com a comunidade religiosa?(Demian)

R- Houve, não um conflito físico de morrer gente essa coisa, mas houve choque, polêmica. O garimpo de draga ele movimenta um dinheiro muito rápido, a circulação da moeda é muito intensa, então ele traz uma violência provocada pela supervalorização da ambição, com muito mais do que o garimpo manual, se você observar a história de Lençóis a violência não é muito vinculada ao garimpo é mais vinculada ao coronelismo; coronéis inclusive que nunca tiveram nada a ver com garimpo, jagunços e tal. Já o garimpo de draga não, é a violência do garimpo, Teve aqui algumas mortes por contrato, se você ver quando é que Lençóis teve uma morte por contrato antes? você só vai encontrar lá nos anos 20 (coronelismo), 70 anos praticamente Lençóis ficou sem pistoleiro e as dragas trouxeram de volta, e são crimes violentíssimos inclusive com requintes de sadismo. Porque a draga ela funciona em terreno aluviônico (apesar de movimentar tanta coisa), então na hora que pega uma catra não tem como deixar aquilo, ou o dono tá pegando...aí vem os choques.

P- E a draga trouxe muita gente de fora?

R- Outros valores, outros costumes, outros choques.

P- Garimpeiros de outras regiões né, onde já é comum essa prática, onde a violência está mais instaurada, de garimpo de ouro que é mais violento ainda, a movimentação de dinheiro é muito maior...

P- E a relação da economia do turismo intervindo no meio ambiente qual é? Quando você fala que ele depreda qual é o grau?(Demian)

R- Não é o turismo mas o turista. O garimpo depreda, não é o garimpeiro que depreda é o garimpo mesmo, já o turismo não, é o cidadão porque o projeto turístico é ao contrário do garimpo de draga, enquanto a draga não se importa com o ambiente o turismo tem que preservar o ambiente para poder atrair o turista, o que atrai o garimpeiro não é a preservação, o que atrai é o diamante, é o solo - preservado ou não - é a exploração; já o turismo é a preservação. Então na hora que o Estado faz opção pelo turismo, e a opção do Estado não é puramente política ela tem uma base econômica visível, o turismo rende impostos, o garimpo não; os próprios donos de draga calculam que - no auge das dragas, quando aqui tinha trezentas dragas nos rios (sabe que nos rios de Lençóis já chegaram a ter trezentas dragas?! é um negócio pavoroso!!) - eles mesmos calculavam que o máximo que se pagava de imposto era 5% da extração, e não tem fiscalização que dê jeito; já o turismo não - as pousadas podem até pagar pouco - mas pagam pouco por falta de competência administrativa, se você melhorar a administração, a fiscalização vem! e garimpo não é uma questão de incompetência administrativa é que a coisa sai de contrabando.

P- Você citaria que consequências, você citou consequências no caso do garimpo de draga, que consequências de predação que o turista provocaria?(Demian)

R- A pouca orientação do turismo nas trilhas, ainda esses guias não estão bem orientados, tem algumas defesas locais, por exemplo a Lapa Doce tava sendo destruída, aquele chão ali é muito frágil, não se toma mais banho na "Pratinha", tem algumas defesas locais mas ainda não se instaurou uma política clara de manter o "sítio" intocado. Porque o início do turismo não era visual o turista não vem para ver cachoeira ele vem para usar a cachoeira. Esse espírito de usar a natureza à medida que tem muita gente é sempre predatório, não é como Poços de Caldas tem muita cachoeira mas o turista só faz olhar, tem tudo, Véu da Noiva, mas o turista vai olhar, Poços de Caldas só faz beber a água sulfurosa, a única

participação deles, o resto é olhando... aí filma, fotografa, só banhos termais e aqui não, aqui é para usar: a cachoeira do Sossego é para entrar na cachoeira mesmo, os caldeirões é para tomar banho nos “caldeirões”, quando você vai à “Primavera”, à “Cachoeirinha” é para tomar banho ali mesmo, mesmo que depois aquela água toda vai para Embasa (Empresa Baiana de Saneamento). Esse turismo é que tem que ser reorientado.

P- Mas o turista tá contaminando, tá sujando?

R- A sujeira é alta, melhorou, mas ainda tem muito. Muita garrafa plástica, muito resto.

P- Mas comparando as duas formas de economia...?

R- O garimpo é muito mais predatório, incomparavelmente mais. Lençóis conservou-se tanto a parte da Mata Atlântica como casario e tudo porque o garimpo manual ele entra em crise forte, à medida que foi abandonada a natureza ficou conservada, e a draga não, o poder dela é muito alto, para manter a defesa do ecossistema em relação à draga só a proibição mesmo; e o garimpo manual ele próprio tem um alcance muito pequeno.

P- Qual a sua opinião em relação à esses projetos futuros: aeroporto, hotel 5 estrelas, turismo classe A, etc..?

R- Esse turismo é mais fácil de ser orientado contra a depredação, eu penso que está sendo bem conduzido no sentido que venho para ficar, não tem jeito, você não tem como evitar a vinda de hotéis, de aeroporto, etc., considerando este fato está sendo bem conduzido: o aeroporto mesmo está no melhor local, local mais apropriado para isso, se tira do Tanquinho (distrito de Lençóis) e botar em qualquer outro lugar era pior, se botasse no Gramis era terrível, não é que fosse destruir o Marimbús mas dificultaria a recuperação; o Marimbús tá precisando ser recuperado muita coisa já foi destruída, o Marimbús é a caixa d'água do Estado: todos os rios da Chapada, direta ou indiretamente, que formam a bacia do Paraguassú passa pelo Marimbús; se você seca o Marimbús, futuramente você pode tá secando o Paraguassú que abastece Feira de Santana, Salvador. O

Marimbús é um pantanal que tem que ser preservado. Um aeroporto naquelas proximidades ali seria uma coisa muito perigosa. Eles diziam que o aeroporto ia parar a 2 Km do Marimbús, ia parar hoje e daqui a 20 anos? Será que continuaria ali?

P- Mas agora já foi decidido que vai ser no Tanquinho mesmo?

R- Já teve até licitação. Parece que vai ser um aeroporto só para o turismo mesmo, não vai ter avião de linha não, só para táxis aéreos, etc...

P- Como isso interfere na mentalidade, essa cultura do turismo cria uma cultura local?(Demian)

R- A visão de garimpo permanece mas ela é reorientada, aquele negócio da sorte... continuam garimpando só que ao invés de garimpar diamante garimpam turista, tem gente que fica aí na estação, quando chegam os ônibus, tem gente que fica catando turista para levar... tem gente que sai das casas para alugar. O garimpo manual não deixou de existir não, mudou de direção; porque o turismo tem isso: de certa forma ele é uma garimpagem. Agora as grandes pousadas não, ela muda a face: porque aí tem os pacotes. Aqui tem garimpagem incrível, tem gente aí que aluga a sucavão, aluga porão para o sujeito dormir lá no porão, joga umas esteiras e aí pronto.

P- Na sua opinião quem hoje ganha realmente com o turismo em Lençóis, mais pessoas de fora ou da própria cidade?

R- De fora. No início o turismo não trouxe contribuição nenhuma, quase nada, para os "locais", hoje já traz alguma para um percentual pequeno; porque gente de fora é que pode investir nas pousadas, é que pode transformar as casas em pousadas, é que pode fazer restaurantes. Tem algum aproveitamento para os "locais" como cafés, lojinhas de artesanato, mas não tem muito peso não.

P- Ou seja, existe uma crise econômica desde o momento que suspendeu a economia do garimpo, já que o turismo satisfaz mais as pessoas de fora?(Demian)

R- Tem, tem...é porque o garimpo não teve sucedâneo, o turismo não é sucedâneo do garimpo é uma economia paralela, o garimpo não foi substituído pela

agricultura, não foi substituído pelo criatório, não foi substituído pela indústria, por nada permanente. Você não tem como substituir o permanente pelo episódico.

P- E essas pessoas que viviam do garimpo de draga estão vivendo do quê?

R- Muitos foram embora e alguns ficam fazendo uns bicos de turismo: guias, se empregando nos hotéis, se defendendo como pode, e muitos foram embora, a maioria foi embora, acho que até Gilberto Perninha foi embora; eu falo em Gilberto porque era o único que seguia as regras do Ibama para a draga porque os outros não seguiam não, até esse foi embora. Na hora de proibir proibiu todo mundo, inclusive ele fez um esforço danado para seguir as regras do Ibama e quando veio a proibição ele sobrou também. Não sei para onde foram mas tenho a impressão que a direção principal é Tocantins.

P- E qual a perspectiva de economia você vê?

R- Lençóis permanecia muito ainda baseada no garimpo manual antes das dragas, o garimpeiro de Lençóis, o que não venho de fora, o que já estava aqui, está voltando para o garimpo manual, muitas vezes são pessoas velhas, pessoas sem a força necessária; tanto que a crise é forte, é muito forte, a sobrevivência tá muito difícil, os próprios donos de draga já falavam que o garimpo ia acabar, que eles tinham que arranjar outra forma de vida.

P- Você sugeriu a agricultura mas como enfrentar a mentalidade que é garimpeira?(Demian)

R- É muito difícil, tem essa mentalidade que bloqueia mesmo. A mente lençoense não é agrícola é de garimpo mesmo. Lençóis tem as maiores riquezas que não são exploradas por falta de interesse.

Entrevista: **Rilza Rôla**

Socióloga, nascida e residente na cidade de Lençóis, funcionária da CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) com sede no próprio município, ecologista: atuante em vários setores da comunidade. Filha de um

antigo e conhecido dono de garimpo de serra da região (Seu Djalma Rôla, já falecido).

Códigos: P- Pesquisadora / RR- Rilza Rôla

P- Rilza vai nos falar sobre impacto ambiental, meio ambiente e turismo ecológico em Lençóis. Primeiramente gostaria de saber qual é a principal resistência que se encontra para realizar um trabalho de educação ambiental no município e de quem vem a maior resistência? garimpeiros, jovens...?

RR- O trabalho de educação ambiental não tem maiores impecilhos o que tem é uma falta de apoio e de capacitação, porque você só pode fazer um trabalho de educação ambiental se tem pessoas no município capacitadas para fazer esse trabalho; esse é o maior problema. Hoje tem uma pessoa do CRA (Centro de Recursos Ambientais) que está fazendo junto às escolas, aos professores, um trabalho de educação ambiental.

P- Voltando à atividade principal anterior da cidade, que era o garimpo, principalmente o garimpo mecanizado; qual a sua opinião: o impacto era muito grande? o que você tem a dizer sobre ele?

RR- O impacto é uma coisa notória e visível, porque ele tem vários impactos. Na realidade esse garimpo é trabalhado no leito dos rios então quando ele faz o leito do rio ele remove, ele desvia o curso do rio, conseqüentemente assoreando abaixo todo o curso do rio além de desmatar toda a mata ciliar do leito dos rios nos quais são garimpados, porque eles abrem “dragas” (?), crateras, eles vão abrindo e desmatando toda a mata ciliar e com isso eles removem toda a areia causando um processo de assoreamento do garimpo abaixo.

P- Quando foi fechado o garimpo entrevistei alguns garimpeiros e eles afirmaram que tinham um programa de garimpagem que tinha como prioridade a preservação, a restauração da área danificada, ou seja, o uso com preservação, o que você sabe sobre isso?

RR- Existe proposta, existe condições de se garimpar só que o custo da operação de um garimpo que não degrade é muito alto e a concepção do garimpeiro da região

que a gente conhece é uma concepção bem extrativista: “venha a nós e ao vosso reino nada”, entendeu? eles só querem tirar, tirar e tirar e não querem repôr nada, inclusive quando houve o primeiro fechamento dos garimpos nós discutimos com eles e eles (os garimpeiros) se garantiram de recompor a área degradada então se passou um ano e eles não fizeram absolutamente nada. Esse sim é o grande celeuma da história entre garimpeiros; eles dizem mas na prática eles não fazem; e outra, o garimpo normalmente além da questão do meio ambiente tem a sobrevivência humana, porque para um garimpo ter todas as técnicas e as nossas exigências, no caso da Chapada, seria trabalhar com o garimpo não só a condição ambiental mas a condição humana, a condição trabalhista, porque o pessoal (os piões do garimpo) não têm carteira assinada, trabalham com condições de salubridade grande, não recebem nada às vezes, recebem comida...e quando pegam diamante eles dão para o dono de garimpo vender porque normalmente no garimpo ele tem um capataz que fica no processo de fiscalização para ninguém roubar as pedras, então quando você garimpa e acha pedra vai para essa pessoa que auxilia o gerente, que é um capataz disfarçado, essa pedra vai para o dono de garimpo e o garimpeiro não sabe nem por quanto essa pedra é vendida, ele recebe um percentual dessa pedra. Quando você desconta os débitos que o garimpeiro já fez de compra, de sobrevivência da família, ele não tem nada, então ele fica na ilusão trabalhando para comer. Quando ele (garimpeiro) tem problemas de saúde, eu já tive várias pessoas que me procuraram, quando adoecia qualquer pessoa da família ou o garimpeiro eles ficavam uma semana, duas, sem trabalhar por falta de condições e ficavam passando fome - porque vários garimpeiros, várias mulheres de garimpeiro me procuravam para ver como resolvia - então eu perguntava de quem era o garimpo e mandava que eles fossem conversar com o dono do garimpo. Você vê que as condições do real garimpeiro - que tava lá trabalhando na draga - não era essa condição....ele trabalhava apenas para o sustento porque quando ele adoecia ele ficava em casa e ficava passando fome porque não recebia. Na realidade sem nenhuma segurança, com salubridade, sem carteira assinada.

Então quem ganha com tudo isso é apenas o dono de garimpo, o garimpeiro tem uma condição de trabalhador de condições sub-humanas como qualquer outro... como a maioria desses trabalhos. Mas é horrível!!

P- E hoje com o fim do garimpo essa população que vivia disso, principalmente do mecanizado, o que aconteceu?

RR- Dentro da minha compreensão o município de Lençóis vai incorporando porque é pedreiro, é ajudante, trabalhando na área rural, então eles vão criando outras alternativas dentro do município de Lençóis; eu acho que Lençóis tem condição de incorporar essa mão de obra porque a quantidade de mão de obra do município não era grande era muita gente vinda de fora então a mão de obra local foi basicamente incorporada. Tem desempregado hoje mas não é “a mão de obra garimpeira desempregada”, tem garimpeiros também mas tem outra mão de obra desempregada, como tem também muito garimpeiro que está empregado. Já Andaraí(município vizinho) complica porque ela não teve condição de assumir com três anos de seca - Andaraí tem uma área que é muito mais agrícola do que Lençóis, trabalham muito mais com pecuária - mas com os três anos de seca você não tem trabalho no município para absorver toda essa mão de obra, então é mais complicado mas eu acho que na realidade é a condição de pobreza do município de uma forma geral, acentuou o nível de desemprego mas não quer dizer que todo mundo em Andaraí era empregado, mas tinha desemprego.

P- O garimpo trazia realmente uma renda alta para o município ou é mais mito?

RR- Para o município não. Ele trazia uma renda grande para os donos de garimpo e os compradores ou os intermediários que vendiam mas não para o município, porque eles não pagavam imposto, era tudo no sistema clandestino, por isso que a gente acha que o garimpo mecanizado em um garimpo que não prejudicaria e com a proposta de retomar o garimpo, claro que ele deveria ser legalizado, com sistema trabalhista, não degradando, recuperando o pouco que se degrada; mas é um custo alto que ninguém tá a fim, então eles só pleteiam o garimpo exatamente por isso porque eles trabalham no garimpo e não pagam nada, não paga imposto, não paga

a questão trabalhista, eles só tiram e degradam o ambiente e não recompõem o ambiente então é muito fácil.

P- E não pagavam nenhuma taxa adicional, nada?

RR- Houve um período que eles estavam dando uma taxa, depois de um processo de discussão, eles estavam dando um percentual para a prefeitura onde estava sendo aplicado, mas era um percentual que eles davam.... juntavam todos os garimpos e davam um percentual para a prefeitura; esse trabalho deveria ser revestido no próprio garimpo, eu não sei exatamente a taxa, talvez o Rui (Roy Funch) possa lhe informar qual seria a taxa, porque o Rui trabalhava na Secretaria do Meio-Ambiente. Eu acho que o garimpo, para o município não, mas ele enriqueceu facilmente muitas pessoas, como empobrece também. O que eu acho muito interessante é que com o fechamento do garimpo a maior parte dos donos das dragas estavam falidos, devendo, alguns já estavam saindo do garimpo exatamente pelo processo de falência; porque o diamante daqui é aluviônico (aluvião) então ele não tem veio, não tem mina e é um diamante que é escasso; hoje você pode tirar mas a tendência é que nos vales a quantidade de diamantes ainda é insignificante, então o diamante estava ficando cada vez mais escasso, tinha muita gente que já tava falindo mesmo, acho que foi até interessante (refere-se ao fechamento dos garimpos) porque tá todo mundo devendo mas não é por causa do fechamento do garimpo, porque tinha muita gente que já estava devendo antes porque já estava falido.

P- Houve muitos donos de garimpo que fizeram associação entre garimpo e turismo? por exemplo, donos de draga que acabaram investindo em restaurante, em barzinho, etc..., conciliando as duas atividades, ou é coisa rara?

RR- No período do garimpo não, porque o garimpo infelizmente era uma doença né, porque o garimpo, como todo processo extrativista, como a loteria: quando você vai não vê outra coisa na frente; agora após o fechamento tinham algumas pessoas tentando, Roberto (dono de várias dragas, presidente da Cooperativa) tinha comprado uma casa para se tentar fazer um hotel; tem Rose com

Raimundinho que montaram um restaurante, estou falando daqui de Lençóis, porque não conheço a realidade de Andaraí; tem Grace, que era de Augusto (de origem portuguesa, era um dos maiores proprietários de garimpo de toda a região e até de outros estados, possuindo garimpo de ouro e de diamante, morreu num acidente em seu jato quando voltava do garimpo em Tocantins, seu corpo não foi encontrado) , tá com uma “pousadinha”; acho que esses são os três únicos que trabalham dentro da área (refere-se à área turística), são poucos. Mas se você ver os outros donos de garimpo tem Beréu (oriundo de Lençóis - os Lessa, família tradicional, reside em Salvador); tem Luis Senna que tem outros investimentos que não é só garimpo, porque para Luis o garimpo foi mais uma atividade; na hora que eles saem para isso (mudaram de atividade) eles não pegaram dinheiro, já foi o resto né, porque já estava falindo.

P- E o turismo qual a rentabilidade para o município, ele traz mais do que o garimpo, vem a substituir o garimpo ou não, vai ser sempre uma atividade que tem que ser complementada por outra?

RR- Eu acho que o turismo para o município - porque o município começou a se desenvolver não em função do garimpo, agora, depois do processo - porque ele foi criado em função do garimpo, com a queda a gente entrou no processo de decadência, etc..., ele (refere-se ao município) começou a reerguer de novo com o turismo aí entra-se o garimpo (de draga) que foi mais uma outra forma de renda mas a maior parte da mão de obra utilizável hoje em Lençóis é o turismo, então a renda maior hoje de manutenção do município é turismo.

P- E é mais benéfico para o município do que o garimpo?

RR- Claro!!!! porque o turismo é mais benéfico mesmo.

P- E você acha que é possível Lençóis hoje viver só do turismo?

RR- Lençóis vive hoje só do turismo. As outras coisas são tão pequenas que não justifica; tem um trabalho que a CAR está fazendo que é o plano de desenvolvimento sustentável de Lençóis, infelizmente eu não tenho uma cópia, porque não temos ainda o oficial, posso até depois passar isso para você, onde tem

os dados: e você vê que os dados de percentual turismo é incomparável. Eu acho que é a única alternativa porque imagine Lençóis não é um município agrícola, ele não tem fábrica, qual é a outra alternativa a não ser turismo? garimpo é um percentual disso, mas o garimpo com todas essas condições era uma celeuma. Ele, o garimpo, no comércio, a feira, mas a maior parte deles não faziam supermercado aqui entendeu? então era mais feira mesmo, então era uma falácia. A coisa só foi o impacto (econômico) mesmo que o povo falava: haaai...diminuiu mas é a coisa da mudança, da moeda, é o processo do impacto da economia geral do país, que foi mudança de moeda, quer dizer deu um impacto muito grande na área comercial e isso junta com a história, porque o garimpo tem um ano que foi fechado, então junta tudo e as pessoas atribuem única e exclusivamente ao garimpo, que não é verdade.

P- Esses órgãos ambientais, a maioria deles que está sediado hoje em Lençóis, o CRA, por exemplo, qual o papel desses órgãos para a cidade, com relação por exemplo ao turismo?

RR- Eu não sei em relação ao turismo, eu acho que o CRA é um órgão importante porque ele tá trabalhando dentro das questões ambientais, de fiscalização, de orientação, no trabalho com educação ambiental, e hoje com a criação da APA - Iraquara/Marimbús é o órgão oficial de orientação, de licenciamento, se alguém quer fazer algum investimento precisa (de licenciamento); então é fundamental que o órgão esteja no município para que o processo burocrático seja menor, na hora que você quer fazer um investimento e estar dentro dos critérios - que hoje tem uma parte de Lençóis que está dentro da APA, então além do Parque tem APA que é a APA Iraquara Marimbús.

P- Quais são os programas que a CAR desenvolve diretamente com a comunidade?

RR- Os trabalhos que a CAR desenvolve são projetos produtivos porque ela tem um programa que se chama: Programa Produzir, dentro desse programa ela tem uma proposta de financiamento para uma série de atividades dentro da área - ela define duas áreas: uma área de infra estrutura e outra área produtiva - dentro da

parte de infra estrutura entra: sistema de abastecimento de água, eletrificação, posto telefônico, e dentro da área produtiva ela tem uma quantidade muito grande de projetos produtivos: polpa de fruta, sabão, padaria, oficina de corte e costura, projeto com apicultura, tem uma série de projetos; agora dentro do município de Lençóis ela tá iniciando uns trabalhos que seria: posto telefônico em Riachãozinho, Estiva e Tanquinho (cantinho?), tem pontes, que seria construção de pontes no povoado de Riachãozinho, ela tem um projeto de irrigação, pequena irrigação, projeto só de 4 hectares na comunidade do Remanso.

*Interrupção

P- Estávamos falando sobre os órgãos e principalmente a CAR, que é onde você trabalha, você disse que trabalha com projetos produtivos... a CAR significa o quê?

RR- Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, ela é ligada à Secretaria de Planejamento, aqui no município de Lençóis além desses programas produtivos ela tá desenvolvendo um outro trabalho - porque além do projeto Programa Produzir - ela tem outros programas que é Programa de Apoio Municipal, onde um departamento da CAR tá elaborando o plano de desenvolvimento sustentável municipal, tem um outro departamento da CAR que tá elaborando o plano de desenvolvimento da Chapada, que seria o NUPE (?) e o município de Lençóis agora ele entra num outro convênio que é com desenvolvimento urbano, que é com o PRODUR - Programa de Desenvolvimento Urbano, ele seria um apoio à administração na compra de equipamentos, estruturação financeira, equipar a própria prefeitura com compra de computador, informatizar a prefeitura e um trabalho com o lixo.

P- Hoje em dia já se tem algum trabalho com lixo na cidade?

RR- O início é só que a CAR doou um caminhão de coleta e ela contratou uma empresa que eles elaboraram um programa que tá ali, que é o Programa de Sistema de Coleta de Lixo de Lençóis, que precisa ser implantado, que o CRA tá tentando fazer um trabalho junto à Secretaria de Obras do município para a implantação do sistema de coleta.

P- O CRA é do governo do estado?

RR- É também do governo do estado e da mesma secretaria: secretaria do planejamento, só que o CRA é Centro de Recursos Ambientais e a CAR é Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. A CAR trabalha mais com comunidades, o programa Produzir trabalha com um público meta que são pequenos produtores e pequenas comunidades rurais.

P- A CAR tá mais ligada a projetos do que o trabalho com a comunidade, esse trabalho mais de conscientização ambiental...

RR- Não, a gente não trabalha direto com trabalho de educação ambiental, a gente trabalha com projetos e com as associações, ela trabalha direto com as associações de cada área rural, de cada município, na viabilização de projetos e na reestruturação da situação de associação, de fortalecimento da associação.

P- Com relação aos programas....

RR- Que a gente trabalha com as associações porque esse programa produtivo ele só viabiliza projetos via associações e não associações patronais, associações do público meta é esse são pequenas comunidades e pequenos trabalhadores rurais e pequenos produtores; então é um projeto que ele trabalha direto, então claro que a gente trabalha direto com as associações no trabalho de fortalecimento do processo de organização mas não diretamente no processo ambiental; porque quem trabalha com ambiental mais direto é o CRA, agora eu especificamente, me envolvo por uma questão pessoal mas não é o papel da CAR, ela tem um projeto e dentro deste programa na Chapada a proposta é que seja um programa dentro da linha do sustentável, a gente tem essa preocupação de ser o sustentável, daí a CAR ter hoje um programa de desenvolvimento sustentável para a Chapada Diamantina.

P- Esse programa é um plano ainda?

RR- É um plano, tá sendo passado para o governador para ser negociado mas dentro desse programa já tem a aprovação do aeroporto - que tá dentro desse programa.

P- Qual o teor desse programa?

RR- O programa é direcionar o desenvolvimento da Chapada dentro das linhas de turismo, de economia, de agrícola, mas com uma proposta do sustentável, é desenvolvimento mas adequando desenvolvimento à preservação; você não pode investir de qualquer forma, com qualquer programa, com qualquer projeto, tem uma proposta de sustentável.

P- E que inclui o quê? para os trabalhadores...

RR- Dentro do programa para trabalhadores direto não tem para trabalhadores direto, ele tem programa de desenvolvimento, quando você fala em desenvolvimento está falando em programa de ampliação, melhoria de sobrevivência, da economia regional, programa...quando é o estado ele trabalha com a coisa mais macro, a coisa micro vem pro programa Produzir, ele trabalha especificamente com pequenas comunidades, com áreas localizadas, com cada município, porque a gente trabalha com todos os municípios da Chapada, mas com as associações das pequenas comunidades. Agora o programa de desenvolvimento da Chapada é um programa macro.

P- Mas qual é a célula mãe?

RR- O desenvolvimento e a sustentabilidade dele, a questão da preservação e sustentabilidade.

P- E com relação ao turismo? tá se acreditando mais no turismo como fonte?

RR- Não, não só turismo, turismo e economia; onde você faz e discute a questão da agricultura, não é só turismo, uma das vertentes sim é turismo mas não é só turismo. Foi feito um trabalho de levantamento do potencial da Chapada, em cima do potencial: o agrícola, o turismo, etc, se elaborou um plano de desenvolvimento sustentável em cima do potencial que a Chapada tem para se desenvolver, claro que um grande potencial é turismo e outro grande potencial é agricultura (para a região) então que tipo de agricultura? essa agricultura irrigada, desenfreada tipo de tomate, etc, não, tem que ver que tipo de agricultura e direcionar isso para quais são as propostas de investimento necessárias.

P- E o garimpo manual tá fora ou permanece pensando em algum tipo de programa para o garimpo manual?

RR- A CAR ela não pensa em nenhum programa para garimpo porque dentro da concepção do estado esse garimpo que tá ai é uma coisa encerrada, a não ser que fosse uma proposta de garimpo naquelas condições mas quando a gente viu que o custo era muito alto, nenhum garimpeiro vai topar: onde você tem a questão trabalhista legalizada, onde você paga imposto, onde você recompõe a área, ninguém faz porque o garimpo só funciona e só dá certo e o povo só tem lucro porque eles fazem nas condições sub humanas e de degradação, não recompõe absolutamente nada.

P- Então o garimpo manual fica mesmo como algo folclórico?

RR- Não se tem nenhuma proposta nesse país de se trabalhar com garimpo, imagine: um programa que onde você recebe dinheiro de bancos mundial, do Bid, do Birthigan, do Bnds, então são programas onde a questão ambiental, você não vai ativar essa questão, e os garimpeiros de serra são muito pequenos, são uma quantidade mínima, e os outros garimpeiros eles não têm nenhuma prática, esse garimpeiro que trabalhava com draga ele não tem nenhum interesse de estar com garimpo de serra porque sabe que é um trabalho que demanda persistência, demanda caminhar, demanda esforço, demanda uma série de outras coisas e a questão econômica não é tão imediata.

P- Voltando ao nosso ponto inicial do turismo ecológico, para encerrar, você colocou até que ponto é ecológico né? eu queria saber a sua opinião sobre esse turismo que vem se desenvolvendo, vem sendo explorado até a nível de conceito, ecoturismo, etc?

RR- Eu acho que a questão de ecoturismo para mim é uma....eu considero não sei se celeuma ou talvez um chavão, porque na realidade eu não consigo ver isso como turismo ecológico onde você tem uma quantidade muito grande de turistas em locais - porque a gente não tem determinado hoje na Chapada um número de turistas que você pode visitar determinada gruta, que pode comportar

determinada atração, exemplo: Ribeirão do Meio, teria que ter para um turismo ecológico isso determinado, o Ribeirão comporta hoje lá, para se considerar ecológico, um número de 50 pessoas, de repente você chega lá tem duzentas; quer dizer que utilização do atrativo é essa onde você não consegue ter um projeto de capacidade de suporte de cada área dessa, então precisaria de todo um programa de suporte para que ele se tornasse ecológico, onde as pessoas inclusive pagassem por tudo isso, tivessem a concepção de realmente preservar, você sabe que a maioria não tem; é um turismo muito de excursão e esse turismo de excursão, por mais que as pessoas tenham consciência, eu nunca considero ecológico porque são grupos grandes para um local que não tem a capacidade; às vezes você chega numa gruta e é um grupo saindo atrás do outro, quer dizer, para mim essa é a grande história que eu não considero isso como turismo ecológico.

P- O turismo não foi planejado aqui em Lençóis?

RR- Ele não é programado na Chapada, a gente ainda tem um grande problema porque tem um Parque que não é legalizado, porque para ele ser definido, é até plano de manejo da utilização do Parque ele precisaria estar efetivado, legalizado, porque é um Parque que existe mas a sua efetivação - que aí ele precisaria de todo um trabalho da situação fundiária, para que o Parque possa definir e fazer o plano de manejo.

P- Porque o Parque não foi legalizado ainda?

RR- Olha, os trâmites legais é porque precisa de recurso do governo federal porque quando você vai fazer um trabalho de situação fundiária ele vai precisar de indenização das terras que estão na área do Parque, então precisaria de recurso e parece que a União nunca liberou fundos com esse objetivo, esse é o grande impasse para o Parque não estar efetivado.

P- E tem alguém hoje tentando resolver isso?

RR- Tem sim, porque na Chapada tem o escritório do Parque, que é do Ibama, que fica em Palmeiras, que quem coordena é Rosalía, então a última informação que eu

tive é que deve tá sendo liberado um recurso para fazer o levantamento fundiário ainda.

P- Após a efetivação do Parque o que muda para a preservação ambiental, meio ambiente?

RR- Acho que muda porque a partir da efetivação você vai ter um plano de manejo, de utilização, então não pode qualquer grupo entrar no Parque, você tem que ter esse plano de manejo, de utilização de quantas pessoas, áreas que não podem ser visitadas. Precisa de um plano de manejo, porque dentro do plano de manejo você define a utilização da área, quantos comportam, áreas que não podem ser visitadas, porque hoje você tem uma circulação dentro da área do Parque muito grande do turista, você vai daqui à Palmeiras, Palmeiras-Andaraí, Andaraí-Mucugê, é uma circulação de gente muito grande dentro da área e você não tem limites e nem parâmetros, então eu acho que com a legalização começa a se redefinir: o número de pessoas para determinada trilha por dia, quais são os cuidados, as pessoas teriam que pagar taxas para visitação, porque até hoje ninguém nunca paga e não tem como você reverter, precisaria da legalização para que se possa elaborar o plano de manejo.

P- Mas já tem técnicos capacitados para a elaboração desse plano?

RR- Acho que técnicos o próprio Ibama tem, isso não é problema o próprio Ibama tem técnicos suficiente que poderia elaborar o plano, isso não é problema o problema é a verba. Porque você não pode limitar: você não vai ali, enquanto a situação real do Parque não esteja definido.

Entrevista: Delmar Araújo

Professor do Colégio de Lençóis, Secretário de Educação e Cultura do município, ator, já dirigiu grupos de teatro da cidade, educador (pedagogo), lençoense, filho de família simples da cidade: seu pai “Lourito” é sapateiro e sua mãe “Zeilda” é dona de casa.

Códigos: P- Pesquisador / D- Delmar

P- Estou aqui com Delmar que hoje é secretário de Educação e Cultura da cidade, lençoense que vai nos falar um pouco, primeiramente, sobre o próprio processo dele aqui em Lençóis, que áreas atua, o que faz, com relação à cidade.

D- Primeiro lugar eu sou professor, acima de tudo, antes de qualquer coisa, de ser secretário de educação; sou professor, trabalho no Centro Educacional Renato Pereira Viana há 16 anos - não sou velho - trabalho também com teatro desde 1980 e o nosso trabalho aqui em Lençóis, além de um trabalho na área de educação, de social e a parte também cultural a gente tem desenvolvido trabalhos de teatro que leve à conscientização das pessoas, no sentido ecológico..., nós começamos mais no sentido étnico - que o Jarê que é uma religião genuinamente africana daqui de Lençóis - as pessoas eram muito discriminadas então os negros, apesar de Lençóis 90% são pessoas negras, mas existia uma discriminação muito grande em relação a eles, em relação a nós e em relação ao próprio pessoal que atua no Jarê; então nós resolvemos trazer o Jarê para o palco, não de forma estilizada, mas para mostrar às pessoas a importância e a própria pesquisa sobre o Jarê através do teatro, além disso nós trabalhamos, fizemos outros trabalhos de conscientização ecológica....nas escolas, nas comunidades rurais. Como professor eu trabalho basicamente com português e literatura - em literatura a gente tem aproveitado o máximo possível do campo para ser trabalhado - em português a preocupação é o desenvolvimento da linguagem, observando principalmente o desenvolvimento da linguagem nossa, dos nossos valores linguísticos, nossa forma de falar, nossa maneira de expressar; enfim, aproveitando a capacidade linguística da região para uma comunicação maior com o seu espaço e com o espaço maior. Como secretário de Educação (risadas) a gente tá começando agora e estamos tentando fazer um trabalho, primeiro foi a reabertura de todas as escolas que estavam fechadas, nós conseguimos atingir mais de 100% agora de matrícula do que era o ano anterior, estamos firmando um convênio com a Universidade Estadual de Feira, que vai ser implantado aqui o Memorial da Chapada Diamantina, o Memorial consta de

núcleos do Jarê, do museu de Geociências, do museu do Coronel, museu do Garimpeiro; e já tem sido feito pesquisas, inclusive com o pessoal da Unicamp, na área de fitocitologia (estudo sobre plantas da Chapada) através da Universidade de Feira de Santana, basicamente a Universidade pretende desenvolver aqui trabalhos na área de pesquisa, de ensino e de extensão, quer dizer.... muita coisa está acontecendo; pesquisas sobre plantas ligadas à religiosidade, o curandeirismo também já está sendo feito, foi feito um livro de Ronaldo Senna: "Um Diagnóstico de Lençóis" - do qual também eu participei na pesquisa, vai ser lançado recentemente um livro, tudo isso pela UEFS, "Uma Ponte entre o Homem e a Geologia" do professor Carlos Uchôa e de Marjorie Nolasco (?) - que é uma pesquisadora também, ela está fazendo doutorado aqui em Lençóis sobre garimpos (!) e ela é de Feira de Santana; enfim a gente tem feito trabalhos, geralmente atrelado com a Universidade, com as instituições como o CRA na área de meio ambiente, com a CAR, enfim diversos outros órgãos e com a própria secretaria de Educação do Estado.

P- Fitocitologia é o quê?

D- É o estudo sobre plantas; plantas da região como maracujá, leguminosos, vários estudos de plantas; não sei se você conheceu Abel e Alexandre que estiveram aqui - eles são biólogos da Unicamp - estão fazendo um trabalho aqui faz três meses, um trabalho bastante interessante.

P- E na parte cultural, queria que você falasse um pouco sobre a estrutura que Lençóis tem, a estrutura futura também.

D- Lençóis é um pólo cultural, tem uma diversidade cultural bastante pluralística, é a grandeza das manifestações artísticas culturais, tudo isso que vem da sua própria origem, sua própria ligação com o garimpo, já faz parte da sua própria cultura; mas muita coisa já se perdeu e a gente também faz um trabalho nesse sentido de resgatar: muitas manifestações artísticas que se perderam - não de forma a impôr que ela volte a acontecer - porque tem muitas manifestações que fazem parte da história da própria família e com o desaparecimento dessas famílias

vai desaparecendo com os filhos e com os descendentes a história, a manifestação; isso não pode impôr: vamos criar, de repente, a marujada e ensaiar um grupo, você até estimular mas você não pode criar dessa forma. Quanto à resistência, não é bem resistência, há uma modificação em função do turismo mas o que nós precisamos é reforçar os valores internos, os valores culturais internos para que a gente possa também receber os valores culturais externos, não é que Lençóis não possa receber outros tipos de informações, aliás deve se receber para crescer o seu universo cada vez mais; mas é preciso reforçar e valorizar o que aqui existe para que não haja uma confusão no sentido de você negar a sua própria identidade e começar a substituir os seus valores por outros valores, que muitas vezes você não tem nem firmeza, nem consciência do que se trata; quanto às manifestações artísticas temos diversas: agora o que precisa é estímulo porque a comunidade é uma comunidade pobre e muita coisa depende de condições financeiras, por exemplo, a gente tava com um projeto do Jarê - ele tem acontecido cada vez menos - e ele acontece como reza nas casas das pessoas e muita gente deixou de comemorar essas rezas porque não tem o tambor, por exemplo, o tambor é feito de forma rústica, com couro, com tronco de madeira, que pode até se aproveitar as madeiras que caíram, uma forma de preservar, mas aí é preciso transportar essa madeira, é preciso comprar essa madeira e lhe falta condição para isso; alimentos que fazem parte também do próprio ritual, eles não podem comprar, então a gente tá com um projeto de estimular fortalecendo - no caso compras, um projeto de tambores - que seria a compra e doação desses instrumentos para aquelas pessoas que já têm tradição de fazer essa reza para que não acabe. Agora no São João mesmo nós tivemos uma experiência interessante que foi o "Bendito do São João" - que é uma reza que é feita principalmente na zona rural e que Lençóis tinha nas casas, a reza do Bendito, tem mais o Bendito de Santo Antônio e o Bendito de São João, então muita coisa se perdeu - ainda tem as rezadeiras, tem as cantadeiras mas muita coisa se perdeu - e as pessoas deixaram de valorizar porque achavam que isso não é mais bonito, que Lençóis hoje tá mais avançado, que a história é outra, começa a compreender de

uma forma deturpada, não vê que isso é que é bonito, que isso é que é nosso e que nos mostra como gente, nos mostra como pessoa; quem vem pra aqui vem ver o que é diferente, quem vem pra aqui não vem ver o que acha em qualquer lugar. Então nós juntamos...

Cadastro dos Garimpeiros de Serra de Lençóis-BA

NOME	IDADE	GARIMPO
1- Melchiades Cruz Barbosa	57 anos	X
2- Abmael Xavier de Oliveira	55 anos	Leito da Pissara
3- Assis Pereira da Silva	50 anos	Ribeirão
4- Waldir Silva Machado Endereço: Travessa São Benedito	68 anos	Morro da Palha
5- Pedro Celestino Quadro Endereço: Alto da Bela Vista	56 anos	Picara
6- José Santos Soares	50 anos	Leito da Pissara
7- João Duarte Santos (João Gia) Endereço: Alto da Estrela	58 anos	Brejo da Lama
8- Ulisses Ângelo da Cruz Endereço: Bairro Altina Alves, Alto da Estrelas	69 anos	Barro Preto/Campo Alegre
9- João Magalhães Endereço: Rua Alto do Bonfim	71 anos	Brejo da Baderna
10- Odorico Batista dos Santos Endereço: Rua do Lajedo	72 anos	Bode dos Prazes
11- Osvald Black Craig Endereço: Lavrado	73 anos	Funis
12- Domingos Bernardo Santos	58 anos	Bananeira
13- Osvaldo Neves da Silva (Dim) Endereço: Rua Maria Dilce, Centro	65 anos	Capivara
14- Cláudio dos Santos Endereço: Alto da Estrela	58 anos	Bananeira
15- Ademar Pereira Dourado (Dema) Endereço: Rua São Benedito	66 anos	Barro Branco

16- Cícero Moraes de Souza Endereço: Rua da Baderna	75 anos	Piçarra
17- Francisca Alves dos Santos (Chica) Endereço: Rua da Boa Vista	55 anos	Ribeirão de Cima
18- Manoel Nunes de Almeida (Neco) Endereço: Rua Professor Assis, 91 - Pé da Ladeira	88 anos	Santo Antônio da Cravada
19- José Ribeiro Pereira Endereço: Rua Vai Quem Quer	74 anos	Garimpo D'anta
20- Valdiro Cardoso Roldão	66 anos	Funis
21- Alfredo Cardoso Roldão Endereço: Rua Ciriaco	63 anos	Funis
22- Antônio Araújo dos Santos (Bananinha)	66 anos	Mandassaia
23- Manoel Messias Souza (Neco) Endereço: Rua do Lajedo	72 anos	Brejo da Lama
24- Antônio Jacób de Nunes (Jacó) Endereço: Rua Alto da Estrela, 24	54 anos	Piçarra
25- Eunapio Fernandes Souza (Napim)	71 anos	Solzinho (Capivara)

PESQUISA EXPLORATÓRIA

O questionário da página seguinte é uma pequena amostra do tipo de pergunta dirigida aos garimpeiros de serra. Com o término da bolsa que financiava a pesquisa não pude aplicar o questionário pessoalmente e deixei por conta de um assistente - amigo que trabalha no fórum de Lençóis. Entretanto esse amigo teve sérios problemas pessoais e não pode concluir a pesquisa, junta-se isso ao fato dos garimpeiros de serra estarem receosos de falar sobre eles e sobre seus garimpos, com medo de represálias, pois a situação desfecha para um fechamento provisório do garimpo de serra em Lençóis.

Dados Pessoais

Nome e Apelido: _____

Data de Nascimento: _____ Estado Civil: _____

Endereço: _____

Filhos e/ou Dependentes: _____

Nome do Garimpo e Local onde funciona (ou funcionava): _____

Atividade Atual (como sobrevive): _____

OBS: Os dados acima devem ser preenchidos individualmente (anexo).

HISTÓRIA DE VIDA

1. Quem foram os pais e falar do que faziam, onde moravam etc.
2. Onde e quando nasceu
3. Onde e como se criou
4. Eventos da infância
5. Quando começou a: estudar, trabalhar.
6. Ocupações que teve. Ir acompanhando pelos lugares onde morou
7. Detalhar mais quando chegar na ocupação garimpeira
8. Fim do garimpo
9. O que faz hoje

O GARIMPO

- 1- Quando e como o Sr.(a) começou a trabalhar garimpo?
- 2- Como era a vida do Sr.(a) no garimpo de antigamente? Como era o trabalho, qual era a rotina, quais eram as dificuldades e as vantagens de se trabalhar garimpo naquela época (quando o Sr. começou)?
- 3- O Sr.(a) teve (ou tem) alguma outra atividade de trabalho durante a sua vida? Se teve: qual era ou é?
- 4- Alguma vez o Sr.(a) deixou de trabalhar garimpo? Se deixou: porquê?
- 5- O garimpo já deu alguma riqueza ou alegria para o Sr.(a)? Se deu: qual foi, e quando e como aconteceu?
- 6- O garimpo já trouxe alguma tristeza, algum tipo de má sorte para o Sr.(a)? Se trouxe: qual foi, quando aconteceu e como?

A RELIGIÃO

1. O Sr.(a) participa de alguma religião, fé ou credo? Se participa: qual é, e porquê escolheu essa religião?
2. O que é o Jarê? O Sr.(a) pode explicar com suas palavras o que é?
3. O Jarê é importante para o Sr.(a)? Se é: porquê?

4. Sr.(a) costumava (ou costuma) ir ao Jarê com frequência? Já participou da organização do Jarê ou teve (ou tem) alguma função importante lá dentro? Se tem: qual é essa função?

GARIMPO DE DRAGA

1. O que o Sr.(a) pensa do garimpo de draga? Justifique (porquê).
2. Os garimpeiros de draga são diferentes de vocês (garimpeiros de serra)? Se são: porquê?

A NATUREZA

1. O que o Sr.(a) pensava sobre a natureza: matas, rios, animais, etc... no tempo que começou a trabalhar o garimpo? Qual era a importância da natureza para o Sr.(a)?
2. O que o Sr.(a) pensa da natureza hoje? Qual a importância da natureza para o Sr.(a)?
3. Qual a sua idéia sobre a ecologia, sobre o meio-ambiente e sobre todas essas coisas de defesa da natureza?
4. Qual a sua opinião sobre os órgãos e pessoas que estão trabalhando com a natureza aqui na região: tipo IBAMA, CAR, CRA e outros? Eles ajudam ou atrapalham, qual a relação que tem com eles?
5. O que é o Parque Nacional da Chapada Diamantina? E o que o Sr.(a) pensa sobre o Parque?

O TURISMO

1. O que o Sr.(a) acha do turismo que vem acontecendo na Chapada Diamantina?
2. O Sr.(a) acha que o turismo é uma atividade ecológica? Se acha: porquê?
3. O Sr.(a) trabalha ou já trabalhou com o turismo? Se trabalha: o que faz ou fez?
4. Como é a relação do Sr.(a) com os turistas: no dia a dia, no cotidiano?

A SIMBOLOGIA

1. O Sr.(a) pode falar sobre a situação geral do garimpo de serra hoje (no presente): como é a relação com a cidade de Lençóis, com o Parque Nacional, com a natureza e com o turismo?
2. Como o Sr.(a) contaria a história de Lençóis (o passado) para os que não a conhecem? Justifique (porquê).
3. Como o senhor (a) pensa ou imagina o futuro da Chapada Diamantina? Justifique (porquê).